

À PRIMEIRA FONTE

À PRIMEIRA FONTE

As origens e o sucessivo desenvolver-se da
Congregação das Irmãs Marcelinas, narrados
às suas Filhas pela Veneranda Madre Fundadora



Ir. Marina Videmari



**Instituto Internacional das
Irmãs de Santa Marcelina**

**SÃO PAULO
2019**

2ª edição em português

Digitação: Ir. Luiza Vanz (*in memoriam*)

Revisão gráfica: Ir. Ivania Vassali

Impressão: Efetiva Soluções Gráficas

Ficha catalográfica na fonte elaborada pela Biblioteca
Ir. Sophia Marchetti - Santa Marcelina Faculdades - Perdizes

V694a Videmari, Marina

À primeira fonte: as origens e o sucessivo desenvolver-se da Congregação das Irmãs Marcelinas, narrados às suas Filhas pela Veneranda Madre Fundadora / Ir. Marina Videmari.-- 2. ed. [rev. e atual. por: Ir. Diva Helena Pasqual (*in memoriam*), Ir. Lair Vieira e Ir. Marínez Rossato].-- São Paulo, SP : Instituto das Irmãs de Santa Marcelina, 2019.

172 p.

ISBN 978-85-92550-04-2

1. Congregação das Irmãs Marcelinas. 2. Ordens religiosas. I. Pasqual, Diva Helena. II. Vieira, Lair. III. Rossato, Marínez. IV. Título.

CDU: 271

*Direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta edição,
em qualquer meio ou forma, sem a expressa autorização, conforme
Lei nº 5.998/73.*

2019

Minhas caríssimas Irmãs
Assistentes Gerais e Superiores,

Relendo as primeiras notas históricas de nossa Congregação, traçadas pela nossa Venerada Madre Fundadora, tive a inspiração de publicá-las, para que o precioso patrimônio seja para nós e para todas de grande utilidade, e para que todas conheçam a origem deste nosso abençoado Instituto, do qual, neste ano, temos a honra e a alegria de celebrar o 1º centenário. Páginas maternais, cheias de sabedoria celestial, de longa experiência, ditadas por uma alma muito humilde que narra simplesmente a verdade.

De modo particular, servirão para nós como modelo, ensino, conselho para o futuro e conforto nas provações. Parecer-nos-á ouvir a palavra de Jesus aos discípulos antes de morrer: “Dei-vos o exemplo, para que, como Eu fiz, também vós façais”.

Procuremos guardá-las ciosamente, transmiti-las de Superiora a Superiora, de sorte que, expondo e comentando seu conteúdo com perspicácia e prudência às Irmãs, as Marcelinas tenham conhecimento claro de sua origem humilde, sábia e divina e, em unidade de espírito, de amor e obediência, possam haurir sempre, da primeira fonte de sua Santa Congregação, a água que brota para a vida eterna.

Vossa afeicoadíssima Madre em J.C.

IRMÃ CARLOTA LURASCHI
Superiora Geral

**NOTAS HISTÓRICAS
DO INSTITUTO
DAS MARCELINAS**

Às diletíssimas Filhas em Cristo,

às Superiores presentes e futuras
das Marcelinas

Há anos sentia, intenso, o desejo de escrever algumas notas históricas sobre nosso Instituto que, com a graça de Deus e de nosso Fundador, Mons. Luigi Biraghi, nasceu e prosperou. Reteve-me sempre, porém, o receio de que essa narração se tornasse motivo de louvor para mim e de pouca valia para a posteridade. Na dúvida, procurei o conselho de pessoas sensatas, piedosas, competentes. E elas, não só me animaram, mas quase me obrigaram a fazê-lo. Por isso, disponho-me a iniciá-la com grande emoção, enquanto suplico ao Senhor Deus, Autor e Dispensador de toda boa obra, que me assista e ilumine, a fim de que este trabalho seja para Sua glória e para ensinamento, orientação e encorajamento de todas vocês, caríssimas filhas, a cujas orações me recomendo, esteja eu viva ou morta.

Vossa afeiçoadíssima
Madre Superiora,
MARINA VIDEMARI

Milão – Casa Madre
Via Quadronno
1º de março de 1885

CAPÍTULO I

RETIRO ESPIRITUAL – INDECISÕES – DECISÃO

Em 1835 parecia-me ter chegado finalmente o momento de ingressar entre as postulantes do Convento das Salesianas em Milão. Ilusão! Deus me queria em outro caminho. Fui acometida por uma febre intermitente, quase diária, que os médicos julgaram letal. Meus pais, uma velha tia, minha madrinha de Batismo, para mim, mais do que mãe afeiçoada, tanto se opuseram à minha entrada no convento, por causa de minha saúde, que quase me persuadi de estar eu no fim da vida. Mais do que nunca estava acabrunhada e sofrendo por causa de minha indisposição; preparava-me para a morte. No fim desse mesmo ano, Deus chamou a si minha querida tia. Estávamos nas férias de outono. Em minha desolação, pedi a meus pais, que me deixassem fazer os Exercícios Espirituais em uma pequena Casa de Religiosas, na Canônica de Sto. Ambrósio, em Milão, cuja Superiora era Ir. Madalena Barioli. Elas davam aula e tinham um Oratório Festivo, onde, aos domingos, na bela estação, eu passava algumas horas. Meu pai deu-me o desejado consentimento, mas eu ignorava qual sacerdote iria pregar o Retiro. Como Deus é bom! Destinara para lá um ministro piedoso, douto, santo, que perscrutou minha alma. Dissipou minhas dúvidas. Entusiasmou-me para a vida apostólica. Arrancou-me da família e colocou-me, por assim dizer, no caminho desejado, no qual Deus me queria, embora ainda desconhecido por mim.

Percebi logo, desde o primeiro dia, que o pregador era o Diretor Espiritual do Seminário de Milão, amigo de meus pais. Por isso, sentia-me indecisa se devia ou não me abrir com ele; receava que se opusesse à minha vocação para as Salesianas... Finalmente, resolvi fazer a ele minha Confissão Geral, nada dizendo sobre minha vocação. Concluídos os Santos Exercícios, o piedoso sacerdote chamou-me ao escritório e, na presença da bondosa superiora, Ir. Madalena, me disse: “Quer permanecer aqui mais uns quinze dias? Conseguirei isso de seu pai. Assim terá tempo de me falar de sua vocação para

a vida Religiosa, à qual sei que aspira. Eu, esta boa Irmã, a oração e o auxílio de Deus, lhe faremos tomar uma decisão”.

Fiquei aturdida. Embaraçada, respondi: “Sim, ficarei de boa vontade. O Sr. pode pedir essa licença a meus pais”. Esse santo sacerdote era Pe. Luigi Biraghi. Manteve a palavra. Duas, três vezes por semana vinha ao Convento e, na presença da bondosa Superiora, procurava persuadir-me de ter eu recebido da natureza um temperamento vivo, ativo, empreendedor, não de acordo com a vida claustral e com uma Regra tão minuciosa e com tantas prescrições de dependência. Viam em mim dons especiais para religiosa enfermeira, para religiosa professora... enfim, para a vida de apostolado. Realmente, eu não sentia repugnância para tais ofícios, mas o afeto que nutria para com algumas amigas que me haviam precedido nas Salesianas fazia com que eu não cedesse.

Depois de três visitas, Pe. Luigi Biraghi, decidido, disse-me: “Se renunciar a entrar para as Salesianas, em pouco tempo obterei de seus pais a permissão desejada de se tornar Religiosa. Se se obstinar em querer ser Salesiana, renunciarei a fazer qualquer tentativa junto a seus pais, pois sei que seria trabalho perdido”. Respondi que faria uma novena em honra a Sto. Ambrósio e a Sta. Marcelina e, só depois, tomaria uma decisão. Todas as manhãs, com uma Religiosa, ia da Canônica à Basílica e, diante da cripta daqueles Santos, rezava de coração a fim de conhecer a vontade de Deus. No último dia da Novena, após a Comunhão, senti-me diferente do costume. Parecia-me até ter melhorado a saúde; alegre, serena, e firmemente decidida a me submeter, em tudo e para tudo, aos conselhos daquele santo homem, que me parecia um anjo enviado por Deus para me apontar o caminho a seguir. Ao entardecer daquele dia, Pe. Luigi Biraghi veio ao Convento e me perguntou: “O que resolveu, Marina?” A bondosa Superiora Ir. Madalena, ali presente, respondeu por mim: “Irmã de Caridade... Irmã Professora... Missionária... Posso afirmá-lo, Sr. Diretor. Leio na alma de minha Marina e não me engano”. O bom Ministro de Deus dirigiu-se a mim: “É verdade? A senhora é que deverá dizê-lo, Marina”. Respondi: “Sim, com a graça de Deus,

sinto-me disposta a tudo”. Pe. Luigi Biraghi replicou: “Sendo assim, irei procurar já seus pais e combinarei tudo o que for melhor para a senhora, in Nomine Domini!”

CAPÍTULO II

PERMANÊNCIA EM MONZA – PREPARAÇÃO PARA OS EXAMES PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA – PROJETO DE FUNDAÇÃO DE UM NOVO INSTITUTO RELIGIOSO

Após três dias, o Ministro de Deus retornou ao Convento. Tendo saudado com gentileza a superiora, Ir. Madalena, que estava sempre a meu lado, com grave e santa seriedade, dirigiu-se a mim: “Alargue o coração, Marina”, disse. “Louve a Deus. Ele abençoou a minha missão: alcancei a mais bela vitória”. “E quando? Em que Convento? ”, perguntei com entusiasmo e ânsia próprios da idade. Pe. Luigi, com aquela sua calma característica, respondeu: “Devagar, filha. É preciso que se torne uma criancinha de dois anos, que se deixa carregar para onde e quando quer quem a governa. Todavia, dir-lhe-ei algo. Com seus pais, achei melhor não ir direto ao assunto, a fim de atenuar-lhes o golpe. Falei de sua grande necessidade de mudança de ares por causa de sua saúde. Do grande desejo que tem de recordar os estudos já feitos, a fim de conseguir o diploma de professora, coisas necessárias e úteis que pais afeiçoados deveriam conceder a uma filha que tanto se sacrificara pela própria família. Eles a estimam muito e têm para comigo a maior deferência. Por isso, não só aderiram a meu pedido, mas encarregaram-me de procurar-lhe um lugar de ares bons, onde as duas finalidades pudessem ser alcançadas.

Despedi-me dos seus e fui a Monza, na casa de certas irmãs Bianchi, minhas velhas conhecidas. Combinei com elas que a recebessem como pensionista.

Garanto-lhe que vai se sentir bem sob todos os pontos de vista. Amanhã mesmo virá aqui um carro com uma boa senhora que a conduzirá a Monza”.

Ouvi tudo com ansiedade. Tomei a liberdade de perguntar apenas: “Sem me despedir de ninguém? Sem ir buscar os livros? ... o enxoval necessário? ” O Ministro de Deus, tornando-se sério, respondeu: “São Pedro, chamado por Cristo a segui-Lo, deixou o barco e as redes... E a senhora?

...”. “E eu partirei amanhã, como o senhor dispôs, Sr. Biraghi”.

Insone, passei aquela noite. Rezava. Suspirava. Mas era preciso obedecer. À hora determinada, cedo, chegou o carro. Despedi-me daquela bondosa Superiora, das diletíssimas Irmãs e parti para Monza. Fui acolhida pelas senhoras Bianchi com carinho maternal. Um quatinho bem bonito havia sido preparado para mim, com uma espécie de pequenino oratório anexo. Aquelas pobrezinhas haviam arrumado tudo de modo a me tornar agradável a estadia.

Quem eram as senhoras Bianchi? Duas ótimas irmãs. Solteiras por opção. Ricas. Instruídas. Piedosas. Fizeram grande bem em Monza, transformando a própria casa em uma espécie de Colégio, diria, quase religioso. Uma dúzia de adolescentes internas. Externato para vinte ou trinta e não mais. Estudos. Trabalhos femininos aprimorados. Catecismo. Exercícios de piedade e direção espiritual, em que se esmeravam de maneira extraordinária. Monza inteira sabe quantas jovens prendadas, ótimas mães de família e santas Religiosas, aquelas senhoras Bianchi instruíram e educaram! Dentre todas, cito uma Sirtori, que, por muitos anos, foi Superiora no Mosteiro de Santa Praxedes, em Milão, e uma Porta, Fundadora e Superiora das Sacramentinas de Monza.

Foi uma bênção especial ter passado dois anos com aquelas santas senhoras – Teresa e Gioconda Bianchi - senhoras de valor tão grande que jamais as esqueci.

Lá, meu dia passava felicíssimo. As semanas, os meses voavam, tanto estava ocupada! Pela manhã, estudo. Em seguida, a direção dos trabalhos das alunas. Persuadi-me de que aquele era o campo de ação no qual Deus me queria. O Padre Leonardi, Preposto da Igreja de Carrobbiolo, foi-me designado para confessor por Pe. Biraghi. Era o homem de Deus indicado para mim. O ótimo teólogo Borani, Diretor da Escola Bianchi, também me encorajava e me animava. Sentia-me muito bem apoiada e agradecida a ambos, e isso comunicava a meus parentes e ao Sr. Biraghi. De tempos em tempos, porém, um espinho feria-me o coração: a escolha do Mosteiro. Dois meses após minha chegada a Monza, Pe. Luigi Biraghi veio

visitar-me. Foi uma festa para as senhoras Bianchi. Convidaram-no a tomar a refeição com elas, passando, em seguida, para uma salinha. Comigo e com as Bianchi ali reunidas para conversas santas, o Ministro de Deus expôs uma sua ideia: um projeto para o qual queria minha adesão. Tencionava adquirir uns poucos metros de terreno em Cernusco sul Naviglio, para ali construir uma Casa com Capela para umas cinquenta pessoas. Feitos os exames e concluído o imóvel, eu com algumas outras moças de vocação provada, poderíamos nos transferir para lá, a fim de educar juvenzinhas, santificando-nos a nós mesmas.

Pe. Luigi Biraghi continuou: “Uma sua amiga de infância, sabendo de sua determinação, procurou-me. Quer ser sua companheira na obra que estou idealizando. Prometi-lhe assistência e apoio”. Causou-me indizível alegria ouvir que a jovem em questão era Valaperta, minha amiga de coração, a condiscípula caríssima, que contava dois anos mais do que eu, séria, instruída, criteriosa. Foi um raio de luz que não me fez hesitar em animar Pe. Luigi no empreendimento, dizendo: “Pode adquirir o terreno. Com meu dote e o de Valaperta faremos frente às despesas de construção. Depois virão outras jovens. Trabalharemos e Deus nos auxiliará”.

A bondosa senhora Teresa Bianchi, ainda que tivesse passado dos quarenta anos, à narração do ousado intento sentia-se tomada de inveja. Queria ir comigo. E eu me iludia! Não houve mais segredo entre nós duas. A correspondência com Pe. Luigi Biraghi, com a amiga do coração, com meus pais, tudo era lido e discutido com aquela piedosa senhora. A bondosa Valaperta veio visitar-nos. Ficou comigo três dias. Ela mesma se encarregou de preparar as poucas alfaias sacras para o Oratório, o necessário para cama e mesa da Casa. Eu procuraria tudo o que pudesse servir para a escola, para os trabalhos e o ensino. Pe. Luigi Biraghi prometeu ocupar-se com um regulamento de vida e do nome a ser dado ao Instituto que, depois, de comum acordo, ficou sendo o de MARCELINAS. Que sonhos dourados na idade juvenil! Quantas ilusões nos primeiros fervores.

Esparramada em Monza a notícia de que deveríamos fundar um novo Mosteiro em Cernusco, e que eu deveria ir

para lá, duas boas jovens, ex-alunas das Bianchi, tornaram-se minhas amigas. Dentro em pouco, rogaram-me que as admitisse no árduo empreendimento. Eram: Felicita Sirtori e Josefa Caronne, ambas de Monza. Comuniquei-o logo a Pe. Luigi. Vindo ele visitar-me na primavera, apresentei-lhe, jubilosa, as duas jovens. Acolheu-as qual pai, com aquela bondade cheia da dignidade que lhe era peculiar. Animou-as com santas e fortes reflexões. Ao grupo eleito, ele também tinha mais duas a acrescentar: Cristina Carini, professora municipal em Cernusco, de 30 anos, e uma certa Morganti de Monte, sua conhecida, que poderia ser cozinheira. Enviá-la-ia às senhoras Bianchi para exercitá-la na arte culinária.

O pessoal parecia já estar agrupado. O terreno adquirido. Os alicerces do edifício já lançados. Na primavera, a construção prosseguia com grande entusiasmo, sob a direção do Pe. Luigi, que a visitava de quando em quando, e a supervisão assídua de seu irmão Pedro.

CAPÍTULO III

ESTÁGIO EM MILÃO PARA A PEDAGOGIA – EXAME PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA

Esplêndido dia de maio de 1838! Pe. José Moretti, Diretor da Escola Municipal de S. Bassano Porrone em Milão, veio visitar as primas, senhoras Bianchi. Sabendo, por elas, que pretendia enfrentar os exames para a consecução do diploma e a finalidade que me propunha, o bom Sacerdote prometeu-me toda sua assistência. Pe. Moretti não tardou a visitar Pe. Biraghi, Diretor do seminário de Milão. Persuadiu-o de que seria necessário que “a Videmari, antes dos exames, fizesse dois meses de estágio em uma Escola Municipal. Assim, de acordo com as leis escolares em vigor, poderia conseguir a habilitação para abrir o Educandário em seu próprio nome”. Combinado com Pe. José Moretti, Pe. Luigi foi a Monza. Contou-me a nova exigência e a necessidade absoluta da prática pedagógica. Tal determinação causava pena a mim e às senhoras Bianchi. Discutidos os prós e os contra, foi preciso aceitar. Entretanto, não me animava a voltar à casa paterna. Queria evitar apegos e novos sofrimentos. Decidiram que voltaria à minha bondosa Ir. Madalena, no Mosteiro próximo a Santo Ambrósio. Naquela mesma semana, meu pai veio buscar-me. Com lágrimas, deixava minhas boas senhoras Bianchi, prometendo regressar logo que tivesse terminado o estágio exigido. Meu pobre pai, comovido, entregou-me à Ir. Madalena. No dia seguinte, acompanhada por uma servente do Mosteiro, iniciei meu estágio para professora, na Escola dirigida pelo Pe. Moretti. Para mim, esse foi um tempo bem duro. O longo caminhar diário, o encontro com tantas pessoas rudes, de muitíssimas Assistentes-Mestras que, salvo poucas exceções, sentiam e demonstravam tendências bem diferentes das minhas, fizeram-me passar dias bem melancólicos. O ótimo Pe. Moretti procurava animar-me, bem como Pe. Luigi que, de vez em quando, ia àquela Diretoria. Com o auxílio divino, em menos de dois meses ganhei terreno. A professora do terceiro ano, Senhora Ferrario, adoeceu. Confiaram-me a sua classe.

Assistentes, estagiárias, afeiçoaram-se a mim. Lá conheci duas juvenzinhas: Emilia Marcionni e Teresa De Ry que, alguns anos depois, se tornaram minhas queridas e valentes filhas Marcelinas.

No fim de julho do mesmo ano, chegou-me a dolorosa notícia de que minha amiga do coração estava gravemente enferma, com ascite. Voei para visitá-la. Como se abatera em três dias! Naquele rosto pálido, li a perda irreparável que estava para sofrer.... Poucas palavras, mas, quantas lágrimas misturamos! ... A pobrezinha, com voz trêmula, me disse: “Se Deus me der saúde, serei tua companheira na árdua empresa. Se Ele me quiser consigo, ser-te-ei de maior valia no Céu.... Confieemos na misericórdia do Senhor! ”

A 1º de agosto, a senhora Ferrario voltou à Escola para os exames. Para me recompensar pela assistência por mim prestada à sua classe, durante sua ausência causada por indisposição física, perguntou-me: “Senhorita Videmari, quer fazer o exame para a obtenção do Diploma? Ajudá-la-ei. Sugiro-lhe o meio mais breve e seguro: faça um requerimento à Inspetoria. Acompanhá-la-ei até lá para os exames. Em duas semanas conseguirá o Diploma e o Atestado de Pedagogia. Aqui há falta de Assistentes. Por isso, querem prendê-la até o fim do inverno. A senhora emagreceu e está se enfraquecendo”. Sentia, de fato, a alma quebrada pelo perigo de vida em que se encontrava minha amiga e com o corpo extenuado pelo calor. Aceitei a proposta, pensando comigo: “Se me sair bem, di-lo-ei ao Pe. Biraghi e ao Pe. Moretti. Se mal, repetirei os exames na primavera”. Nos dias 9 e 10 de agosto, prestei os exames. Dia 13, Mons. Carpani - Inspetor Escolar – entregou-me, pessoalmente, o Diploma de Professora e o Atestado de Pedagogia, com parabéns e bênçãos.

Voltando ao Mosteiro, recebi o aviso fúnebre do falecimento de minha Valaperta. Chorei-a com muitas lágrimas amargas. Dia 14 era o último dia de aula. Despedida das colegas, das professoras; agradecimento ao Diretor... Encontro, na Diretoria, Pe. Luigi Biraghi! Tanto este quanto Pe. Moretti, conhecedores do falecimento de Valaperta, dirigiram-me palavras de conforto. Insistiam para que ficasse em Milão

durante o inverno até a primavera adiantada, para dar tempo que a construção, quase terminada, secasse. Sentida pela morte da amiga, embarçada por haver me submetido aos exames sem que Biraghi e Moretti o soubessem, tinha nas mãos os dois diplomas, mas me sentia incapaz de articular palavra. E Pe. Luigi: “Fale! Decida alguma coisa!” Respondi: “Gostaria de voltar a Monza. Sinto-me enfraquecida... Preciso de repouso...” Moretti adiantou então: “E os exames?!... E o estágio?!... Em resposta, entreguei-lhes os dois documentos.... Leram-nos. Olharam-se no rosto e disseram (o que vim a saber depois): “Essa jovem possui um temperamento que dá o que pensar”. Pedi desculpas a ambos por haver feito os exames sem que o soubessem, dizendo a Moretti que poderia assistir-me e ajudar-me no santo empreendimento, também em Cernusco, conseguindo-me bons elementos, mas que, no estado tão anormal em que me encontrava, não poderia mais aguentar. Então o Pe. Biraghi disse-me: “Vá a Monza no fim de agosto. Dia 18 terão início os Santos Exercícios no Mosteiro de Ir. Madalena. Prega-los-á um meu colega, Pe. Luigi Speroni e é bom que esteja entre as retirantes”. Aderi de coração aberto.

CAPÍTULO IV

DURAS PROVAS – INSEGURANÇA – DESÂNIMO – UM POUCO DE LUZ

Retornei ao Mosteiro de Santo Ambrósio com a alma bastante aliviada pela certeza de rever minha Monza. Lá encontrei duas cartas da bondosa senhora Teresa Bianchi. Falava-me da jovem Morganti, que estava com ela havia um mês. Achava-a inapta para ir comigo a Cernusco. Bondosa, mas apegada às suas devoções.... Sem nenhum amor ao asseio... Sem habilidades para a cozinha e, menos ainda, para os trabalhos domésticos... Concluía dizendo que tal jovem jamais seria um auxílio para a Comunidade. Dizia-me, ainda, que a jovem Sirtori a procurava raramente, buscando pretextos fúteis de saúde, de necessidade de ares de montanha para se fortalecer.... Que a jovem Caronne estava usando roupas não modestas e a via com menos frequência na Igreja.... Tais coisas davam-lhe o que pensar com referência aos três elementos que deviam cooperar na santa obra e repetia seu estribilho: “se eu não tivesse minha irmã, seria sua companheira, minha cara Marina! Mas, coragem! Deus a assistirá! ”.

A morte da amiga de infância, as desconfortantes notícias que minha bondosa senhora Bianchi me dava foram um pesadelo para minha alma. Entrei no Retiro Espiritual desolada, aflita, incerta do futuro. Foi para mim um verdadeiro Getsêmani! O bom sacerdote Speroni, orador eloquentíssimo, fazia discursos estupendos, belíssimos exames práticos, assim me diziam! Absorvida como estava em meus pensamentos, nada entendia. Com quem iria a Cernusco?!... Que faria sozinha?!... Titubeava. Chorava. Orava. Depois voltava de novo aos meus queixumes.... Chegou o penúltimo dia de retiro. Tive que me decidir para a confissão. Pe. Luigi Speroni, piedoso, iluminado, douto, escutou-me com grande caridade. Compreendeu minha situação tão difícil, o desânimo, minha ansiedade, mas não consentiu que retirasse a palavra empenhada. Disse-me decidido: “A senhora irá a Cernusco. Se recuar, prestará contas a Deus! Teme porque está só?! Quem está com Deus, jamais

está só! Teme fazer má figura com um fracasso?! Isto é soberba! Teme pela sua incapacidade? Deus virá em seu auxílio! Não sabe que Deus se serve dos instrumentos mais débeis para grandes obras, para que toda a glória Lhe seja referida?!... Coragem, acrescentou. Deus mandará outras companheiras. Pessoas muito mais idôneas do que as primeiras. Não recue! Só assim lhe darei a absolvição”! Prometi e saí dali bastante reanimada. Terminados os Santos Exercícios, deixei minha bondosa Ir. Madalena, para regressar a Monza, acompanhada por meu pai.

As bondosas senhoras Bianchi, acolheram-me festivamente. Mas eu já não era a alegre Marina de antes. Sentia-me triste, abatida, e assim todos me achavam.

O bondoso Pe. Leonardi e o ótimo Teólogo Borani vinham visitar-me com frequência e também me repreendiam pelo meu desânimo. Disso, Pe. Luigi Biraghi se apercebeu bem pouco, porque os citados homens de Deus haviam conseguido iluminar-me o intelecto e tranquilizar-me a alma.

CAPÍTULO V
22 DE SETEMBRO DE 1838 – INÍCIO
DO INSTITUTO DAS MARCELINAS
EM CASA ALUGADA, EM CERNUSCO

A 15 de setembro, Sirtori, do campo em que se encontrava, escreveu-me retirando definitivamente a palavra dada, por falta de saúde. Pe. Luigi Biraghi comunicou-me que havia alugado a casa de dona Antonieta Vittadini, em Cernusco. Ficava em frente à Igreja Paroquial. Dispunha de cinco quartos no térreo e seis no primeiro andar; com quintal e jardim (este, porém, comum com o sacerdote que morava com a própria irmã, no lado oposto da casa). Dentro de alguns dias, mandaria buscar minha mudança para transportá-la a Cernusco. Em seguida, ele mesmo viria com a Morganti para me acompanhar. Acrescentava que, se a Morganti, de acordo com o juízo feito pela senhora Teresa Bianchi, não fosse considerada idônea, poderia despedi-la depois. Que fazer? As ordens eram decididas. A senhora Teresa Bianchi não gostou da resolução apressada, mas, piedosa, santa, aconselhou-me a obedecer. Escrevi, pois, a Pe. Luigi, dizendo que tudo estava pronto. Dia 20 foram despachadas as malas. Dia 22, sábado, veio Pe. Luigi. Despedi-me das bondosas senhoras Bianchi, mais com lágrimas do que com palavras e, com tempo úmido, chuvoso, que fazia eco ao que se passava em minha alma, entrei no carro com a Morganti e Pe. Luigi. Partimos para Cernusco, onde chegamos à hora da Ave Maria.

À porta, aguardava-nos a bondosa Cristina Carini. Havia trabalhado o dia todo, varrendo, tirando teias de aranha, pois a casa estava desativada havia dois anos. Ela mesma providenciou os primeiros comestíveis. Para aquele momento, foi nosso anjo benéfico. Pe. Luigi não desceu do carro. Fez-se conduzir à Castelana, sua casa, distante meia hora dali. Foi bom para mim que a noite chegasse! Prostrada diante de uma Virgem das Dores, em um quartinho, que foi depois nosso Oratório, após fêvida e lacrimosa prece das três, ergui-me e disse: “Deus me conduziu aqui. Deus me auxiliará a

sair-me bem! ...”. Deitamo-nos. Se dormi, não sei! Lembro apenas que, pela manhã, estava febril, quer pela umidade absorvida durante a noite, quer pelos graves pensamentos que me perturbavam. Levantamo-nos. Rezamos em comum as orações da manhã. Fizemos o asseio pessoal e o dos ambientes e fomos à Igreja para a Santa Missa e Comunhão. Voltamos a casa. Uma bondosa anciã, nossa vizinha, ofereceu-se para fazer as provisões para o dia e, como era domingo, passamos em orações, em piedosas leituras e recebendo visitas. A primeira foi a do octogenário Pe. Anastácio Pozzi, Vigário escolhido para nosso confessor. Depois, a do Pe. Pancrácio, Coadjutor; a das senhoras Felicidade e Leopoldina Tizzoni, do médico Gadda e esposa, com quatro filhas que tencionavam confiar-nos para instruir e educar. Após as Vésperas, veio Pe. Luigi Biraghi com o irmão Pedro, a irmã Domingas e o neo sacerdote, Pe. Pedro Galli, Coadjutor. A acolhida afetuosa foi recíproca, mas todos achavam-me demasiado nova para a obra e eles mesmos respondiam que era um mal que diariamente se remediaría. Pe. Luigi, para os tranquilizar, dizia que deviam chegar Religiosas experimentadas para a direção do Instituto, mas que nós iniciariamos as aulas.

Segunda-feira chega um carro... “Quem é? Quem não é? ” Desce dele uma jovem de dezoito anos com o pai. Com modos descontraídos e ingênuos diz: “Eu também estou aqui!” - “Quem é? ” “Sou Giuseppa Rogorini de Castano” . “Quem a manda? ” “Pe. Giuseppe Rossari. Ele já conversou com Pe. Biraghi. Eu estava em Monza com uma Irmã, mas, como a senhora estava em Milão, não pudemos nos encontrar”. Exultei de alegria! Tinha tanta necessidade de alguém que me compreendesse e tal me parecia ser a criatura angelical que tinha diante de mim. A Morganti era uma pessoa “sui generis”. Nervosa durante o dia, suspirava à noite, sem nada concretizar. A bondosa Cristina, piedosa, criteriosa, mas tão extenuada fisicamente que mais precisava de repouso que de ação. Que sofrimento, com o fogo que me ardia nas veias e o desejo de agir que sentia naquela idade! Rogorini, partindo o pai, ficou logo a meu lado, compartilhando de tudo para a

preparação da nova Casa. Foi até minha enfermeira, tratando-me um joelho inchado pela umidade e por ter ficado de joelhos no chão. Parecia-me ter junto a mim a bondosa Valaperta, tanto me era afeiçãoada, esperta, alegre, sempre pronta, ativa, de critério sadio. Em poucas palavras: ROGORINI tornou-se uma coluna de nossa Congregação. A pobrezinha conheceu as ânsias, as penas, a pobreza dos primeiros meses! Quantas privações! ... Mas, dentro de breve tempo, nossa pequenina Casa foi modestamente provida de todo o necessário. A nosso pequeno Oratório também nada faltava para nos fazer felizes. Pe. Luigi Biraghi, que com frequência vinha nos visitar, alegrava-se no Senhor, vendo os progressos e nossa grande atividade para organizar o novo ninho.

A 15 de outubro, após tantas indecisões, chegou, finalmente, a Caronne. Dia 31, ingressaram 14 alunas, todas dos 7 aos 12 anos, e iniciamos nossas aulas com a ordem que perdura atualmente. Em seguida, as alunas chegaram a 20. Mais do que isso o local não comportava. Mas a jovem Caronne sentia demais a falta da família. Triste, chorosa. Causava dó! Em dois meses, adoeceu duas vezes. Pe. Luigi a confortava, a animava, também com cartas.... Tudo inútil! Parecia que a coitadinha olhasse com maus olhos a Rogorini que, muitas vezes, era repreendida por Pe. Biraghi sem culpa nenhuma! Sua permanência de 4 meses foi uma verdadeira cruz para nós.

Tinha razão a senhora Bianchi: não tinha vocação para a vida religiosa. De fato, despedida por nós, casou-se, mas tão mal que, dois anos após, morreu do coração.

A senhora Teresa Bianchi vinha visitar-nos algumas vezes e me era de grande auxílio pelos seus sábios conselhos! Pe. Luigi, qual pai, assistia-nos com cartas, exortações, providências de toda espécie. As alunas correspondiam satisfatoriamente. Passamos um ano de verdadeira tranquilidade, menos dois desgostos: a despedida da Caronne e as contínuas indisposições físicas da bondosa Cristina Carini, que a consumiam. Foi preciso aconselhá-la a voltar junto da família. Deixou de si a melhor lembrança. Saindo Carini, Deus nos mandou uma outra bela alma: Maria

Beretta, de Milão, madura, 29 anos. Piedosa. Bondosa. Gentil. Uma verdadeira santinha e ativa dona de casa. Dei graças a Deus. Esta foi a terceira companheira que permaneceu no Instituto. Os bondosos Pe. Moretti, Pe. Gadda, Missionário de Rho, Pe. Leonardi, Barnabita em Monza, visitavam-nos e não se cansavam de nos animar no difícil empreendimento.

Mas, quem amortizava as despesas com a alimentação? As anuidades das alunas; a confecção dos uniformes para as mesmas; a costura de roupas brancas para fora.... Anotava-se tudo: entradas e saídas. Nas férias de outono, fizemos o Balanço e.... sobrou alguma coisa! Bom Deus! Temia tanto ter que declarar falência! Dei graças a Deus e redobrei de fervor no compromisso assumido.

CAPÍTULO VI

MUDANÇA PARA O NOVO EDIFÍCIO – AUTORIZAÇÃO ESCOLAR – DESÂNIMO DO SUPERIOR

Morria o santo octogenário, o Vigário Pozzi, nosso ótimo confessor. Poucos meses após, foi designado seu substituto o coadjutor, Pe. Pancrácio. Desde minha chegada a Cernusco, notara que este sacerdote não nos via com bons olhos. Que fazer? Seguir retamente. Ter consideração para com todos. Não ofender ninguém. Mas, como o uso do jardim era-nos comum com o Pe. Pancrácio, suspirávamos pela nossa transferência para a nova Casa. Pe. Luigi apressava os trabalhos para satisfazer nossos justos desejos. No começo de agosto, mudamo-nos para lá.

Como éramos felizes na nova habitação! Ainda que construída apenas pela metade, parecia-nos um palácio real! O pequeno Oratório, uma Catedral! Passada uma semana, Pe. Luigi anunciava-nos a chegada de mais duas jovens. A primeira que entrou, recomendada pelo Pároco de S. Eustorgio – Rosa Capelli – 18 anos, piedosa, inteligente, bem iniciada nos estudos, demonstrava critério e prometia muito. Foi a 4ª minha companheira e, ela também, se tornou uma das colunas de nossa Congregação. A segunda, proposta pelo Pe. Gadda, 20 anos, do campo, com qualidade para cozinheira – Maria Chiesa -, de Pogliano. Verdadeiramente era bastante simplória, não adestrada para os trabalhos caseiros. Mas, tal era a carência de funcionárias que foi aceita.

Já era tempo de nos pôr em ordem com as autoridades escolares, para obter a autorização de abrir uma Casa particular em meu nome. Redigi meu pedido. Preparei a planta do local. Anexeí meu diploma e o atestado de pedagogia e encaminhei tudo ao Provedor dos Estudos.

Estávamos na véspera de Nossa Senhora da Assunção. Pe. Biraghi, cansado, exausto pelo grande trabalho do Seminário e pela supervisão da construção durante quase dois meses, no meio do grande calor, sentia a necessidade de passar algumas semanas nas montanhas, a fim de se recuperar. Foi à Suíça.

Regressou na metade de outubro. O coitadinho estava bem necessitado dessas férias! De fato, desde algum tempo andava pensativo e magro, mas tanto eu quanto Rogorini ignorávamos a verdadeira angústia que o oprimia. Soubemo-lo depois.

Nós, entretanto, na nova Casa, ocupadas em dispor as salas de aula, o Oratório, o refeitório, os dormitórios, para a entrada das alunas, aguardávamos, de um dia para outro, a tão desejada aprovação escolar. A 7 de setembro daquele ano (1839), apresenta-se o Médico Municipal de Milão, Sr. Rotondi. Quer me falar. Vou recebê-lo com Rogorini.

- “É a senhora”, pergunta-me, “a senhora Marina Videmari?”.

- “Às suas ordens”, respondo.

- “Pensava que estivesse na cama...moribunda... pela bronquite”.

Respondi:

- “Estive alguns dias com dor de garganta. Nunca tive bronquite. Agora estou otimamente bem”.

- “A senhora é aquela Videmari, amiga de uma parenta minha, Valaperta, falecida há poucos anos? ”.

- “Justamente”.

- “Sinto-me feliz por poder fazer-lhe o bem”, acrescentou o médico. “Saiba que, em Cernusco, a senhora tem um adversário que enviou ao governo de Milão uma denúncia a seu respeito. Afirmo que a senhora é tuberculosa e que, portanto, é perigoso permitir-lhe a direção de um Colégio”.

Não encontrei palavras para responder. E ele me animava: “Viva tranquila”, dizia, “a mim foi confiado o encargo de inspecionar o lugar e informar-me de seu

estado de saúde. Farei uma relação conscienciosa e muito favorável. Pode ser que no fim do mês eu mesmo venha trazer-lhe o documento que deseja e também, possivelmente, uma sobrinha órfã para ser educada e instruída”.

Antes do dia dos Anjos da Guarda a quem tanto havia recomendado a questão, voltou o médico Rotondi com a desejada autorização, com a sobrinha e a esposa, Sra. Judite. Quanta gratidão para com aquele homem! Bendisse a Deus com toda a efusão de minha alma. Antes, porém, que o médico se despedisse roguei-lhe que me confiasse, se possível, o nome de quem havia feito a maldosa denúncia. Respondeu: “Sim, é bom que o saiba. É o Pe. Pancrácio! Que quer? O pobrezinho não é mau. Perturba-o a obra de Pe. Biraghi, pelo receio que tem que ele venha a ser Pároco de Cernusco!”. Que aperto ao coração! Minhas dúvidas tornaram-se certeza! E ele era nosso atual confessor! Que maçada! Conservei tudo sepultado dentro de mim e redobrei a oração.

À tarde daquele dia, Pe. Biraghi regressou da Suíça. Quanto à saúde, recuperada; mas a alma estava oprimida. Não vi alegria pela aprovação conseguida.... Não demonstrou satisfação pelo número de alunas aumentado.... Não pediu detalhes daquilo que tanto o interessava antes.... Disse-me apenas: “Virá, amanhã, o Pároco de Sto. Eustorgio com o irmão, Pároco de Zibido, e duas senhoras. Elas têm a intenção de fundar o Instituto das Ursulinas em Milão. Propus-lhes adquirirem este que eu erigi. Assim, em vez de dois, far-se-á um só e o seu futuro é mais garantido”. E nós, sentindo-nos como que assaltadas: “Que acontecerá conosco? ” “As senhoras se unirão àquelas Irmãs...” e, assim dizendo, deixava-nos, tranquilo. Eu e a bondosa Rogorini ficamos petrificadas. Dirigimo-nos ao Oratório para chorar e suspirar na mais angustiosa agonia. Depois saímos para conjecturar, para planejar nosso futuro que se nos apresentava tão incerto, tão escuro como a noite que descia naquela hora. Deitamo-nos.... Mas que noite! 4 horas! Levantamo-nos. Mandamos logo chamar o Pe. Pedro Galli, discípulo de Pe. Biraghi, Catequista e Confessor de nossas alunas, admirador de nosso trabalho e dedicado a

nosso Venerado Superior. Contamos-lhe tudo o que se havia passado na véspera. Nosso embaraço, nossas incertezas, nosso desconforto... E ele: “Tranquilizem-se.... Não são pecados estes! Calma! Calma! É necessária a oração para obter as luzes de Deus. Vou já a Santa Maria para celebrar a Santa Missa em honra do Espírito Santo. Ele saberá clarear o horizonte e fazer resplandecer o sol mais luminoso do que nunca! ”.

O céu estava ainda salpicado de estrelas. A Santa Missa chegava ao fim, quando apareceu uma nuvenzinha. Em seguida, um acavalar-se de nuvens negras, medonhas, com relâmpagos e trovões. Depois, um aguaceiro que durou cerca de três dias... que horizonte límpido! Que sol resplandecente! E não vimos mais nem o Diretor Biraghi, nem o discípulo Galli!... Passado o mau tempo, apareceu Pe. Pedro. “Viram? Minha Missa fez ou não fez prodígios? ” “Lindo aquele sol que nos presenteou com um dilúvio...” “Oh! Gente de pouca fé”, disse e, meneando a cabeça, seguiu para a sua aula de catecismo. Finalmente veio também nosso Superior Biraghi. Estava menos abatido, mais animado. Sorrindo disse: “Que aconteceu? ” “Água em abundância! ” E ele: “Para as roças. Para minha cabeça, uma luz superior para afugentar todas as dúvidas. Venham, sentem-se, minhas filhas. Aqui conversaremos. Adquiri o terreno em meu nome, assumi todas as despesas da construção. Agora, se a senhora morrer e a Rogorini se retirar, o que acontecerá? Contava com duas jovens ricas, maduras, que vêm veraneiar em Cernusco e são por mim dirigidas, mas com seu amanhã... amanhã... não tomam uma decisão!” E nós em uníssono: “Mas, que necessidade há de tanto dinheiro? Vivemos o ano passado, viveremos melhor para o futuro, aumentando o pessoal e crescendo o número de educandas. Com meu dote e com os de Rogorini, Capelli, Beretta, nós o reembolsaremos das despesas da construção”. E Pe. Luigi: “Pobres filhas! Raciocinam movidas pelo entusiasmo juvenil! Fui alertado de que se faz mister formar um patrimônio que garanta uma renda anual! ” E nós: “Quer dizer, então, que não se faz mais nada neste mundo!”... E ambas, eu e Rogorini, a pintar-lhe com as tintas mais róseas o futuro que lhe descrevíamos, de

modo que, aos poucos, foi se animando, alegrando e, quase, tranquilizando. Mas, depois, de novo, ficou téttrico! Começou a falar de seus outros desgostos, isto é, saber que Pe. Pancrácio havia posto obstáculo à autorização escolar e à licença de celebrar a Santa Missa em nosso Oratório! As más informações de falsidade religiosa chegadas ao Cardeal Gaisruk, que não nos teria concedido a licença de conservar em casa o Santíssimo Sacramento, se não quando a família contasse com o número de 50 membros! ... etc... etc... Uma jeremiada de dúvidas e de desencantos. Em poucas palavras: Pe. Luigi tornava-se um homem esmagado, profundamente abatido. E nós a replicar palavras confortadoras... a sugerir meios... a lembrar-lhe a confiança naquele Deus que até então nos havia assistido e de maneira tão prodigiosa! Para dar luz a nossas pobres insinuações, justamente naqueles dias, Deus nos mandou o Pe. Gadda para nos pregar o Retiro, com a licença de celebrar em nosso Oratório. Brilhante raio de luz em meio a tanta treva! Aquele santo homem, amigo de Pe. Biraghi, animou-o, entusiasmou-o para o empreendimento, empenhando-o de maneira tal que Pe. Luigi não teve mais dúvidas. Voltou à calma e habitual serenidade de seu semblante. Chegara o momento propício de lhe manifestar um nosso desejo, uma urgente necessidade para nossas jovens aspirantes: um pouco mais de instrução. Em Carugate, povoado próximo, morava Pe. Clemente Baroni, distinto professor de Letras, em Milão; pedi, pois, a Pe. Biraghi, a permissão de contratá-lo para nós. No primeiro momento, Pe. Luigi hesitava em admiti-lo, não por causa da idade, já madura, e por se tratar de um sacerdote profundamente piedoso, mas por causa da opinião em relação a suas ideias julgadas um tanto liberais quanto à política. Aconselhando-se, porém, com o ótimo Pe. Gadda e ponderada a necessidade da instrução que os tempos exigiam e as diretrizes que tão excelente Professor teria podido dar a nossos estudos, acabou cedendo. Chegou o dia de S. Carlos. Pe. Luigi regressou a seu seminário em Milão. E, em nosso Colégio, entravam 40 alunas. No início de dezembro, eu, Rogorini, Capelli e outras, com nossas alunas, fomos a Carugate, para

estar com o Professor Baroni. Este, no começo, acolheu-nos com certa desconfiança, mas eu o conhecia havia alguns anos, tendo sido meu Professor e de um meu irmão. Falei-lhe sobre nossas intenções. Ficou um pouco perplexo, mas, encorajado pela cunhada e pela sobrinha que residiam com ele e que já eram minhas amigas, cedeu a nosso desejo e prometeu-nos uma visita. Veio em janeiro de 1840, e, duas vezes por semana, continuou durante 30 e mais anos! Só Deus sabe o bem que ele nos fez! Tornou sua nossa causa e se consumia para nos infundir seu saber, seu amor pela verdade, pelo belo literário. Ficou tão afeiçoado às suas Marcelinas, como ele nos chamava, que, à sua morte, lhes deixou sua bela e instrutiva coleção de 2.000 e mais fotografias – viagem estereoscópica a todas as partes do mundo – como sua cara lembrança e preciosa dádiva para o Instituto das Marcelinas. Paz e glória àquela bela alma!

Pe. Luigi veio a Cernusco no dia de Santo Estêvão. Estava jubiloso, triunfante por haver conseguido do Cardeal Gaisruk a permissão de ter o Santíssimo Sacramento em Casa. Nossa alegria foi imensa! Na primavera de 1840, outras jovens uniram-se a nós: Paula Mazzucconi, de Lecco, Luigia Monfrini, de Milão, com duas outras preparadas para a cozinha. Em agosto, Maria Balabio, com o diploma de Professora. Permanecia ainda o agudo espinho que transpassava a alma do Diretor Biraghi: o receio de que voltando Pe. Pancrácio, Pároco de Cernusco, hostilizasse nossa permanência naquela cidade. E nós, de novo, a dissipar as nuvens. Também aqui, Deus veio em nosso socorro.

Estávamos no mais belo dia de maio. De repente faz-se ouvir o badalar dos sinos. Alguma coisa de extraordinário estava acontecendo: nada menos que a chegada do Cardeal Arcebispo Gaisruk, que, acompanhado pelo Pe. Pancrácio e por outros Sacerdotes da cidade, dirige-se ao Colégio para uma visita, para nos alegrar com sua presença e nos animar com suas santas e benévolas exortações. Em um instante, Irmãs e alunas estavam a postos. Recebemo-lo como ao Anjo de Conforto. Deteve-se conosco mais de uma hora. Partiu prometendo-nos sua especial proteção. Quem poderia descrever o júbilo, a comoção de todas nós por tal visita? Foi um verdadeiro oásis no meio do deserto!

Comuniquei logo ao Diretor Biraghi o feliz acontecimento.

Pouco tempo depois, veio outra não menos útil e confortadora visita. O Conde Tiago Mellerio, de veneranda memória, católico eminente, profundamente piedoso, promotor de toda obra boa, por insinuação do Sr. Luigi Moretti, irmão do Pe. José, foi a Cernusco. Percorreu nosso Colégio. Quis saber detalhadamente tudo o que nos dizia respeito. As Marcelinas o acolheram de coração largo. O grande interesse que aquele ilustre e santo homem demonstrou e teve sempre para conosco será perenemente lembrado pelo Instituto das Marcelinas.

CAPÍTULO VII

AQUISIÇÃO E FUNDAÇÃO DA CASA EM VIMERCATE

Nas férias outonais de 1840, feitos os devidos balanços de entradas e saídas, o saldo foi satisfatório. Minhas Assistentes, Rogorini e Capelli, decidiram preparar-se para o exame a fim de conseguirem os diplomas. Fizeram-no em setembro e com êxito. Com um número maior de títulos, adquirimos tranquilidade em Casa e a confiança do público. O ótimo Pe. Speroni, que nos pregava o Retiro em outubro daquele ano, me repetia: “Viu que eu fui Profeta? ”. E se alegrava no Senhor pelo bom andamento da Casa. O diretor, Pe. Biraghi, parecia mais animado e tranquilo; por isso, começamos o ano letivo com o coração sossegado. Entraram 50 alunas, e a Casa era muito pequena para aquele número. Ocupadas com nossas aulas, os dias passavam alegres. O barquinho navegava mansamente. O bom nome adquirido, a trilha seguida tão abençoada por Deus, atraíram outras jovens mestras e boas operárias a nosso ninho de paz. Emília Marcionni, Teresa De Ry, Teresa Valentini, Antonia Dominichetti, com uma para a rouparia, aumentaram o número em 1841. Antonia Gerosa, Teresa Porro e outras três fizeram parte do belo grupo. A família crescia de maneira prodigiosa e, todas cheias de gratidão, louvamos a Deus, doador de todo o bem. O Diretor Biraghi narrava estas coisas ao ilustre e ótimo Conde Mellerio, não escondendo a pena secreta a respeito da nomeação do Pároco de Cernusco (Pancrácio). O generoso e perspicaz Conde lhe disse: “Para tranquiliza-lo, eu lhe sugiro a maneira. Adquira o belo local “olim”, Convento de Ursulinas que está à venda em Vimercate. Não gostaria que caísse nas mãos de seculares! Se for nomeado um Pároco que lhe seja favorável, poderão formar dois enxames. Se for um adverso, terá para onde transportar suas tendas. Com 40 mil liras, faz-se a compra”. “E, onde encontra-las, no momento? ” “O senhor o comprará, Biraghi. Dar-lhe-ei o dinheiro nas seguintes condições: com 16 mil liras, darei duas partes, que conservarei em meu nome

enquanto viver. Depois, passarão à Superiora do lugar. 4 mil liras, as darei como dote à postulante Antonia Gerosa, filha de um ex-empregado. O restante, o senhor o restituirá pouco a pouco, à medida que lhe for possível. Fale a respeito a suas piedosas Marcelinas e dê-me, o mais depressa possível, uma resposta”. O Diretor Biraghi veio a Cernusco. Narrou a proposta. Discutimos, rezamos e concluímos que valia a pena aceitar a generosa oferta. Em junho de 1841, fizemos a bela aquisição.

Em julho foi nomeado o Pároco de Cernusco: Pe. Luigi Bennati, homem realmente piedoso, cheio de zelo e muito afeiçoado a nós. Pe. Pancrácio, admitido ao concurso, foi destinado para Sénago. Assim, terminaram as penas e as agitações para aquela Casa. Esperávamos outras, é certo, porque junto à rosa há sempre o espinho, mas nossa alma estava mais descansada e confiante por causa do santo sacerdote eleito Pároco do lugar.

Agora, todos nossos pensamentos e cuidados eram de reunir membros e tudo o que fosse necessário para a nova Casa de Vimercate. Com o Diretor, discutíamos sobre a Superiora que deixaríamos em Cernusco e quem seria transferida para a nova Casa de Vimercate. Ao Pe. Baronni parecia apta uma religiosa em quem eu, Rogorini e Capelli não julgávamos idônea... Os anos o comprovaram. Pe. Luigi decidiu definitivamente pedir a autorização escolar para Rogorini. Eu iria para o novo campo de trabalho, em Vimercate. Achava, porém, necessário, por causa da pouca idade de Rogorini, colocar-lhe ao lado duas mais maduras. Uma, Maria Beretta; a outra, de acordo com a opinião de Pe. Biraghi, parecia apta a Morganti, séria e muito rígida. Pertencia ela ao número das cozinheiras, ainda que nunca aparecesse na cozinha! Trabalhava somente um pouco na costura. Após alguma discussão, achou bom fazê-la passar à ordem das Professoras Assistentes. Foi um verdadeiro fracasso tirá-la de sua situação. Ninguém se animará a repetir a experiência. Fatal para a Morganti e de grande desgosto para o Instituto. Após dois anos de inquietação, de desejo de fazer e de incapacidade de executar, tivemos que lhe abrir a porta. Ela mesma quis sair, crendo-se chamada por Deus para grandes

coisas. Vagou aqui e acolá por quatro Mosteiros e, já passados os quarenta anos, a pobre errante se apresenta e escreve-nos suplicando ser recebida novamente. Não será jamais atendida, porque, ainda que bondosa, possui um espírito demasiado inquieto. Oh! Como a senhora Bianchi a havia conhecido melhor do que eu e do que todas! Que grande mal é tirar uma pessoa de um ofício para colocá-lo em outro mais elevado!

A 20 de outubro de 1841, eu, Capelli, Valentina e outras seis, com o doméstico Domingos, que esteve a nosso serviço por cerca de quarenta anos, verdadeiro tipo de homem de bem, fiel e cristão católico, entramos na Casa de Vimercate. Fomos acolhidas, por aquela boa gente e pelo Clero, qual bênção do Céu. Novos trabalhos e privações. Canseiras contínuas no primeiro ano. As alunas eram sessenta. Trinta, levadas de Cernusco, e outras trinta, novas, vindas do povoado e dos arredores. Mas, com a graça de Deus, tudo procedia bem. A Casa de Cernusco, com quarenta alunas, nada deixava a desejar. Os dois estabelecimentos caminhavam lado a lado, auxiliando-se reciprocamente, no santo amor de Cristo. Em 1842, outras jovens se uniram a nós. Seria muito extenso nomeá-las uma a uma. Todas jovens cheias de boa vontade e, muitas, inteligentíssimas. O ótimo Diretor Biraghi visitava-as de vez em quando, animava-as com palavras e com cartas. O santo homem rejuvenescia pelo crescimento que Deus dava ao Instituto. As quatrocentas e uma cartas que encontrarão no arquivo provam-no. O valente professor Baroni vinha semanalmente dar aulas de literatura às Irmãs e fazer experiências com as alunas. Isso era vida para aquele ótimo ancião!

Em Vimercate não houve problemas para a concessão eclesiástica de Santas Missas e a permissão de ter o Santíssimo Sacramento em Casa. Já existia a igreja interna e externa e tudo estava de acordo com a Cúria. Um ótimo vigário, Mariani, um piedoso Cônego, Panighetti, três Coadjutores que dirigiam a Paróquia, prestavam-se às nossas necessidades. Nunca houve o menor atrito, nem obstáculo de espécie alguma. Nós dávamos assistência ao Oratório feminino, ensinávamos catecismo e mantínhamos a escola gratuita para as pobrezinhas. Tudo

procedia de comum acordo, para melhor. Em 1843, aquela Casa contava com cento e trinta alunas, com suficiente número de Irmãs Professoras, Assistentes e Cozinheiras.

CAPÍTULO VIII

AUXÍLIOS – DURAS PROVAS NO DESEMPENHO DO MAGISTÉRIO RESULTADOS CONSOLADORES

Duas vezes por ano, meus parentes vinham visitar-me. Ora traziam minhas quatro irmãs menores, ora meus irmãos. Que conforto para aqueles pobrezinhos ver-me tão feliz em meu novo estado! Minhas irmãs quiseram seguir minha vocação: três se tornaram Marcelinas. Meus velhos pais não faziam mais resistência. Tranquilos, resignados, bendiziam ao Senhor!

Em 1844, entraram: Scapellini, Maria Viganó e mais três jovens operárias, que muito aliviaram o desempenho de tantas e variadas incumbências caseiras. Depois, Arbizonni, de Monteza, um pouco adiantada em anos e de saúde fraca, que havia anos desejava vir conosco. As primeiras foram verdadeiros auxílios no trabalho; esta, com seu dote suficiente para viver e não ser de peso ao Instituto que a acolhera.

Naquele mesmo ano tivemos que acrescentar uma terceira ala às duas construídas na Casa de Santa Marcelina, em Cernusco, pois o número de educandas havia aumentado muito. Em Vimercate, as alunas eram cento e trinta e seis; portanto, enorme era a necessidade de professoras e auxiliares.

Mas, em meio a tanto progresso, quem poderá imaginar as imensas fadigas, as contínuas provas que tínhamos de sustentar para formar as jovens Noviças no saber, na virtude, no nosso gênero de vida tão laborioso, pobre, apostólico, a ponto de não ter nem cela para dormir ou se retirar? O bondoso Pe. Leonardi, o teólogo Borani animavam-nos a permanecermos firmes no gênero de vida empreendido, a sermos observantes rígidas de nossos regulamentos, a despedirmos com facilidade quem não tivesse disposição para adaptar-se a eles. E quanto bendisse a Deus por procedermos assim!

O bom nome de que gozava o Instituto nos consolava, bem como a grande concorrência de alunas. Mas as meninas entravam tão viciadas, por causa da moleza dos tempos e a demasiada condescendência dos pais, que só Deus sabe quanto fazíamos para corrigi-las. Às vezes, índoles difíceis

que não sabíamos como melhorar. Pais, mães, mãezinhas incontentáveis. Redobrávamos de cuidados para que nossas educandas se afeioassem a nós. Depois, eram elas mesmas que defendiam nossa causa junto de seus entes queridos.

Em 1845 começamos a ouvir aqui e ali o bom êxito de muitas que tinham sido nossas alunas: ótimas jovens, consolo de suas famílias. Excelentes esposas e, outras, piedosas Religiosas. Que encorajamento para mim, para as Marcelinas todas! Nós, naturalmente, não impelíamos as nossas discípulas a abraçar a Vida Religiosa, menos ainda fazíamos proselitismo para nosso Instituto; mas, se alguém pedia para entrar em nossa Congregação, invadia-nos imensa alegria. A primeira do número eleito foi a prima de nosso Venerado Superior, Josefa Biraghi. Em seguida ingressaram: Emilia Simonini, Carolina Gonin, Teresa Sebregondi e, com o andar dos anos, as outras que aqui nomeio:

Marianna Sala	Margherita Pessina
Emilia Penati	Giovanna Locatelli
Caterina Locatelli	Virginia Casati
Teresa Manzoni	Emilia Garstrin
Giuseppa Frigerio	Luigia Sangiorgio
Virginia Rossi	Marina Videmari – Sobrinha
Guglielmina Bezerra	Teresa Perego
Luigia Maldifassi	Giulia Bertoloni
Giulia Faruffini	Elisa Antoniani
Genoveffa Sala	Antonia Videmari – Sobrinha
Francesca Morandi	Elisa Varenna
Margherita Giselda	Francesca Cagnola
Luigia Pirota	Luigia Videmari –Sobrinha
Rosa Varenna	Erminia Bussola
Evelina Garbagnati	Annetta Colli
Angela Consonni	Adele Rossi
Iginia Velini	Giuseppina Sozzi
Annetta Kluzer	Caterina Trincherio

Essas jovens entraram em nosso Instituto no espaço de 1844-1885.

No Noviciado, hoje, temos:

Adele Accame
Alix Rossignoli
Savina Ferrari
Giovanna Ferri
Giovanna Galbiati

Giuseppina Ferri
Alix Coulomb
Rosa Bonora
Teresa Mauri¹

São todas ótimas pessoas. Nossas alunas; diria, quase filhas do Instituto. Criadas no espírito apostólico, formadas por tantas mães espirituais, absorveram-lhe o espírito. Copiaram-lhe a pureza, a inteligência e, diria até, aquele entusiasmo que é próprio do Instituto das Marcelinas. Sejam elas lombardas, lígures, francesas, inglesas, vejo-as todas de espírito uniforme como o hábito que vestem. Oh! A melhor, a mais doce, a mais santa recompensa às duras fadigas sustentadas pela velha Madre e pelas primeiras companheiras, suas valentes cooperadoras! Quem teria imaginado dia tão límpido e sereno, após tão incerta e duvidosa aurora? ... E isto é como a luz benéfica que irradia e alegra o crepúsculo da já longa extenuada nossa existência! Queira o Senhor Deus continuar tão grande bênção; não só, mas centuplicar milhares de vezes os Seus dons, Seus auxílios e graças de toda espécie às futuras Superiores das Marcelinas.

¹ *Sabemos que 50 outras nossas alunas se consagraram a Deus em outros Institutos Religiosos: Salesianas, Agostinianas, Sacramentinas, Irmãs de Caridade e até na China, como Scatti.*

CAPÍTULO IX

ARDENTE DESEJO DE APROVAÇÃO ECLESIAÍSTICA TENTATIVAS FEITAS - CONTRATEMPO POLÍTICO

Após o santo Retiro de 1846, tivemos conosco, por alguns dias, o bom Pe. Moretti e o Diretor Biraghi. Durante a aula de literatura de Baroni, congratulavam-se conosco por termos atendido os compromissos de construção sem deixar dívidas e pelo progresso do Instituto. Eu, Rogorini, Capelli e outras duas presentes à aula, abaixamos os olhos e, enrubescendo, eu disse: “Sim, está tudo bem... Mas nos falta algo que não conseguimos obter”. Aqueles Sacerdotes conheciam nosso anseio: a aprovação diocesana de nossa Congregação. Ao que Biraghi respondeu-me: “Que lhe importa? Não podemos continuar assim? Podem crer: menos arriscado é seu futuro”. “Sim, prossegui, mas, um cachorrinho sem coleira em que se encontre o nome de seu patrão! ... E, afinal, viemos aqui para ser religiosas e reconhecidas como tais. Pe. Luigi ficou sério. Moretti riu. Baroni começou a me defender mostrando, com evidência, quão justa fosse minha ideia. De fato, muitos diziam: “Quem são as Marcelinas? Não são religiosas, porque não são aprovadas.... Não são seculares, porque levam vida de Religiosas... E outros: “As Marcelinas fazem muito bem, é verdade, mas durarão tanto quanto viver o Biraghi...”. Portanto cada um nos considerava e nos julgava segundo sua própria visão. Terminamos recomendando-nos ao Pe. Moretti para que intercedesse junto de nosso Superior. Chegou o inverno. O Diretor Biraghi fez-nos as duas visitas costumeiras, mas trouxe consigo um neo-sacerdote, piedoso, sim, mas muito empreendedor: o “factótum”, por assim dizer, da Cúria de Milão. Este Sacerdote tudo fazia para persuadir Pe. Luigi a nos unir às Filhas do Sagrado Coração, fundadas por Ir. Eustachia Verzeri e, para conseguir seu intento, exagerava as dificuldades para obter a aprovação de uma Ordem de Irmãs, quer pelo patrimônio, quer por outros pretextos. Deixaram-nos e nós ficamos discutindo as propostas que nos eram feitas, mas o resultado era sempre o mesmo: permanecer firmes na

negativa. Resistíamos firmemente em mudar de Congregação. Na primavera seguinte, voltava o Diretor Biraghi com o Pe. Prada e, pouco depois, vinha um carro que nos trazia a Marquesa Del Carretto com a Superiora Geral das Filhas do Sagrado Coração, Verzeri, com Irmã Grassi, então Superiora daquele Mosteiro. Aquela santa religiosa vinha, pessoalmente, para nos reiterar o convite. Recebemo-las com grande atenção, e, embora se esforçassem para nos dar explicações que nos dobrassem, não pronunciamos nem uma palavra de adesão. Almoçamos juntas e, à tarde, as visitas partiram. Um mês após, retribuímos-lhes a visita em sua Casa, em Brescia, eu, Rogorini, Capelli, mas sem entrar em compromissos, sem tratar de coisa alguma. O Pe. Prada tinha a intenção de construir um grandioso Colégio para as mesmas em Arluno. Estimava muito aquela Ordem Religiosa. Uma sua irmã, Teresa, nossa ex-aluna, devia ser a fundadora do Colégio. Por isso, queria nos unir àquela Ordem e dizia: “A piedade das Filhas do Sagrado Coração, unida à boa fama e atividade das Marcelinas, fará muito bem à Diocese”. Pe. José Prada tanto insistia com nosso Superior que o tornava cada vez mais receoso de dar entrada aos papéis para a aprovação das Religiosas Irmãs Marcelinas. De novo, pois, penas e angústias. Assim, arrasadas, encontrava-nos, na véspera de Santa Marcelina, o bom Conde Mellerio, vindo, como de costume, para nos visitar. Voltava justamente de Recoaro. Magro, enfraquecido por problemas do fígado: “Vê, Superiora? ”, disse-me, “Tornei-me um móvel que só serve para o porão”. “Que diz, Conde? Rezaremos e se recuperará”. E ele: “Sim, rezem para que se faça em mim a Santíssima Vontade de Deus. Mas, digam-me, nada precisam de mim? A ampulheta de minha vida está no fim. Se desejam algo, falem”. “Sim, teria uma necessidade, e muito grande!” “Diga-o”. “O senhor Conde sabe quão ardentemente desejamos a aprovação eclesiástica de nosso Instituto. Tendo-me informado acerca das exigências a este respeito, soube que não basta possuir Casas, membros, boa vontade, bom nome... É preciso que 12 de nós tenhamos uma renda de 300 libras anuais cada uma como garantia exigida pelo governo”. “Só isto? Vou ao meu caro

Gernetto e amanhã estarão contentes. E as senhoras rezem, minhas boas Marcelinas, para que a minha morte seja a de um justo”. E foi-se embora. No dia seguinte, nossa festa, vinha Pe. Luigi com um amigo de infância, Pe. João Maria Rossi, para celebrar a santa Missa. Ao meio dia, um mensageiro do Conde Mellerio trazia uma carta ao Diretor Pe. Luigi Biraghi, com um documento legal, com a determinação testamentária de deixar às Marcelinas de Cernusco e Vimercate, quando se tivessem estabelecido em Instituto Religioso, a importância de 6.000 libras austríacas. Tal documento era uma garantia que empenhava suas propriedades. Se o Instituto fosse futuramente suprimido por qualquer acontecimento, o legado em questão passaria à Congregação de Caridade de Milão. E isso, o caridoso Conde o fazia com o coração largo, tanto mais que eu o havia reembolsado do empréstimo feito por ele para a aquisição da Casa de Vimercate. O Superior, com aquele semblante sereno e cheio de dignidade e mais alegre que de costume, leu-nos o documento. Nosso júbilo transbordava... o grave obstáculo financeiro desaparecera, e nós redobramos as súplicas, a fim de alcançar o tão suspirado intento. Quão bom é o Senhor”! Dizíamos. “Não por nossos merecimentos, mas Ele nos manda, de tempos em tempos, homens santos para auxiliarem Sua obra”!

Encerrado o ano letivo com os exames, as alunas voltaram a suas famílias: Com as diretrizes de Pe. Biraghi, íamos preparando o material: Regra, programas, plantas dos locais, diplomas, atestados etc. etc... Tudo o que era exigido, quer pela Cúria Arquiepiscopal de Milão, quer pelas Autoridades Escolares e Cíveis, para dar entrada a um requerimento a S. Majestade, o Imperador da Áustria, Francisco José I. No dia de São Carlos de 1847, feita a visita de praxe ao Governador, ao Juiz imperial Delegado Escolar, chegamos à Delegacia e apresentamos nossos papéis ao Chefe da Seção, Delegado Belati. O Arcebispo de Milão, na ocasião, Bartolomeu, dos Condes Romilli, que já nos havia visitado em Vimercate e nos confiara uma sobrinha como aluna, mostrava-se muito benévolo para conosco, de maneira que estávamos certas de seu apoio.

Iniciou-se o ano escolar; redobramos orações e esforços, a fim de que o Senhor satisfizesse nosso desejo para a suspirada aprovação. No inverno, fui aconselhada a visitar as autoridades a fim de agilizar o processo, para que os papéis não ficassem parados nas diferentes seções por onde deviam tramitar. Fui com Capelli. Apresentei-me ao Belati, que me disse: “Não leu os jornais de ontem? ” ... “Não sabe que estourou a Revolução Francesa? Luigi Felipe foi destronado. República perfeita! Receio para a Lombardia algum revés também... rezem, minhas boas Irmãs! Vou suspender a remessa de seus papéis para Viena, esperando um horizonte menos tenebroso”. E o tenebroso fez-se tétrico! Em março, os cinco dias de 1848.... Depois, expulsão dos alemães... Depois, Governo Provisório Italiano... em resumo: Belati, em abril, devolveu-me os papéis em Vimercate, onde moravam suas duas irmãs, Careno e Balconi. Inútil é dizer que ficamos atordoadas e sem jeito. Porém, não desanimamos de, em melhores tempos, conseguirmos a suspirada aprovação.

CAPÍTULO X

DESGOSTOS – NOVAS PROVIDÊNCIAS PARA OBTER A APROVAÇÃO CIVIL E ECLESIASTICA – ÊXITO FELIZ

O ano de 1848 passava tranquilo quanto o permitiam os tempos de então; nós entusiastas pela desejada independência nacional. Também em 1849 nossas Escolas eram mais do que florescentes. Nenhum incidente vinha perturbar nosso ninho de paz. Mas, no final de julho, sucederam-se dias de verdadeiras angústias com a volta dos austríacos. Havia entrado em todos a ideia de mudar de cidade para maior segurança, tantas eram as barbáries e os estragos que se narravam a respeito dos alemães, angústia que penetrou também entre nós. As Marcelinas de Cernusco fecharam a Casa e vieram a Vimercate, escoltadas por quatro lavradores fortemente armados. Aqui também tínhamos um batalhão de austríacos, e as jovens Irmãs estavam tão agitadas e amedrontadas que eu temia pela sua saúde. Propuseram-me um antigo castelo em Caraverio (alta Brianza). Mandeí logo para lá umas vinte Irmãs com dois empregados para auxiliá-las. Eu e outras menos assustadas permanecemos em Vimercate. Todo o povoado estava deserto. Nosso Colégio recolhia muitas mulheres com seus filhinhos ao colo, vindas das fazendas dos arredores do nosso Instituto, tomadas de grande pânico, persuadidas de que, na Casa de Deus, não correriam perigo. Que dias de grande ansiedade! Quanto exercício de caridade! Mas, Deus seja bendito! Não sofremos susto e nem prejuízos de espécie alguma! Na metade de agosto, regressaram as que estavam em Caraverio. Rogorini com suas Irmãs voltaram a Cernusco, para redobrar o trabalho a fim de limpar e pôr em ordem o Colégio, pois que, estando vazio, foi designado pela Prefeitura para um regimento de austríacos que lá se hospedou em sua passagem por Milão. Dizia-se: “Era bem melhor permanecer firmes no próprio posto! ”. As alunas haviam sido entregues aos próprios pais na metade de julho. No S. Carlos seguinte voltaram e todas tinham sua história para contar. Bem depressa

nossos Colégios retomaram o andamento dos anos passados.

O ano de 1850 foi de muita angústia para nosso Diretor Biraghi. Por aquele seu coração de pai afetuoso, pelo seu perfil franco e leal, por aquela autoridade que lhe viera por ter educado e formado muitos jovens seminaristas, pôs-se a defender e a proteger o santo velho Cônego Panighetti, de Vimercate, por certos vexames que partiam de um seu Coadjutor. Muitas vezes o corrigiu docemente. Admoestou-o com seriedade e, vendo que tudo era inútil, o obrigou, sem que nós soubéssemos, a deixar livre a Casa que ele tinha alugado de nós. Biraghi agia com consciência e por direito, mas, para aquele Coadjutor, habituado a agir com prepotência com o bondoso Pároco Mariani, o fato chocava demais para que não se vingasse. Por meio de uma empregada, suscitou entre seus muitos conhecidos tais murmurações contra o Diretor Biraghi, que jamais tivemos tanta tribulação. O Coadjutor dizia que o Biraghi o perseguia; que não alugava a casa porque o queriam expulsar dali.... Chegando isso ao meu conhecimento, aluguei-lhe uma casa bonita e cômoda. O Coadjutor não a quis habitar e passou a morar com o Vigário do lugar. Por poucos meses, porém. Sendo o afeiçoado arcebispo Romilli informado de nosso desgosto, convidou o Coadjutor a entrar em um concurso e foi nomeado pároco de um povoado bem distante de Vimercate, e nós ficamos tranquilas. Na cidade não se falou mais de tal questão. Cessaram as tribulações. O sol brilhou mais do que nunca, límpido e sereno, sobre o horizonte do Instituto. Que ensinamento para mim, para todas e para as futuras de não se imiscuir, nem mesmo com a finalidade do bem, nas mazelas alheias! Tratar os Ministros de Deus para o Santuário com grande reserva e veneração! Com as irmãs e as domésticas dos mesmos, poucas palavras e reserva cheia de dignidade. Achei sempre esse modo de agir o melhor para viver em paz e em santa harmonia com todos.

Em 1851, os acontecimentos políticos pareciam calmos e prometiam um pouco de trégua. E nós, de novo, lutando para conseguir a aprovação religiosa. O bom Pe. Moretti, o afeiçoado prof. Baroni e outros amigos do Instituto

e de Biraghi defendiam nossa causa. O Arcebispo Romilli, que conhecia nosso ardente desejo, dissipou as dúvidas de Pe. Biraghi e o impeliu a apresentar de novo o pedido, com o processo anexo, o que se deu no fim do ano. A piedosa e gentil Condessa Francisca Nava, de Milão, foi-me propícia. Ela mesma apresentou-me, com uma companheira minha, ao Barão Pascottini, Conselheiro imperial, Delegado da Prefeitura de Milão, e também ao Delegado Villa que contribuiu, junto aos muitíssimos e altos conhecidos seus, em Milão e em Viena, para o feliz êxito de nossa petição. Nós, em nossas Casas, rezávamos, suplicávamos.... Em maio, o Delegado Villa comunica ao amigo, Conde Paulo Taverna, que a desejada aprovação havia sido concedida e assinada por S. M. o Imperador da Áustria, dia 7 do mês. Taverna comunicou logo ao amigo a alegre notícia, e ambos nô-la transmitiram em Vimercate. Júbilo em todas as Marcelinas! Louvores, agradecimentos a Deus ressoavam em nossas Casas. Os amigos, os funcionários e até as nossas meninas, que nada compreendiam, alegravam-se conosco. Catorze e mais anos de penas, de incertezas, de ansiedade, de longo desejo já não eram mais nada! Solicitamos os exames das alunas e as férias outonais, para que as Marcelinas pudessem se dispor religiosamente à santa e solene cerimônia.

CAPÍTULO XI

PREPARATIVOS – FESTA RELIGIOSA

– ENTREGA DA REGRA

A cerimônia foi marcada para o dia 13 de setembro de 1852. Na família, fervilhava o trabalho: havia quem preparava as vestes, quem ordenava e limpava o Colégio, quem tomava as necessárias providências para que a festa fosse devota, recolhida, esplêndida! O piedoso Gargantini Piatti, o mais rico do lugar, pôs à nossa disposição seu palácio para o almoço do Arcebispo, do Clero e dos convidados – uns quarenta, mais ou menos. O Pároco Mariani, tão amigo do Instituto, oferecia-nos a Casa e a Igreja. O Diretor Biraghi estava feliz e com o Chanceler, Mons. Pontiggia, e com o Mestre de Cerimônia, Germani, organizava o Ritual da função religiosa. Enquanto isso, o Barnabita, Pe. Francisco Vandoni, Pároco de Santo Alexandre, em Milão, pregava-nos uma semana de Retiro. Terminado este, convidamos vinte e quatro distintas senhoras do lugar para serem nossas madrinhas, e o Mestre de Cerimônias, vindo especialmente de Milão, ensaiou-nos para a função. O Decorador Guerra, vindo especialmente de Milão, trabalhava havia dias para decorar todas as arcadas e as colunas do quadrilátero do Mosteiro, de maneira a torná-lo um templo sagrado. A nossas custas, foi enfeitado o Santuário de Nossa Senhora, em Vimercate. Achava-se ali também um distinto Maestro de Capela, com escolhida música sacra.

Na véspera, o bimbalar dos sinos dava-nos o sinal da chegada do Supremo Pastor da Diocese. O Arcebispo Romilli, com seu Secretário Candiani e Mons. Pontiggia, Chanceler, vieram ao Colégio. Tomaram a refeição em nossa casa de hóspedes com o Vigário e o Clero. Os dois primeiros pernотaram ali. O Vigário quis em sua casa Mons. Pontiggia.

Tudo bem-disposto. Tudo bem preparado. Não faltava ninguém. Mas o tempo estava feio! Uma chuvinha miúda e contínua era um contraste com os preparativos festivos, com a alegria do coração!

É a aurora de 13 de setembro! Dia ardentemente

desejado! Chega o Venerando Superior Biraghi, com seu semblante alegre e calmo, que nos saúda com o verso de Tasso: “Vejam, filhas, e sem véu, obra tão bela quer mirar o céu! ”...

Realmente, nunca uma madrugada tão límpida e serena! O amigo Baroni, que o havia precedido, foi-lhe ao encontro: “Bravo, o meu poeta! Eu também tenho a poesia para suas Irmãs, mas só a ouvirão ao almoço...” Retiramos. O relógio dava 7 horas. Duas a duas, três a três, vinham chegando as madrinhas e, com elas, as primeiras 24 Marcelinas:

Ir. Marina Videmari	Ir. Teresa Valentini
Ir. Maria Balabio	Ir. Paola Mazzuconi
Ir. Giuseppa Biraghi	Ir. Emilia Simonini
Ir. Giuseppa Videmari	Ir. Agnese Trasi
Ir. Giuseppa Rogorini	Ir. Emilia Marcionni
Ir. Antonietta Dominichetti	Ir. Luigia Monfrini
Ir. Carolina Videmari	Ir. Carolina Gonin
Ir. Angela Spada	Ir. Maria Viganò
Ir. Rosa Capelli	Ir. Maria Beretta
Ir. Antonia Gerosa	Ir. Teresa De Ry
Ir. Carolina Del Bondio	Ir. Maria Casati
Ir. Antonia Scarpellini	Ir. Marianna Sala

Em fila, vestidas de preto, no modelo atual, com o véu branco de Noviça, dirigimo-nos ao Santuário. Como se processou a Cerimônia Sacra está impresso no opúsculo que aqui incluo. Terminada a função, o Arcebispo entregou a cada uma nossa Santa Regra, por ele aprovada, com seu autógrafo. Em seguida, em fila, cada uma acompanhada pela própria madrinha, voltamos para Casa com o véu preto. Eram 10h30 da manhã. Reunidas na Sala do Capítulo, também decorada com o trono para o Arcebispo que nos seguia, S. Excia., de lá, dirigiu-nos palavras de conforto, de encorajamento. Depois, nomeou a Superiora Geral e a Vigária do Instituto. A primeira, pobrezinha, sou eu que, desde muitos anos lhe carrego o peso. Deus me assista para que, em minha incapacidade, não

prejudique Sua obra! ... Vigária, minha primeira companheira, que até hoje exerce o ofício, minha bondosa Giuseppa Rogorini.

S. Excelência nos abençoou. Abençoou e agradeceu as ótimas madrinhas. Após as despedidas, voamos a nosso Oratório para de novo agradecer ao Altíssimo Deus. A noite daquele dia feliz e santo, enquanto, na cidade, participando de nossa festa, havia iluminação e queimavam-se fogos de artifício, nós apreciávamos as aprimoradas estrofes de nosso distinto Prof. Baroni, compostas e impressas para a circunstância festiva.

Aprovadas, em nossas Casas, professaram:

Ir. Rosa Lavezzari
Ir. Luigia Brioschi
Ir. Giuditta Chiesa
Ir. Teresa Sebregondi
Ir. Giacinta Arbizzoni
Ir. Colomba Crippa

Ir. Rachele Biraghi
Ir. Emilia Penati
Ir. Luigia Vigo
Ir. Giovanna Videmari
Ir. Teresa Panighetti
Ir. Teresa Meroni

CAPÍTULO XII

PROTETOR LEIGO DO INSTITUTO – PROJETO, FUNDAÇÃO DE UMA NOVA CASA EM MILÃO

O Decreto Governamental impunha que, dentro de quarenta dias após a fundação, a Madre Superiora da Congregação Religiosa apresentasse ao Governo, para ser aprovado na qualidade de Protetor Leigo do Instituto, um nobre que o representaria nas várias repartições. Demoramos muito na escolha, mas, depois, todos quiseram o ilustre, muito íntegro, Conde Paulo Taverna. O ótimo Conde Mellerio passara à melhor vida em 1847. Taverna era possuidor de inteligência viva, de coração excelente. Era Administrador esperto e sensato no conselho.... Todas qualidades necessárias ao caso. O Arcebispo nomeou Pe. Luigi Biraghi nosso Padre Espiritual, seu representante; o Superior efetivo, de acordo com a Regra, seria o Arcebispo da Diocese.

Pe. Biraghi comunicou a Taverna nosso desejo de tê-lo como Protetor. O bondoso Conde veio logo procurar-nos com a esposa, Dona Cecchina, piedosa e santa matrona, verdadeiro tipo da nobreza de Milão. Ele mesmo redigiu o requerimento a ser enviado ao Governo. Pouco tempo depois, chegou-nos a aprovação plena.

O casal Taverna descansava, no outono, em sua querida Canônica, em Lambro, pouco distante de Vimercate, e vinha visitar-nos frequentemente e aconselhar-nos em várias emergências. Durante o ano, porém, o víamos raramente.

Sentíamos a necessidade de abalizados professores de piano e de desenho para jovens professoras, melhores dos que tínhamos. Havia grande desejo de progredir, a fim de, ao menos, poder caminhar ao lado dos Institutos Leigos. Tais pensamentos estavam de pleno acordo com as ideias do Conde para quem “deter-se era covardia e morte”. Que fazer? Queria que armássemos uma tenda em Milão. Vai. Procura. Pergunta. O Conde Castiglioni oferece-lhe um amplo casarão na solitária rua de Quadronno. Taverna voa ao Seminário para transmitir a proposta a Biraghi. Ambos vão vê-lo. No dia

seguinte, consideram as possibilidades financeiras, e, depois, decidir. No local em questão havia uma passagem livre de Quadronno a S. Calimero, através do quintal e do jardim da casa. Pensamos. Discutimos. Voltou Taverna com as perguntas: “Então, decidiram? ” “E a passagem? ” “Nós a retiraremos”, disse o Conde. “Tenho amigos no Conselho Provincial”. Ele era Presidente da entidade. Conversa com Biraghi. Animam-se a fazer a aquisição. Trinta mil liras de entrada, eu já as tinha prontas. Em setembro daquele ano (1853), fez-se a escritura de compra. Nos anos sucessivos, com o dote das novas postulantes aceitas, pagamos completamente o imóvel. Quinze dias após, nosso ótimo Padre espiritual, Biraghi, foi tomado de tal depressão e desânimo como nunca! Achava que as despesas eram superiores às nossas forças. Parecia-lhe que o local não se prestasse bem às necessidades do Instituto.... Frente às dúvidas quanto ao compromisso, eu o tranquilizava com os balanços na mão. Não havia motivos para se preocupar tanto! Quanto ao local, não sabia o que dizer, porque não havia ainda visto a propriedade. Tendo eu que ir a Cernusco para o exame das alunas de lá, sem que o Superior o soubesse, fui a Milão com Rogorini e Marcionni. Visitei minuciosamente a nova aquisição e parti satisfeita, mais ainda, feliz, pelo conjunto da construção e pela posição. Então, possuía argumentos para animar com razões convincentes meu ótimo e santo Superior.

Enquanto isso, Taverna fazia as devidas práticas junto aos Conselhos Municipais. Sobre os oitenta votantes, vencemos pela maioria de um só voto. Devíamos construir, às nossas custas, uma rua ao lado do jardim, que, de S. Calimero, conduzisse a Quadronno. Assim foi tirado o inconveniente da passagem através da Casa. Os trabalhos de restauração do casarão e o da nova Rua S. Calimero progrediam com vivacidade. Obtidas as licenças governamentais e eclesiásticas para a abertura do novo Colégio, às vésperas do dia de Todos os Santos de 1854, designada pelo Capítulo, me transferia para Milão, com mais doze Irmãs, para a nova fundação. Foi eleita Superiora de Cernusco, Ir. Teresa Valentini; de Vimercate, a Vigária, Ir. Giuseppa Rogorini.

CAPÍTULO XIII

CENSURAS – GRAVE DESGOSTO – OFERTA

– FUNDAÇÃO DE NOVA CASA EM VIA AMEDEI

Que belo campo de ação o bom Deus nos havia preparado com a nova Casa de Quadronno! No primeiro ano, tínhamos setenta alunas, grande encorajamento para nós! Inútil repetir a carga de privações, de trabalhos, de penas, na preparação da nova Casa! Direi apenas que o comportamento das Marcelinas, sério, reservado e, ao mesmo tempo, desenvolto, o hábito que vestiam, de senhora modesta e digna, em lugar do monacal, o acompanhar as alunas a passeio, ainda que fosse em lugares não frequentados, eram todas coisas que não pareciam bem a certa gente. Por isso, as habituais censuras de Irmãs modernas e progressistas. O Teólogo Baroni, o Pe. Leonardi, o Pe. Gadda, Pe. José Moretti, que tanto haviam aprovado nosso sistema, não mais existiam! Mas o Venerado Superior Biraghi, o Conde protetor, o Arcebispo Romilli, Mons. Rossi, Pe. Vandoni, Mons. Pontiggia, o jovem seminarista Borgazzi – Catequista da Casa – animavam-nos a não sair nem um ponto do caminho percorrido até aqui. E foi uma verdadeira bênção! Dentro em pouco, todos os Institutos de Educação tiveram que, ou fechar seus Educandários, ou adaptar-se às exigências dos tempos, fazendo aquilo que nós sempre tínhamos feito. No mesmo ano de 1855, apareceu, terrível, a cólera! Por precaução, tivemos que abreviar os estudos em Milão, antecipar as férias! Na manhã de 5 de agosto, um enviado de Cernusco me trazia uma carta... Notícia fatal! Minha bondosa Superiora Valentini havia sido atacada pelo mal! Aquela Casa estava em grave perigo. Como ficar tranquila em Cernusco? O Diretor Biraghi estava ausente de Milão; fazia os Exercícios Espirituais. Falo ao Conde Taverna. Manifesto-lhe o dever e o ardente desejo de voar a Cernusco. Taverna olha-me com olhar piedoso e diz-me: “Vá! Deus a assistirá!”. Foi profeta! Rapidamente chego a Cernusco, mas a bela alma de Valentini, naquele instante, voava ao Céu. Animei as filhas. Guardei segredo ao numeroso educandário: 75 alunas. Precauções e cuidados de

toda espécie, a fim de evitar qualquer contágio, pois, naquela pequena povoação, a cólera, em poucos dias, havia feito 400 vítimas. Mandeí uma Circular aos pais das alunas, a fim de informá-los do doloroso caso advindo no Educandário, pronta sempre a guardar junto de mim as meninas ou entregá-las aos pais que o desejassem. Ninguém retirou as próprias filhas. Em menos de oito dias, perdi três queridas filhas Marcelinas. Após minha bondosa Valentini, morria Scarpellini e minha ingênuia Maria Chiesa. Que aperto ao coração! Que dias de angústia para mim! Adoeceram outras Irmãs, mas estas puderam recuperar-se. As alunas, entretanto, todas com ótima saúde! Nenhuma foi atingida! No fim do mês, pudemos entregá-las todas aos pais em ótimo estado, deles recebendo mil bênçãos.

Vindo o Superior Biraghi, achando-me enfraquecida, sem forças, impôs-me deixar Cernusco e voltar à minha residência. Obedeci, mas estava no cúmulo da desolação. Com tantos compromissos, com imensa necessidade de boas Irmãs, tendo-me sido retiradas três em poucos dias! ... E eram as primeiras que morriam! Tão bondosas, piedosas, ativas, formadas no verdadeiro espírito do Instituto! Minhas filhas entre as primogênitais! ... Era bem doloroso meu estado!

Mas Deus é bom! Abate e eleva! Angustia e consola! ...

Naquele mesmo ano, entraram mais doze aspirantes: Irmãs Magnani, Carassoski, Spinelli, Câmera etc. etc. Retomei ânimo. Cessada a epidemia, substituída a Superiora de Cernusco pela bondosa Ir. Rosa Capelli, uma de minhas primeiras companheiras e valioso apoio, começávamos o ano de 1856 em atmosfera mais tranquila. Os três Educandários procediam de bem para melhor: dependência, harmonia, atividade operosa. Terminadas as restaurações, pagas as despesas, contentes o Superior Biraghi e o Conde Protetor. Quantas graças e louvores dávamos a Deus! E, assim, continuávamos também o ano de 1857.

No fim desse ano, o Marquês Mazenta veio oferecer-nos uma casa por ele herdada de uma tia, em Via Amedei. O imóvel havia sido avaliado em 108 mil liras, mas o marquês nô-lo cedia por 75 mil liras com a condição de que nos

prestássemos ao ensino da doutrina Cristã em sua amada Paróquia de Sto Alexandre, como fazíamos em S. Calimero.

Peço tempo para decidir. Comunico a oferta a meu Venerado Superior, que se sente feliz. Tendo ele sido promovido de Diretor do Seminário a Doutor da Biblioteca Ambrosiana, passava a residir com os Barnabitas justamente em Santo Alexandre. Sentia-se, pois, em casa! O Conde Taverna alegra-se para a realização de um seu projeto: o de nos confiar as pobres surdas-mudas da zona rural, pelas quais tanto se interessava. Vou ao Arcebispo Romilli. Narro-lhe a proposta do Marquês. Quer que aceite sem demora. A quantia exigida já estava reservada. No ano seguinte, 1858, fizemos a aquisição, com documento hábil, em nome do Instituto. Em 1859, feitas as necessárias restaurações, abrimos a Casa. Como Superiora provisória foi nomeada Ir. Emilia Simonini, com doze Irmãs para ajudá-la.

CAPÍTULO XIV

INCERTEZA DO ANDAMENTO DE AMEDEI – ASSISTÊNCIA AO HOSPITAL DOS FERIDOS EM SÃO LUCAS – PREOCUPAÇÃO PELO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO

Com as devidas licenças eclesiásticas e civis, a Casa de Amedei foi aberta. Aguardávamos as 50 surdas-mudas pobres da zona rural e, com grandes despesas nossas, fizemos preparar quatro Professoras para o ensino dessas portadoras de deficiência. Doze surdas-mudas foram trazidas de Quadronno, mas não apareciam as prometidas pelo Conde. Por quê? Taverna, Fundador, Presidente, dos Institutos Masculinos e femininos para surdos-mudos pobres da zona rural, havia confiado as meninas às Canossianas, pagando-lhes 1,50 libras para alimentação, cama e vestuário. Aquelas Religiosas pleiteavam um aumento na anuidade. O Conde, que de 1,20 libras havia passado para 1,50 libras, não queria dar mais. Por isso, decidi dá-las a nós. Tudo havia sido combinado amigavelmente. Chegando o momento da execução, aquelas Irmãs, temendo o falatório do povo, pediram a amigos que interferissem junto à Condessa Taverna, para que dissuadisse o marido de tal determinação. Elas conseguiram seu escopo, e nós ficamos com a Casa vazia e com as restaurações feitas a pagar! Eu o sei e o sabe a Simonini o sofrimento que, em segredo, nos afligia e a angústia que nos oprimia. Falar de nosso ressentimento ao Conde? Coitadinho! Já estava por demais mortificado! Contar o caso ao Superior Biraghi? Seria cortar sua amizade... O bom Pe. Borgazzi, que, de corpo e alma, se havia preparado para submeter-se ao exame de Catequista e Confessor das surdas-mudas, mais do que nunca decepcionado, poucos meses depois, partia para longínquas terras, ingressando na Companhia de Jesus, seguindo, como dizia, uma antiga vocação. E nós? ... Ficamos sós, com o desconforto no coração, sempre, porém, firmes e confiantes em Deus, investigando como poderíamos aproveitar o grandioso local. Pensamos em abrir um externato. Preparamos um programa. Consoladora

foi a concorrência. No lado do edifício, que dá para a praça Olmetto, abrimos uma escola gratuita para as pobres da Paróquia. Do lado da via Amedei, além do externato, abrimos um pequeno internato, que se tornou frequentadíssimo, e uma escola, à parte, para as nossas poucas surdas-mudas. Este ramo, com o correr dos tempos, foi abandonado. O sistema de instrução labial, por nós aprendido, era tão cansativo que as pobres professoras se ressentiam demais, fisicamente.

Contentes com o andamento daquela Casa, - objeto de tanta preocupação – satisfeito o Conde com a decisão tomada, feliz o Superior Biraghi por ter perto de si uma Casa onde celebrar a S. Missa e aonde ir frequentemente para conferências religiosas e conversas santas e instrutivas com suas filhas, coisas essas que lhe estavam no coração, aguardávamos dias de horizontes tranquilos. Esperança vã! A índole do Instituto das Marcelinas é formada, desde o berço, de têmpera viril! Os elementos de sua vida são: trabalho e luta! Queira Deus que sejam sempre batalhas para sua glória e vantagem do próximo!

Os alarmes da guerra, o reboar do canhão, a entrada das tropas franco-sardas em Milão, sacudiram e excitaram os ânimos. Eram preparados muitos hospitais provisórios para acolher a multidão de feridos de ambas as partes do conflito. A caridade cristã de nossa parte, doutra parte, a solidariedade, exigiam Religiosas para assistirem aqueles pobres sofredores.

Foi confiado às Marcelinas o Hospital São Lucas. A mim, a Direção; à Simonini, a Secretaria; à Locatelli, o Economato.

Dezessete Irmãs enfermeiras, nas salas de mais de 600 feridos cada uma com o auxílio de uma servente e de um guarda (ao final foram atendidos mais de 4.000). Ali morávamos, ali rezávamos, ali trabalhávamos, ali nos alimentávamos, vindo, porém, a comida de Quadronno. Bom Deus! Foi aquela uma dura campanha para as Marcelinas! Era um gênero de vida bem diferente, o de São Lucas! Havia sofredores para assistir, amputados para medicar, moribundos para consolar e auxiliar com os confortos religiosos para a dura passagem. Vigiar as mocinhas em suas visitas aos doentes. Prudência suma e

grande desenvoltura com os médicos e com seu Diretor. Porte digno, firmeza de vontade, gentileza de modos com os doentes, com os funcionários e autoridades Como foi difícil e árduo!

Lavanderia, cozinha, tudo nos era confiado, e era preciso ter cuidado e registro de cada coisa. Tínhamos que providenciar tudo. No primeiro mês, faltava o numerário e nós desembolsamos 5.000 libras em lugar da Direção, para providenciar as primeiras despesas. O dinheiro foi-nos devolvido com muitos agradecimentos. Após cinco meses, não sendo mais necessário o hospital, por graça de Deus, deixávamos saudade, conservando decorosa e cordial amizade com todos. No momento das despedidas, o Diretor me entregou uma Medalha de Prata que o Imperador Napoleão III, dos franceses, concedia à Superiora das Marcelinas pela assistência prestada aos feridos de 1850. Medalha guardada em estojo, no Instituto, junto ao Diploma e recortes de jornais, que se encontram na Pasta de São Lucas, de nossos Arquivos. É certo que tínhamos trabalhado para um fim muito superior: louvar a Deus, salvando almas; todavia, os louros obtidos tornavam-se para nós propícios para rebater, com os fatos, a calúnia dos que acusavam de preguiçosos, egoístas e coisas piores, os que vivem em Congregação, consagrados a Deus.

Voltamos jubilosas a nosso querido ninho de Quadronno. Nossos habituais exercícios de piedade se nos tornavam cada vez mais suaves. Redobramos em fervor e agradecemos a Deus. Mas, eis uma nova provação! Havíamos já dado entrada aos papéis para o seguro dos dotes das Irmãs, em 180 mil libras sobre a Casa de Amedei, adquirida em nome delas. O novo Prefeito Italiano no-los devolvia, indeferidos. Ai de mim! A Casa de Amedei, com uma supressão que, infelizmente, temíamos bem próxima, era bonita e espaçosa! Vimercate, Quadronno e Cernusco, estavam em nome de Biraghi; estavam salvas! “Isto”, repetia Pe. Luigi, angustiado, preocupado mais do que nunca, “Amedei”, repetia, “as senhoras quiseram pô-la em nome do Instituto e vão perdê-la... Adeus, patrimônio das Irmãs!”. Tinha razão! Nada tínhamos a responder! Que fazer? Era necessário um auxílio do Céu.

Encarregamos de tudo São José e o taumaturgo, com um pouco de atraso, sim, mas nos auxiliou bem! ...

CAPÍTULO XV

PROVIDÊNCIAS INESPERADAS – HIPOTECA LEGAL DOS DOTES – RENOVAÇÃO DOS EXAMES

Nossos Educandários, de 1859 a 1863, transbordavam. As alunas, nas melhores disposições, correspondiam a nossos cuidados. Os pais das mesmas mostravam-se agradecidos. Também o Noviciado não diminuía. Outras boas e distintas jovens agregaram-se a nós, de sorte que as quatro naus vogavam plácidas, mas sobre ondas incertas, pela mudança do Governo e pelo patrimônio das Irmãs, sempre em perigo. Mas Deus velava! Chega-me uma carta e esta foi, para nós, âncora e salvação. O Ministro Ubaldino Peruzzi, por intermédio do Prefeito de Milão, Villa Marina, ambos a mim desconhecidos, papel timbrado, pergunta-me se quero assumir, gratuitamente, a educação e instrução de uma pobre órfã, criança de três anos. Li e reli aquela folha. Um Ministro interessar-se tanto por uma criança abandonada? ... Peixe grosso! Responder negativamente? Seria imprudência! ... Recorremos a Biraghi e Taverna e, antes do pôr do sol, respondia afirmativamente ao Prefeito de Milão (A cópia desta carta está arquivada). Duas semanas após, vem a Quadronno um portador da subprefeitura de Asti. Traz a criaturinha, com uma carta da autoridade daquele lugar, unindo a Certidão de idade e outros documentos, que nunca considere verdadeiros. Chegou-me depois, sempre por meio do Prefeito Villa Marina, uma missiva nestes termos: “O Ministro, muito reconhecido pelo ato filantrópico da Superiora das Marcelinas, oferece-se para demonstrar-lhe sua gratidão, em alguma emergência particular”. Aproveitei logo a boa vontade. Imediatamente redigi um requerimento, pedindo a licença de hipotecar sobre a Casa Amedei 180 mil liras, despendidas na aquisição e restauração feita na mesma, dinheiro pertencente às minhas jovens Irmãs, todas vivas. Providência de Deus! Quem o creria? Trinta e seis horas depois, tinha sobre a minha mesa o documento dando aprovação plena de hipotecar os dotes! Naquela mesma semana, fez-se o ato, pagando-se a devida taxa. Desde aquela época, no

oratório de Quadronno, há uma lâmpada acesa diante do quadro de São José; ação de graças ao grande taumaturgo. Quem poderia dizer a alegria entusiasta do Superior Biraghi e a do Conde Protetor? Mas há mais: a criança que nos foi confiada, e que nós consideramos como filha, cresceu tão piedosa, afeiçoada e querida que não quis mais afastar-se de nós, ainda que lhe propuséssemos várias colocações. Aos 20 anos, quis ser Marcelina e já está entre as professoras. Louvor ao Deus Altíssimo!

Garantidos os dotes das Irmãs, um outro aborrecimento me oprimia. O Sacerdote Barni, Provedor dos Estudos, dizia-me que os tempos se tornavam difíceis para os professores dos Institutos. Exigiam-se diplomas de Normal e que os nossos, mais de quarenta, obtidos sob o governo anterior, eram considerados de grau inferior. Por isso, aconselhava-me a animar as jovens professoras a se submeterem a um novo exame, a fim de poderem continuar a exercer o magistério. Logo pensamos em organizar um Curso Normal em Casa. Baroni, já muito adiantado em anos e com pouca saúde, vinha raramente. Por isso, foram escolhidos distintos professores de Ginásios e Liceus de Milão: Sayler, para a literatura; Ferrini, para as ciências físicas; Faruffini, para a matemática; Pozzi, para a História e Moral; outro, para Desenho Linear. Seis jovens Marcelinas, professoras distintas, duas vezes por semana assistem às aulas, e, num ano, as pobrezinhas se preparam ao grande certame. Acompanhei-as, pessoalmente, à Magistral e, com o hábito que vestíamos, foi bem dura a luta, e isso durante uma semana!

Nenhuma das minhas foi reprovada! Todas conseguiram seu diploma! O Venerado Fundador, que nos via perdidas por falta de tais diplomas, transbordava de alegria. Triunfante se sentia o ótimo Conde Protetor, que nos havia impelido no árduo empreendimento. Por este passo ousado de ver Religiosas em uma Magistral e fazer exames públicos, também fomos criticadas... “Que as Marcelinas se moldavam às exigências dos tempos, que eram novidadeiras etc. etc.”. Expedida a ordem pelo Magistério, exigindo diplomas de

Normal para dirigir Educandários, o Pe. Secchi, Astrônomo Jesuíta de Roma, o Superior dos Rosminianos e muitas Superiores de diferentes Conventos dirigiam-se a nós, a fim de obter informações para a consecução dos diplomas!

Animadas pelo feliz êxito, o curso de Magistério continuou sempre no Instituto, e assim, as jovens Religiosas obtinham diploma de italiano e de outros idiomas. A experiência, porém, persuadiu-nos de que o Curso tivesse duração de dois ou três anos antes do exame, para não sacrificar a saúde das Irmãs e para que houvesse mais aprofundamento nos estudos. É com verdadeira e santa satisfação que, em nossos Educandários, pudemos contar com um número mais do que abundante de diplomas de Curso Normal, Inferior e Superior.

CAPÍTULO XVI

VIAGEM A ROMA – SUPRESSÃO DAS ORDENS RELIGIOSAS

Após a sanção Diocesana, nosso ardente desejo era o de obter a aprovação da Congregação pela Santa Sé. Doutos, ilustres e eminentes purpurados, amigos de Biraghi, mostravam-lhe as muitas dificuldades, quer por se tratar de uma Ordem recente, quer porque era preciso possuir mais Casas também em outras dioceses, a fim de recolher as cartas de recomendação necessárias ao caso. Nossas Casas já eram quatro. Tínhamos alguns Bispos e Arcebispos a nós afeiçoados e nós solicitávamos uma ida de nosso Superior a Roma, para apresentar a S. Santidade Pio IX. Nosso ótimo Padre Espiritual foi lá duas vezes para atender a suas filhas, mas voltava desanimado, porque os tempos se tornavam cada vez mais escuros; portanto, eram desanimadores os colóquios mantidos com o Santo Padre Pio IX a esse respeito. Em princípio de abril de 1866, Biraghi quis que nós fôssemos a Roma, onde nos providenciou uma decorosa hospedagem e uma audiência com o Sumo Pontífice. Havia vários anos, a bondosa Ir. Capelli era Superiora em Amedei e a querida Ir. Gerosa, em Cernusco; portanto, podia ausentar-me com certa tranquilidade por três semanas. Parti com a Vigária Rogorini e com minha Assistente, Ir. Simonini. A viagem foi boa. Visitamos aqueles santos lugares e, até, as catacumbas de S. Calixto, acompanhadas pelo Padre Tangiorgi. No dia determinado, fomos admitidas à tão suspirada audiência. Que consolação para nós, tão pequeninas, sermos acolhidas, encorajadas por aquele Anjo, Pio IX! ... Falou-nos qual Pai, dizendo-nos entre outras coisas: “Não é tempo, minhas diletas filhas, de atender a seus anseios. Dentro em breve cairá uma catástrofe sobre todos os Institutos Religiosos, e as senhoras também serão envolvidas nela.... Mas, coragem! Continuem fazendo o bem sob qualquer nome ou forma, contanto que o façam! ”. Abençoou-nos e partimos. Mal chegávamos em Milão, arrebatava a guerra no Vêneto! Em julho do mesmo ano, era decretada a terrível lei da supressão.

Que golpe para todos os Religiosos! O primeiro que me trouxe a triste notícia foi nosso Superior Biraghi: “Está aí”, dizia, “quiseram ser Religiosas! Estão suprimidas! Estão contentes? ...” “Contentíssimas”, respondemos a uma só voz. “Preferimos ser EX, mas Religiosas!” Na Lombardia tínhamos alguma esperança pelo tratado de Zurig, mas muitos duvidavam.... Um ótimo advogado de Turim, pai de duas minhas alunas, parente do Senador Des Ambroix e o esposo de uma querida ex-aluna, encorajava-nos e nos orientavam de acordo com a necessidade.

Preparamos um livro com os balanços desde a fundação; as escrituras de nossas Casas de Quadronno, Vimercate, Cernusco, em nome de Biraghi; a hipoteca legal dos dotes das Irmãs sobre a Casa de Amedei; a relação das professoras e tudo o que pudesse ser pedido por ocasião de uma vistoria. Trabalhamos durante três semanas para preparar tudo e, de pé firme, esperamos a inspeção dos inquisidores Tenca e companhia. E a visita não demorou. Um enviado do tribunal não-lo anunciava à porta. Mandamos chamar logo o Conde Protetor.

Entra Tenca com um escrivão, dois Secretários do Município e começa: “quem é a senhora? ” – “Ir. Marina Videmari”. – “Sabe qual a finalidade de nossa visita?”- “Ignoro-o”. “Sabê-lo-á pelas minhas perguntas”. E eu: -“Às suas ordens”. – “Leve-me às prateleiras de seu Arquivo”. Intrépida, eu o conduzo com seu séquito à sala da Diretoria e abro os quatro arquivos: um escolar: diplomas, atestados, certidões de idade, exames, programas, documentação escolar. – “Não”, diz, “isso não é para nós”. O segundo: aquisições, propriedade de Quadronno, Vimercate, Cernusco, Amedei. Examinam e percebem que nada disso pertence ao Instituto, mas é de propriedade privada. Aí estão as escrituras para o provar. Da Casa de Amedei, apresento a hipoteca legal. Passamos ao terceiro arquivo: livros de administração, Borrador, Diário, Razão, Balanços, recibos, contas pagas, contratos feitos. Tudo desde o dia da Profissão Religiosa, de 1852 a 1866. Tudo em ordem. Passaram as folhas do livro, leram apressados e passaram ao quarto arquivo. Instrumento de Fundação: poesias, autógrafos preciosos. “Aqui”, diz

Tenca, e agarra a pasta. “Não é coisa para as senhoras...” Continha cartas de Santos: uma de S. Carlos, duas de S. Francisco, três de Canossa, quatro de outros Santos. Eles sorriram. Mas eu me tornei séria, e as pastas foram colocadas em seu lugar. “Agora leve-me à Sala do Capítulo”. – “Sala de Direção, salas de aula, recreios, podemos vê-los, mas Sala do Capítulo aqui jamais houve”. -“Assim sendo, me mostrará os quadros preciosos, os monumentos antigos do Instituto”. “Quadros preciosos? Muito recente e pobre é o Instituto e não os possui. Monumentos? O mais antigo sou eu...” “Sorriram novamente e a sinistra companhia fez-se mais boazinha. Entre eles estava um certo Osio, cuja sobrinha fora criada por nós, gratuitamente. O pobrezinho estava bem embaraçado de se encontrar em minha presença. Conduzi-os à sala de piano. Quatro alunas ensaiavam para o próximo exame. Detiveram-se para ouvi-las. Nesse momento, era-lhes apresentada uma bandeja com refrescos. E, naquele mesmo instante, chegava o Conde! Os cumprimentos de praxe com Tenca (era filho de um seu antigo porteiro). Passamos, em seguida, à sala onde devia ser lavrada a ata e, aqui, querendo ou não, quem dentre os quatro queria pôr obstáculo teve que declarar:

Três Casas das Marcelinas, de propriedade de Biraghi: Quadronno, Vimercate, Cernusco. A 4ª, Amedei, legalmente hipotecada para o seguro dos dotes das Marcelinas. Quadros preciosos, monumentos antigos, nenhum.

Despedidas de conveniências.... Respeitosas inclinações de ambas as partes e se foram. Saindo aqueles senhores, narrei ao Conde o colóquio. Ele riu satisfeito e alegrou-se conosco. Animou-nos a confiar em Deus que o furacão teria passado. Que continuássemos a proceder como no passado, estando nós, segundo a opinião de todos, nas melhores condições.

E o pobre Biraghi? Aquele santo homem, naquela hora suprema, junto de S. Carlos, era o nosso Moisés. Vindo a Quadronno, vendo-nos tão aliviadas, agradecia e bendizia a Deus e nós com ele. Tivemos outras provações pela ameaça de

desapropriação obrigatória de Quadronno, mas Vila Marina nos olhava com bons olhos; o General Giovanni Durando, cujas filhas nos eram confiadas, protegia-nos com o coração largo; por isso, fizeram nossos adversários desistirem do triste projeto e não tivemos outros aborrecimentos!

O Tratado de Zurig em favor dos Religiosos da Lombardia foi observado. Foi-lhes imposta, porém, a taxa de 30% sobre suas posses. Perdemos as 6.000 libras anuais de Mellerio, porque, de acordo com as disposições testamentárias, em caso de supressão, deviam passar à Congregação da Caridade, mas, como o Instituto nada tinha de próprio, ficamos isentas da taxa de 30%. Aos maus, isto cheirava mal e até nos jornais se falou a respeito; mas nós, quietinhas, bendizendo e agradecendo a Deus que nos havia auxiliado com assistência prodigiosa.

CAPÍTULO XVII

SOCIEDADE PRIVADA – AQUISIÇÕES - PROPRIEDADE BIRAGHI

A verdade seja dita! Não era, por certo, merecimento exclusivo das Marcelinas o de não pôr o pé em falso e o de progredir continuamente. Pe. Biraghi, sob uma calma aparente, era o homem de ação e de grandes empreendimentos. Taverna, Protetor, andava de pari-passo com ele, mas sempre cuidadoso com a legalidade. Se o primeiro nos impelia ao galope, o segundo segurava as rédeas, afim de que não saíssemos do caminho. Procedíamos tranquilas e garantidas com tais guias! Mas aqueles dois Luminares desapareceram um após o outro e nos deixaram em posição sólida! Aquelas almas eleitas, por certo, lá no Céu, não estão inativas para as suas Marcelinas.

Após a supressão, o andamento de nossa família religiosa e de nossos Educandários não havia mudado absolutamente. Exercícios de piedade, aulas, vestidos, tudo como no passado, pois que, diante da Igreja e de nossa consciência, éramos religiosas e queira Deus que o sejamos até o nosso último suspiro. Diante do Governo, era necessária uma transformação legal. Os Religiosos supressos voltavam a ter seus direitos civis: podiam comprar e vender como qualquer outro cidadão. A lei permitia as Sociedades. Taverna e Biraghi consultaram os mais eminentes advogados de Milão. Fez-se, então, uma Sociedade composta de 11 ex-Marcelinas, as quais compraram, em seu nome, a Casa Amedei, com escritura, obrigando-se a manter: mesa, cama, vestuário, às 80 outras supressas ex-Marcelinas. Pagaram a devida taxa pela transação, fazendo cancelar as hipotecas que a oneravam. A partir daquele dia, as ex-Marcelinas se tornaram e foram consideradas pelas autoridades uma Sociedade Privada de Instrução e Educação das Marcelinas. Assim continuamos hoje e continuaremos sob tal forma, até que Deus queira. A isto tiveram que se adaptar todas as Ordens Religiosas de qualquer denominação. Nos anos seguintes, Biraghi, também a conselho de Taverna, a fim de garantir nossos poucos haveres

e não nos expor a taxas demasiado onerosas, vendeu a casa de Quadronno a cinco Marcelinas, as quais formaram uma Sociedade, pagando, esta, a taxa de aquisição. Em seguida, a outras quatro Marcelinas, cedeu a Casa de Vimercate. Poucos anos depois, passava a de Cernusco a outras cinco. Todas essas entidades figuram nos cadastros com o nome de compradoras, menos a Casa de Amedei, que está em nome de Marina Videmari e Sócias, da Sociedade das Marcelinas.

Nos instrumentos de compra, tivemos sempre o cuidado de que as adquirentes não tivessem ascendentes. Além disso, que todas as Marcelinas, feita a sua Profissão, fizessem o Testamento no mesmo dia, deixando seus bens em favor de outra, tendo em vista que a herdeira não tivesse mais pais e nem avós.

Atualmente, por quantas consultas tenhamos feito, não encontramos melhor maneira de garantir nosso pequeno patrimônio, do que procedendo dessa forma. Nos anos seguintes, convidadas a expor uma amostra de nossos trabalhos, que nos haviam angariado alguma fama, preparamos mais de 200 entre costuras, remendos, cerzidos, bordados a branco, a matiz, a ouro, de variados gêneros. Mais uma bela coleção de desenhos e um álbum de caligrafia. Tudo foi mandado à Exposição de Florença, no ano de 1871. Tantas fadigas foram largamente abençoadas, tendo o nosso Instituto obtido: 1 Medalha de Ouro pelos trabalhos; 1 Medalha de bronze e 1 Menção Honrosa pelos objetos de Didática, também expostos.

Animadas por tais resultados, nossos trabalhos figuraram na Exposição de Paris, em 1879 e na de Milão, em 1881, e conseguiram duas Medalhas que se encontram no Medalheiro, todas reunidas como lembrança.

Deus ajude as senhoras a fazerem no futuro outro tanto e, melhor ainda, se puderem, e, em particular, a trabalharem para a própria santificação!

CAPÍTULO XVIII

IMPULSO PARA ABRIR UMA CASA EM GÊNOVA-DESGOSTOS

Após a supressão geral das Ordens Religiosas, parecia que as jovens se afervoravam cada vez mais para a Vida Religiosa. Que pode a maldade dos homens contra a Vontade de Deus? O sangue dos Mártires não fazia brotar, talvez, novos, fervorosos e mais numerosos cristãos? As:

Irmãs Bertoli
Amalia Morelli
Teresa Rovida
Giuseppa Fantino
Giulia Paganini

Antonietta Perego
Irmãs Bosco
Maria Teresa Vaccarone
Irmãs Acquistapace
Marie Jaquet

e outras, integraram esse número, nos dois anos consecutivos. Passada a prova e o perigo temido, era-nos isso de grande conforto! Nossas vestições de hábito e nossas Profissões, como nas catacumbas! Contudo, nos tornavam mais queridas e devotas.

Tratava-se de necessidade? ... ou era moda?... Em julho de cada ano, muitos pais de nossas meninas tiravam-nas do Colégio para as conduzir à praia. Então, os banhos de mar eram panaceia para todos os males!

Grave transtorno e prejuízo para os Educandários! Opor-se? Teriam gritado: “Olhem as retrógradas!...” Era preciso achar um jeito e este foi logo encontrado: abrir um Colégio em Gênova! Biraghi era do nosso parecer e nos apoiava. A Taverna, porém, soava mal que suas Marcelinas tomassem o voo além do obelisco do Duomo! As discussões foram muitas e variadas e a vitória...foi nossa! Biraghi transportou-se logo para Gênova, para visitar o Arcebispo de lá, Mons. Charvaz, com o qual mantinha grandes relações. Manifeste-lhe o projeto, e o distinto Prelado não só anima, mas lhe impõe concretizá-lo, indicando-lhe o local propício à obra. Biraghi

convida-nos a ir a Gênova; eu e Capelli, fomos logo ao lugar. Visitamos o Casarão oferecido em S. Francisco de Albaro e achamos conveniente sob todos os aspectos. Fez-se logo a escritura privada e, em Milão, demos a boa notícia ao ilustre Taverna que, afinal de contas, alegrou-se também. No último dia de 1867 o sobrinho de Pe. Luigi Biraghi – Tabeião Ambrósio – foi fazer a aquisição em nome de cinco Marcelinas. Fizeram-se as devidas adaptações e, em princípio de outubro, foi aberta aquela Casa. Rogorini foi designada a dar-lhe os inícios, na qualidade de Superiora. E ali a pobrezinha passou por dura prova.

Ir. Margherita Pessina, bondosa, mas de cabeça um pouco inconstante, herdou pela morte do pai, 40.000 francos. A coitadinha se acreditava milionária e desejava muitos empreendimentos, à sua maneira, bem se compreende: vida de maior piedade, de um bem mais extenso; portanto, necessidade quase diária de Confessor e Diretor; conferências e... grande tristeza para a pobre Superiora Rogorini que a teve na Comunidade. Pessina foi advertida para que se tornasse como as outras Marcelinas, piedosas, sérias, normais, sem nenhuma pretensão, ainda que inteligentes e ricas. Pessina chorava e prometia, mas, depois, retornava às suas aspirações. Eleita Assistente provisória da Superiora de Vimercate, Pessina a se debater, a pedir e a suplicar para fazer parte do grupo destinado ao mar. Cedemos. Nunca o tivéssemos feito! Poucos meses após, foi preciso chamá-la a Milão. Aqui, apesar da caridade e dos cuidados usados, Pessina, tomada de horror pela vida das Marcelinas, fez pedido para sair. Falamos ao Arcebispo. Encorajou-nos a abrir-lhe a porta para a nossa própria tranquilidade e para exemplo à Comunidade. Sua mãe e a irmã não a quiseram! Que dias! Que angústias! Que temores! Pobre Margherita!...

Começavam os arrependimentos! Rogava ser readmitida, mas tínhamos sofrido demais! Devia ir! Vindo um irmão, partiu com ele e a ele foi entregue todo o capital da irmã. Soubemo-la Noviça e, depois, Professora no Mosteiro das Clarissas em Gênova, mas sempre com os mesmos desejos.

Infelizmente, o sabem aquelas pobres claustrais que a têm qual companheira!...

No fim do ano escolar, bem encaminhado aquele Colégio, a bondosa Vigária Rogorini retornava Superiora ao seu Vimercate, com indizível alegria para aquela Comunidade e para toda a região.

CAPÍTULO XIX

TRANSFERÊNCIA DE UMA SUPERIORA GRANDE ENSINAMENTO

A Assistente que tinha a função de Superiora provisória na casa de Vimercate, possuía um conjunto de brilhantes dotes exteriores e, mais como experiência do que por votos do Capítulo das Irmãs, foi destinada para Superiora da Casa de Gênova; era uma certa Del Bondio. Entrara no Instituto qual costureira, órfã, com 18 anos, passou a sua infância sempre em mãos estranhas e, desde alguns anos, vivia com uma tia. Por isso, a pobrezinha havia crescido como em um árido deserto. O Noviciado foi um pouco borrascoso, mas foi aceita... Era tão jovem! Esperava-se sempre uma melhora. Por motivo de saúde, foi tirada da costura e, a pedido da tia, que chorou depois (e mais nós) a equivocada condescendência, foi admitida entre as estudantes. Del Bondio, com seus modos desembaraçados e lisonjeiros com quem a dirigia, soube tanto enganar que, com o tempo, se tornou Assistente da Superiora. Enviá-la a Gênova como Superiora, foi um verdadeiro passo em falso. Tão longe e tão pouco conhecida na ação! Bem depressa chegaram-nos vozes alarmantes. Negligência e dureza com as pobres Irmãs que, da Lombardia, acompanhavam lá as alunas durante a temporada balneária. Um não sei que de meloso... de artificial... de inconstância de caráter em seu agir... e que sei mais! O Corpo Docente das Irmãs era sério, piedoso, ativo e a Casa, num primeiro momento, prosseguia tranquila e bem. Mas, com o tempo, aquela família e pessoas sensatas de fora, avisaram-me que as coisas em Gênova não eram conformes aos outros Colégios. Calo-me sobre a administração, que ia às cegas, como se costuma dizer: demasiadas despesas e má administração. Mas havia alguma coisa mais, que me amargurava a alma. Por doença grave, há dois anos eu não visitava a Casa. Recuperada, meu Superior, conhecedor das coisas, impôs-me uma visita àquela Casa. Permaneci durante o mês de março e me persuadi, de fato, da realidade de quanto me fora referido. Aquela Casa ia se tornando um membro

estranho em nosso Corpo Social. Com o pretexto das exigências, da diversidade de rito, não só mudava o uniforme das alunas, mas programas, estudos e, quase, a própria Congregação. Um jovem Sacerdote admitido sem prévias e detalhadas informações, se havia tornado o efetivo senhor do Colégio.

Enfim, sem uma mudança de Superiora, aquela Casa se tornaria um membro separado do corpo. Não proferi nem uma palavra. Deixei Gênova e contei tudo às minhas Superiores locais e assistentes. Em mais de três anos, aquele Educandário estava bem longe de alcançar o número de alunas que habitualmente havia em nossos Institutos. Muitas delas, por fúteis pretextos, passavam em família uma parte do ano e, poucas, concluíam o curso regular de seus estudos. A coitadinha não se guiava pelos nossos regulamentos, sempre e por toda parte tão abençoados. Era necessária uma providência, mas em tempo oportuno. Vindo a Milão, após os exames, para a usual prestação de contas, enviei aquela Superiora a Chambery para passar as férias de outono – tínhamos naquela cidade uma casa alugada para o aprendizado do idioma francês – com a bondosa Ir. Simonini e mais seis companheiras suas para que, com caridade e com jeito, a preparassem para uma transferência. Tudo foi feito, mas em vão.

Enquanto isto, o Capítulo nomeava Superiora da Casa de Gênova, Ir. Caterina Locatelli, nossa ex-aluna. Foi para lá acompanhada por mim, por Ir. Teresa Manzoni, Ir. Guilhermina Bezzera e Mons. Biraghi, nomeado Prelado Doméstico de Sua Santidade, no ano anterior.

Toda aquela Família religiosa acolheu a conhecida e querida Superiora qual bênção do Céu; o mesmo não aconteceu com o jovem Sacerdote já mencionado. Verdadeiramente não houve mal algum, mas o pobrezinho compreendia que, com a nova Superiora, as coisas iriam mal para ele. Certamente não poderia mais meter sua colher de pau, nem, como no passado, agir como dono. E não se enganava. Ia ao Colégio três dias por semana e duas horas cada dia, queixava-se, lamentava-se!... Monsenhor estava aborrecido! Mas estávamos no nosso

direito. Portanto, poucas palavras e seriedade! Poucos meses depois, o Sacerdote pedia sua demissão e aquela Casa progrediu e foi tão abençoada, que duplicou o número de alunas e aumentou muito o corpo docente. A bondosa Superiora Locatelli, tão sensata, piedosa, verdadeira mãe, dentro em breve ganhou a estima e o afeto dos bons genoveses. Mas a pobre Del Bondio, não pôde se resignar em sua posição em Cernusco, para onde fora designada, ainda que fosse tratada com toda a deferência. Custava-lhe estar longe de Gênova. A Superiora Gerosa, que havia sido sua Mestra de Noviciado, tratava-a mais do que como irmã, como filha querida.

O piedoso Sacerdote, Pe. João Perego, provado em toda espécie de tribulações, Confessor das Irmãs de Cernusco, verdadeiro tipo de Santo, fez tudo para levar Del Bondio a pensar retamente. Palavras ao vento! Del Bondio o dissera alto e a bom tom em Chambery, repetiu-o em Milão, protestou-o em Cernusco: “Ou Superiora em Gênova ou vou embora!...” Não havia sombra de espírito religioso naquele pobre coração! Que erro o de colocá-la como Superiora de uma Casa!!! Deus o permitiu para meu ensinamento e para as Superiores presentes e futuras! Só Deus sabe quanto fizemos para abrandá-la! Mas Del Bondio dizia ser chamada à vida claustral. Tinha 50 anos! E nós, a mostrar-lhe as dificuldades pela idade e por não possuir nem um centavo de dote para poder entrar e resistir na vida claustral e todo caminho árduo que devia percorrer..., quando na primavera, o Confessor Perego, presente o senhor Vigário Rossi que há mais de 20 anos é nosso Confessor e nos assiste com tanta caridade, vem dizer-me: “Abra a porta a Del Bondio. Determine-lhe uma mesada a título de caridade. Caso contrário, cometerá um despropósito, com prejuízo para ela e desonra para o Instituto”. O caso foi levado ao conhecimento do Arcebispo Calabiana que desaprovou a mesada mas, a nosso pedido, a permitiu. Fez-se o ato civil que a desligava da Sociedade legal e, a 24 de março de 1875, Del Bondio se encontrava fora do Instituto, acompanhada pela tia octogenária, partindo para o povoado natal. De lá me comunicava seu arrependimento pelo infeliz passo dado e que se eu estivesse

em Cernusco, ela não teria partido. A pobrezinha nunca foi coerente no seu agir e muito menos no seu falar. Poucas semanas após estava em Gênova, alojada em um Mosteiro. Deixado este, foi a Chiavari com as Clarissas. Despedida deste Convento, pedia-me que a recebesse de novo. Repetiram-se as negativas como com a Pessina. Em seguida, Del Bondio foi aceita pelas Ex-Dominicanas de Trino, onde se encontra até hoje. No verão passado a pobrezinha voltava, por um mês, a seu povoado, por motivo de saúde e a tia, tão velhinha, junto de quem se encontrava, e que estava tão aborrecida, persuadiu-a que voltasse a Trino e a conduziu para lá. Será que ela vai permanecer? É o meu voto e o de todas as Marcelinas.

Há um provérbio: corpo purificado permanece sadio. Deus permita que nosso Instituto não precise mais de tais purificações!...

CAPÍTULO XX

AQUISIÇÃO DE UM CHALET EM CHAMBERY

Afastado o abuso de retirar as alunas do Colégio, para tratamento balneário, já que eram por nós conduzidas ao mar, havia outras exigências a satisfazer. Sentíamos não poder exercitar nossas alunas na prática do idioma francês. As professoras francesas, quase todas da Saboia, estando por muito tempo afastadas de suas montanhas, sentiam-se saudosas. Desde o ano de 1871, eu e uma companheira, íamos a Chambéry para alugar uma casa, onde algumas minhas Irmãs com um grupo de 12 a 20 alunas passavam os dois meses de férias, setembro e outubro. Mas a permanência, muito curta, não bastava para atingir o escopo. Além disso, o movimento de tanto pessoal perturbava demais. No fim de 1874 foi-nos oferecido o Clos Burdin com Chalet, em Chambéry, situado no declive de uma amena colina, na mais bela e risonha posição – Faubourg Nézin – Paróquia Lémene. Converso com Mons. Biraghi, que não hesita para a aquisição. Lémene lembrava-lhe as lágrimas de Ambrósio, que chorou copiosamente a morte do jovem Imperador Valentiniano. Taverna, porém, não sei por que, receoso, incerto, sacudia os ombros! Mas queridas, doces, essas lutas!... Se pudesse tê-las ainda! As Irmãs francesas desejavam a compra. As italianas, um pouco hesitantes, mas consentiam. Afinal, a balança pendeu e fizemos não somente a aquisição, mas em menos de dois anos, edificou-se um novo prédio com a capacidade para uma centena de alunas, com uma igreja de estilo gótico, tão bela, graciosa, verdadeira joia entre os Oratórios das Marcelinas. Em setembro de 1876 era eleita Superiora daquela Casa Irmã Emilia Simonini, ex-aluna, e mais onze Marcelinas foram as co-fundadoras. O bom Cardeal Arcebispo Billet, amigo de Mons. Biraghi, que nos havia visto com tanto carinho na casa alugada e que nos havia dado o sobrinho, Cônego Dunand, Pregador e Catequista, tinha morrido. Sucedia-lhe o Arcebispo Pichenot, bom, piedoso, mas tímido e sempre indeciso, e lá também, um desmancha prazeres (nunca faltam tão molestos indivíduos), a quem não

agradava que armássemos nossa tenda em Chambéry – “Pois já havia Ordens Religiosas de sobra naquela cidadezinha: Salesianas, Damas do Sagrado Coração, Irmãs de S. José, e todas mantinham educandários... Para que mais? Haverá concorrência...” E eu me cansava de fazer-lhes compreender que não íamos ensinar às francesas, mas habilitar nossas italianas no idioma francês. O bom Arcebispo, se não nos animava, também não nos dava uma negativa. Já havíamos adquirido a Casa. Era forçoso achar uma saída e legalizar-nos. Havia, entre nós, professoras italianas com diploma francês, mas, não tendo aquela cidadania, os diplomas não tinham valor. Tínhamos Soeur Ana Viret, já professa, de Chambéry, com diploma francês e ela poderia muito bem conseguir abrir a Casa em seu nome, mas contava apenas 23 anos.

Ao Monsenhor, às Irmãs designadas para lá, parecia muito arriscado, porque demasiadamente jovem. Verdadeiramente, eu sustentava que, embora sendo o Educandário registrado em seu nome, a Superiora seria sempre Ir. Simonini, e Ana, diretora diante das Autoridades, apenas. Entretanto, não quis insistir em minha ideia para não aborrecer. O Prefeito de então, em Chambéry, Conde de Valavielle, homem eminentemente católico, compreendeu nossa tática, mas, seguindo mais o coração que o rigor das leis, expediu um decreto pelo qual aceitava “*lés Dames Marcellines*” em Chambéry, em nome de Simonini, e permitia-lhes abrir o Educandário.

Passamos, então, a tratar de erigir eclesiástica e civilmente aquela Casa. E com isso se tornou realidade uma profecia de Pio IX que, ao permitir conservar em nossa Casa alugada o Santíssimo Sacramento por três anos, disse: “Dou a licença por três anos, com a certeza de que continuareis depois”. Em pouco tempo, as educandas atingiram o número de quarenta e também esta navezinha sulcava tranquila suas ondas. Ingressaram Noviças francesas. O Clero, muitas pessoas distintas do lugar, começavam a nos estimar, o que pressagiava um futuro feliz. Respirávamos.

No ano de 1877 nenhum acontecimento grave veio

nos afastar de nosso tranquilo caminhar, a não ser a morte da ilustre Condessa Taverna. Que angústia para o Conde consorte! Em outubro, para se distrair, sabendo que estávamos em Chambery por alguns dias, eu, a Superiora Capelli, a Superiora Gerosa, veio visitar-nos. Era a primeira vez que via aquela Casa, - “Bonita! ”- dizia – “Muito bonita a Casa! Ótima ideia! Iniciativa santa! Muito bem! ”. Mas, ai! O Conde após quatro meses, consumido por longa pneumonia, seguia a esposa! Lastimei-o e o lastimará por longo tempo também o Instituto! Era-nos amigo e protetor! Um pai!... Tudo o que nos dizia respeito o interessava. Empenhava-se pela parte material do Instituto, todos os anos, examinando minuciosamente a administração, os Balanços, as Prestações de Contas. Louvava a exatidão e nos encorajava com reflexões sensatas. Que Deus tenha em Sua Glória aquela bela alma e lhe conceda o cêntuplo do bem que, por quase trinta anos, fez às pobres Marcelinas.

CAPÍTULO XXI

ÚLTIMOS DIAS E MORTE DO VENERADO MONSENHOR BIRAGHI

Segue a descrição feita por um seu dileto discípulo:

“Há quarenta anos, Monsenhor Biraghi gozava da melhor saúde. Os intensos e contínuos estudos, a vida austera e múltiplas ocupações no Seminário e fora, que, dos 25 aos 36 anos, quase fizeram prognosticar uma tuberculose, mas, pelo contrário o revigoraram de maneira tal que ninguém, depois, se dava conta dos anos que se acumulavam sobre seus ombros. Em 1871, teve uma leve bronquite. Com a dieta e com o repouso, recuperou-se logo e tornou-se sadio e forte como antes, ocupado em seus estudos da manhã à noite e na direção de seus Institutos das Marcelinas. Foi só no fim do longo inverno deste ano, que acusou dificuldade de digestão. Mas, como não estava acostumado a cuidar de si, ouvido em pé, um valente médico, procurou alguma ligeira cura. Suspendeu a refeição da noite e seguiu adiante. Em junho, teve três ou quatro vertigens, de brevíssima duração, mas que o fizeram cair por terra, causando preocupação aos Padres Barnabitas, dos quais era hóspede muito querido. Eles avisaram às Marcelinas o acontecido, a fim de que obrigassem seu Fundador a ter aquelas preocupações que tais desmaios, manifestações de males não desprezíveis, pareciam exigir. As filhas de seu coração, sob um pretexto qualquer, induziram-no, não sem relutância de sua parte, a habitar no apartamento de hóspedes do Colégio e o confiaram aos cuidados de dois médicos eméritos. Monsenhor, porém, não quis ficar acamado e, todos os dias, celebrava a Santa Missa, como também todos os dias, ia à Ambrosiana para atender a seus deveres. Parecendo-lhe ridículo ser acompanhado continuamente, onde quer que fosse, a pé ou de coche, nos primeiros dias de julho resolveu ir a Chambéry, esperando que os ares da montanha, mais frescos, o auxiliassem a recuperar as forças digestivas e a livrá-lo daquele mal-estar que ele dizia sentir no estômago, onde termina o tórax. Era, por certo, grave preocupação levar aquele homem numa viagem

de doze horas contínua e naquele estado de saúde. Mais grave, contudo, era negar-lhe aquilo de que esperava um grande bem. Foi resolvido, pois, com o conselho dos médicos e dos sobrinhos, que duas Marcelinas o acompanhassem, bem como seu amado discípulo e amigo, o Revmo. Pároco de Lecco.

Na Saboia, auxiliado pela frescura do clima e, melhor ainda, distraído pelo acolhimento cordial e respeitoso que lhe dispensaram não só suas filhas lá residentes, mas ainda o Exmo. Arcebispo e mais distintas personagens do Clero e do Laicato, nosso Monsenhor sentia-se melhor. Livre do seu mal voltou felizmente para Milão, no apartamento de hóspedes de Via Quadronno. Passou bem três dias. Mas, o pensamento da morte preocupava-o seriamente, visitando a cela por ele ocupada nos Barnabitas e a Ambrosiana, dispôs e ordenou as suas coisas como se não devesse mais voltar e fez o testamento.

Na quarta noite, de quarta para quinta-feira, o desmaio voltou e ele se achou caído no leito, sem lembrar-se de como isso acontecera. Todavia, não deixou de celebrar os Divinos Mistérios naquela manhã e nas duas seguintes, nem de rezar o Ofício. No domingo também, queria descer para celebrar, mas ao aprontar-se, caiu, batendo com a cabeça no leito e se machucou levemente. Obrigado pelos médicos, voltou para a cama e ali ficou até a hora do almoço. Aos amigos e sobrinhos que iam visitá-lo, narrava, brincando, o ocorrido naquela manhã; dizia ser a coisa mais ridícula do mundo, aquela que, por um momento, lhe tirava todo sentimento de vida e depois fazia-o voltar ao estado primitivo, sem lhe deixar dores ou incômodos de espécie alguma. Mas daquele dia em diante, não pôde mais deixar o próprio quarto. Os médicos haviam percebido que as funções do coração se tornavam cada dia mais irregulares. Avisaram as Marcelinas, que não o abandonaram mais nem um instante, auxiliadas por duas empregadas, dois domésticos e, especialmente, pelos sobrinhos que, alternadamente, se sucediam. E Monsenhor tinha necessidade dessa assistência assídua e inteligente. Na segunda-feira pela manhã, sem nenhuma convulsão, enquanto estava ainda na cama, após haver, com mente lúcida, rezado

as suas orações e feito a meditação sobre um Salmo, que, a seu pedido, um Clérigo lera lentamente, perdeu os sentidos de maneira tão intensa que eu pensei estar o Monsenhor no fim da vida. Mandeí buscar os Santos Óleos, dei-lhe a absolvição “sub Conditiones” e estava para lhe administrar a Extrema Unção, quando abriu os olhos. Teve ainda uns dez minutos de fortes convulsões e, enfim, recobrou os sentidos. Avisados, acorreram os parentes e os amigos e, entre estes, o mais querido dentre todos, Mons. Rossi, Vigário Geral. Antes do anoitecer, veio S. Excia. o Revmo. Sr. Arcebispo, que tanto o estimava. O santo homem, confuso e mortificado, vendo-se o centro de tantos cuidados e solitudes, que dizia não merecer, às vezes ficava comovido até as lágrimas. Tinha sempre palavras bondosas e edificantes para com todos e, àqueles que via mais emocionados e compenetrados pelo seu estado, dizia: “Oh, meus caros! Estou velho, bem o sabeis, e é preciso que me vá!”. Em seguida, o mal não foi mais tão intenso, mas tornou-se mais frequente: desmaiava até dez e quinze vezes por dia. Ele dizia que o inimigo saía em retirada e que só ousava desferir-lhe pequenas escaramuças. Mas ele não esquecia a grande passagem e a ela ia se dispondo santamente. As horas da manhã, quer na cama, quer assentado, consagrava-as à oração. Pedia que lhe lessem as cartas de São Paulo e as de Sto Inácio de Antioquia. Depois se entretinha com as Superiores das Casas e, ainda que indiretamente, para não as amargar antes do tempo, dava-lhes aqueles últimos conselhos que sua grande alma lhe sugeria para o bem daquele Instituto que fora o pensamento de quase toda sua vida. Nas horas da tarde, recebia os amigos e conversava de boa vontade sobre tudo e sempre com sua habitual clareza de ideias, ordem e precisão que parecia um livro impresso. Escrevia carta de recomendação para a França, para um funcionário da Ambrosiana que ia a Paris para consultar um manuscrito das obras de Sto Ambrósio. Dava respostas científicas ou explicava passagens da Sagrada Escritura a quem o interpelava. Lembrava trechos da História Eclesiástica e Civil e recordava poesias dos clássicos italianos e latinos, com a frescura de um professor de retórica. Procurava

assim – especialmente após os breves aparecimentos do mal – aliviar, com evocações alegres, a impressão penosa que seu estado havia produzido nos presentes e que ele lhes lia no rosto. Durante a semana, chamou duas vezes o Confessor e se dispôs a receber a Sagrada Comunhão. Soada a meia noite de sábado, fui buscar o Santíssimo Sacramento na Capela do Colégio e, acompanhado por dois Clérigos com velas acesas e por um doméstico com o baldaquim, atravessei a rua e subi ao quarto de Monsenhor. Sentado na cama com a estola ao pescoço e com as mãos postas, reverenciou profundamente a Santíssima Eucaristia e, acompanhando todas as preces rituais, recebeu Nosso Senhor Jesus Cristo com uma compunção e piedade de Serafim. Cerrados os olhos, permaneceu longo tempo em contemplação. Terminada a ação de graças, exclamou: - “Que cena paradisíaca... Alta noite... Profundo silêncio... Aquelas virgens de Deus com luzes acesas... Aquela outra gente toda compenetrada por viva Fé, e o bom Jesus que se digna visitar-me!... Não lhes parece uma cena própria das catacumbas?” Repousou tranquilamente até a manhã. Naquele dia falou a todos da especial alegria de espírito experimentada naquela noite e que queria que fosse renovada na festa da Assunção de Nossa Senhora. Passou o domingo como os demais dias. Entreteve-se mais com o querido sobrinho, Pe. Paulo, e docemente se queixava dos demasiados cuidados que lhe eram dispensados e que, a seu parecer, lhe poderiam retardar o Céu. O mal não lhe dava tréguas e, durante o almoço, surpreendeu-o por bem três vezes. À tarde, quis se deitar cedo: dizia-se cansado. Os médicos puderam, então, examiná-lo detidamente e achando que as pernas e os pés estavam inchados, avisaram as religiosas assistentes, que o mal se tornava mais sério. Entretanto, Monsenhor pôde dormir tranquilo umas boas três horas. Ao acordar, vendo a Superiora da Casa de Gênova, que estava chegando de lá, narrou-lhe todo o processo de sua doença e continuou: - “Mas estas coisas são um nada. O que sofri é pouco, muito pouco em comparação ao que os Santos sofreram! Deus concedeu demasiadas graças e favores em todo o decurso de minha vida, e também agora,

me põe aqui, servido como um príncipe! ”. Depois falou do paraíso, dos gozos que se terão lá, com tal unção e calor, que as religiosas presentes ficaram entusiasmadas. Enfim, concluiu que estava disposto a tudo; que se teria demorado um pouco mais, se o Senhor lhe concedesse, mas que teria ido de boa vontade, se o chamasse a Si: “Sit nomem Domini benedictum” e, com estas palavras nos lábios, adormeceu. Despertado às seis horas, disse à Madre Superiora que havia corrido a seu lado: - “Sinto-me muito bem. A graça que pedi foi concedida... Deixe-me recitar as orações e depois mande-me o doméstico, porque quero levantar-me cedo”. Confabulou um pouco ainda e entra uma jovem Marcelina para visitá-lo e beijar-lhe a mão. O pobre Biraghi dirige-lhe um sorriso, cumprimenta-a e lhe diz: - “Seja boa, tornaremos a nos ver no Paraíso”...e, apontando o Céu, e para lá erguendo os olhos, disse - ... “para mim... agora... mesmo... se Deus o quiser... Sim... Seja feita a Vontade de Deus!” e calou-se... Os presentes percebem que foi surpreendido pelo mal... Vêem que uma cor roxa, em um instante, lhe cobre o rosto. Correm ao quarto próximo para me chamar para administrar-lhe os Santos Óleos, que guardava comigo. Vou voando até o querido enfermo. Renovo-lhe a absolvição. Administro-lhe a Extrema Unção e encerro rezando o Requiem, porque a sua bela alma, sem agonia, tinha voado ao Céu. Eram 7h15min de 11 de agosto.

Monsenhor nos foi tirado mui repentinamente, e a desolação chegou ao cúmulo, especialmente entre suas filhas espirituais, que já há dez dias, com preces públicas e privadas, em suas Casas e nos Santuários da Cidade e da Diocese, com tríduos e novenas, suplicavam a todo o Céu, para que lhes conservasse, por algum tempo ainda, o Venerado Pai e Fundador.

Revestido aquele corpo com os paramentos Sacerdotais pelos afeiçoados domésticos foi colocado sobre uma mesa. Foi uma cena dolorosa ver as lágrimas, ouvir gemidos de quantos acorreram para visitá-lo, para beijar-lhe as mãos, e, quase digo, para se recomendar à sua intercessão. Religiosas, alunas dos Colégios, Sacerdotes, penitentes seus, gente do povo, ou por ele socorridas, ou tomadas de admiração por aquele seu proceder

sempre cheio de dignidade, suave e modesto, todos queriam vê-lo uma vez mais e obter um objeto qualquer como lembrança.

No dia 12, o Capítulo Ambrosiano, como de praxe, celebrou um Ofício para o repouso de Monsenhor e as Marcelinas mandaram celebrar mais dois, soleníssimos, nas Paróquias de S. Calimero e Sto Alexandre. Dia 13, os sobrinhos fizeram-lhe esplendidos funerais, bem dignos daquele grande homem.

Transportados os despojos para a Capela do Colégio, de lá foram retirados pelo Clero de Sto Ambrósio e conduzidos à Ambrosiana. O carro fúnebre era precedido pelas alunas dos dois Colégios, por uma centena de Marcelinas, seguido por outra centena de Sacerdotes, seus discípulos e admiradores, e por um grande número de senhores e senhoras. Há muito que Milão não presenciava um funeral semelhante para um Sacerdote. Havia representantes da Cúria Arquiepiscopal, o Capítulo Metropolitano, o Seminário Diocesano, a Biblioteca Ambrosiana, a Academia Teológica de Gênova e as Congregações dos Oblatos, dos Barnabitas, dos Fatebene-Fratelli e outros. Havia muitíssimos Párocos da Cidade e das Capelas, muitos Coadjuutores e distintos Professores e muitíssimos leigos, notáveis pela nobreza, pela ciência, pelas letras e pela posição social. Parecia que o acompanhamento que não pôde ser feito aos Santos Padroeiros Ambrósio, Gervásio e Protásio, há cinco anos passados, fosse feito agora àquele que, com os seus estudos diuturnos, conseguiu encontrá-los e doá-los à veneração dos fiéis. Na Basílica Ambrosiana, ricamente decorada, o Capítulo cantou o Ofício e a Santa Missa, e o amigo do falecido – o Abade Rossi – deu pontificalmente a absolvição. Em seguida, naquela mesma ordem, foi transportado ao Cemitério Monumental, onde o Prof. Pe. Pozzi, leu, ante a comoção geral, o elogio do extinto. Ao entardecer, o corpo foi conduzido a Cernusco sul Naviglio, sua pátria. Na entrada do povoado, foi acolhido pelo Clero local e das redondezas, pelas Autoridades municipais, a que presidia o sobrinho Prefeito; pela Administração do Hospital ao qual tanto bem fez o saudoso Monsenhor; por todos os parentes,

vindos até das mais longínquas partes e pelas mais respeitáveis representações. Foi acompanhado, com indescritível tristeza, e deposto na Capela do Colégio das Marcelinas. Aquele querido Sacerdote foi repousar a última noite ali onde concebera o primeiro pensamento e onde edificara a primeira Casa de seu Instituto. As bondosas Irmãs velaram-no em lágrimas e em preces. Na manhã seguinte houve, na Igreja Paroquial, solene rito fúnebre, que, se não superou os de Milão pelo esplendor da ornamentação e pela comitiva eleita, venceu-os, por certo, pelo número dos que se pronunciaram e pela abundância de sentimento, com que testemunhavam a angústia que se lhes aninhava no coração pela perda de tão venerado benfeitor, seu concidadão. Por último, o esquife foi transportado ao Cemitério Municipal e aí deposto provisoriamente, até que lhe seja construída uma Capela mortuária. Foi saudado, pela última vez, pelos Professores: Pe. Luigi Talamoni e Pe Julio Cav. Tarra. Que a bela alma de Monsenhor Luigi Biraghi, tão amante de Deus, da Igreja, do Papa e desta sua Diocese natal, alcance-nos do Senhor o que foi sempre o desejo de seu coração, isto é: um Clero santo e douto, jovens e mães verdadeiramente cristãs que edifiquem e santifiquem suas famílias e seu povo”.

11 de agosto de 1879

Assinado

Pe. Francisco Biraghi

CAPÍTULO XXII

ANGÚSTIAS E TEMORES

Dizia muito bem Sto. Ambrósio, angustiado pelo falecimento de seu caro irmão: “O boi procura seu companheiro... Parece-lhe não estar completo... Ouvimo-lo mugir quando não lhe está ao lado o boi que com ele trabalhava sob o mesmo jugo!”. Assim acontecia comigo, pobrezinha, privada do Venerado Fundador com o qual há 40 anos e mais, abríamos juntos o sulco da vida. O mais dificultoso do trabalho era para ele, e, entretanto, sempre tão modesto e edificante! Cercava-me de solitudes como um pai!... Circundava-me de proteção e defesa.... Humilde como uma criança, consultava-me, diria quase, com respeito. Oh! Que perda, que perda!... Sem aquele arrimo, tudo ficou um grande vazio para mim no mundo!... Os sobrinhos do caro defunto – Tizzoni e Biraghi – procuravam consolar-me com a promessa de seu válido apoio... Numerosos Prelados, Monsenhores, Bispos, Arcebispos, Patriarcas, quatro Cardeais com seus preciosos escritos, apresentaram condolências pela grave perda. Procuravam animar-me, mas... Monsenhor não mais existia! E eu permanecia só com todo o peso da responsabilidade da obra santa a mim confiada... que dias!... Que noites!... Que angústias!... O estado das Marcelinas não era melhor do que o meu... órfãs, abandonadas, todas filhas afeiçoadíssimas de tão grande Pai! As Superiores locais, comigo, sentidas e tristes, apresentamo-nos a nosso amadíssimo Arcebispo, Monsenhor de Calabiana. Com quanto amor nos acolheu! Santas reflexões, fortes encorajamentos, válidas promessas a fim de que não recuássemos um pouco sequer, no árduo desempenho de nossos caros deveres. Dizia: - “Eu lhes sou pai, Deus as assistirá e Monsenhor, lá do Céu, lhes será de maior valia! ” Abençoadas por aquele santo homem, partimos um tanto aliviadas. Não houve exames públicos naquele ano de luto. Preces, Exercícios Espirituais e a firme promessa de uma Comunhão semanal (às segundas-feiras) em sufrágio da bela alma do Venerado Fundador.

CAPÍTULO XXIII

O CARDEAL ALIMONDA – PROTETOR DO INSTITUTO

Desde o mês de abril de 1879, Monsenhor Biraghi, pressagiando seu próximo falecimento, animava-me a ir a Gênova e, de lá, com a bondosa Superiora Locatelli, visitar Mons. Alimonda, Bispo de Albenga, nomeado, naqueles dias, Cardeal da Santa Igreja.

Para que me enviava a Albenga? O pobrezinho dizia que já se sentia velho (estava no seu 78º ano) e queria que empenhasse aquele ótimo Purpurado a ser Protetor do Instituto. Repetia: “Não há pessoa mais adequada para as senhoras do que o Card. Alimonda. Eu o conheci Cônego. Honrou-me sempre com sua santa e venerada amizade, mesmo quando foi consagrado Bispo. Estima e ama minhas filhas. Quem, melhor do que ele, poderá assisti-las depois de mim?” Tal discurso feria-me o coração. Porém obedeci e, em companhia de Ir. Locatelli, cumprimentava em Albenga, o Eminentíssimo Purpurado.

Causou prazer ao Eminentíssimo Cardeal receber as filhas de seu Biraghi. Não foi menor nossa satisfação pela afetuosa e paternal acolhida. Feito o pedido em nome do Superior, foi como uma ordem sagrada – “Dizei-lhe”, acrescentou o Cardeal, “que viva tranquilo e longamente que, em qualquer circunstância, serei sempre para as suas Marcelinas, amigo, protetor e pai; tudo o que quer meu caro e bom Biraghi”.

Chegando-lhe na Vila, em Gavi, onde então se encontrava, a dolorosa notícia da morte do amigo, sentiu-o no profundo da alma. Chorou-o com abundantes lágrimas e me confortou com a carta que aqui transcrevo:

“Estimadíssima Superiora,

Minha alma foi dolorosamente atingida pela terrível imprevista notícia: Mons. Biraghi faleceu! Foi como se me dissessem: teu irmão, teu pai não mais existe!!! Amava

tanto aquele Venerando Sacerdote e ele tanto me amava! Conhecemo-nos há anos, quando nossa vida corria ainda saudável e robusta. Compreendemo-nos logo nas nossas reflexões particulares sobre a Igreja, sobre o mundo atual, tão convulsionado e levado a contestar a Vontade de Deus. Saudava nele o Fundador e Pai de um Instituto de piedosas e santas senhoras, tão de acordo com as necessidades de nossos tempos e abençoado pela Providência. E ele em mim, pobrezinho, amava (que poderia dizer mais?) a manifestação do sentimento eclesial e o desejo de fazer o bem aos irmãos. Sim, amava-me muito! Não me perdia de vista! Presenteava-me com seus preciosos escritos, escrevia-me cartas queridas. Em Milão, me queria hóspede das Marcelinas e era para mim qual Anjo Consolador. Na época de minha consagração episcopal, veio prontamente a Gênova e assistiu à cerimônia na Metropolitana. Mas agora, meu amigo, meu irmão, meu Venerável Pai, morreu! Monsenhor Biraghi já não existe! Estou consternado!... Com minha dor avalio a sua, minha ótima Superiora, que lhe foi filha e providente auxiliar, avalio o sofrimento de todas as suas pobres coirmãs. As filhas perderam o Pai! Choremos! Choremos!... Mas que? Não nos entreguemos à dor insensata do coração... A Fé nos ilumine e conforte! Monsenhor Biraghi não está mais sobre a terra, porque Deus o quis consigo. A terra não era mais digna dele, e ele já estava maduro para o Céu. Voou para onde sua virtude devia ser, enfim, coroada. E do Céu a alma de Monsenhor Biraghi olha para a terra agitada que deixou e se alegra. Mas olha para seus amigos e conhecidos e ora por eles. Olha para suas diletíssimas filhas e as abençoa, estimulando-as à vitória do bem. Perdemos o pai e o amigo na terra e adquirimos um forte protetor no Céu. Neste nobre conhecimento que nos dá a Fé Católica, nesta grande confiança que nos eleva à certeza moral, fortifiquem-se nossas almas. A senhora e suas coirmãs enxuguem o pranto. Rezemos ao morto que agora vive em Deus e seremos confortados. E eu, pelo pouco que valho, aqui estou, Superiora. A senhora me quer honrar com o título de Protetor das Marcelinas.... Pois bem, em tudo o que eu puder e sempre que precisar, se

dirija a mim. Ordene-me. Mande-me. Estou inteiramente a serviço de seu caridoso Instituto. Com estima, todo seu em Jesus Cristo,

Assinado

G. Card. Alimonda”.
Gavi, 15 de agosto de 1879
Exa. Diretora das Marcelinas
Ir. Marina Videmari
Quadronno – Milão

Tal escrito, tão válido apoio, foi de grande conforto às desoladas Marcelinas. Louvores sejam dados ao Senhor!

Poucos meses após, S. Eminência ia a Milão, para uma visita às suas Marcelinas. Hospedou-se na nossa casa. E ali permaneceu três dias, aconselhando-nos, animando-nos, dando-nos normas sábias e abençoadas.

Já é o sexto ano da partida de Monsenhor. Como se sentirá feliz no Céu ao ver que o Eminentíssimo Purpurado jamais falhou ao compromisso assumido e protegeu, na mais santa dileção, suas filhas Marcelinas.

CAPÍTULO XXIV

EXPULSÃO DAS MARCELINAS DE CHAMBERY

Os sofrimentos passados haviam perturbado profundamente a minha alma. Meu corpo, já enfraquecido, se ressentia. Adoecei e já se temia pelos meus dias. E, como se não bastasse tudo isso às muito aflitas Marcelinas, à nova trepidação, acrescentava-se uma outra.

A lei Ferry, que tanto angustiava o espírito do Venerado Monsenhor Biraghi, atingiu as Marcelinas de Chambéry. Foram atingidas pelo Decreto de 29 de março de 1879. As pobrezinhas, confiando no Decreto do Prefeito Valla Vielle, pensavam sair ilesas da imposição. Ilusão! O novo Prefeito Saisset-Schneider, recentemente nomeado em Chambéry, por instigação de alguns invejosos pelo bom andamento do nosso Educandário, busca, procura, encontra, examina a maneira com que havia sido erigido o Pensionnat Des Dames Marcelines e, achando-lhe a instalação ilegal, impunha-lhes que dessem entrada a um requerimento, a fim de serem aprovadas legalmente por aquela República. As Marcelinas opuseram-se, como haviam feito todas as outras Instituições, em tal caso, e não se podia fazer diferentemente, assim haviam sido aconselhadas. O Prefeito indignou-se. Após haver usado os modos mais persuasivos, tornou-se furioso e concedeu-lhes mais quarenta dias, além dos três meses já passados da publicação da lei, para estudar melhor o que deviam fazer e se decidirem. Seria má vontade do Governo? De que lado a razão e o erro? Na verdade, Valla Vielle não estava em seu direito, na qualidade de Prefeito, de permitir a instalação de um Instituto Religioso. Isto cabia ao Ministério do Culto e da Instrução Pública. Valla Vielle fê-lo levado pelo seu bom coração e as Marcelinas sofreram as duras consequências. Nossos amigos de Chambéry, que eram muitos e influentes, tudo fizeram para evitar a catástrofe. De Milão, onde me recuperava, aos poucos, da doença, eu me interessava muitíssimo pelo caso, mas inutilmente. Uma tarde de fins de agosto de 1880, dois Comissários de Polícia apresentavam-se novamente ao Pensionnat, em Faubourg Nézin, e liam

o fatal decreto de expulsão das DAMES MARCELINES.:

Emilia Simonini
Josefa Frigério
Francisca Morandi

Colomba Costa
Carolina Gonin
Luigia Videmari

com ameaça de detenção se retardassem a partida de um dia. Antes da aurora da manhã seguinte, todas as seis pobrezinhas, acompanhadas por dois distintos senhores da localidade, pais de duas alunas, dirigiram-se, medrosas, à estação de Chambery. Aguardavam-nas dois guardas que as escoltariam até a fronteira, Modane. À noite daquele dia terrível, as minhas expulsas chegavam em Quadronno, menos agitadas, mais tranquilas. Acolhi em meus braços aquelas filhas que tanto sofriam. Vê-las sãs e salvas, eu que as considerava perdidas, fez com que me voltasse a saúde e o vigor. Foi essa a primeira vez que agradei a Deus que Monsenhor tivesse passado para a vida melhor! E as poucas que ficaram em Chambery? Três cozinheiras, uma costureira, uma roupeira, seis francesas, contando a bondosa Ir. Ana Viret. Estas me preocupavam muito, mas na manhã seguinte, chega-me um grande envelope com selo francês. Providência! O zangado Prefeito é que convida Ir. Viret a legalizar sua situação, apresentando seu Diploma e o das Professoras que a ajudam, a fim de continuar, em seu nome, o Pensionnat que ele estimava pela fama que havia adquirido e pelo excelente êxito das alunas. O Prefeito estava suficientemente satisfeito por haver expulsado as teimosas italianas, como ele as chamava. Viret pede-me conselho. Eu vou ao Cardeal Alimonda, e ele me sugere: -, “Aceite. Conserve aberto, em forma privada o Educandário e continuem a fazer o bem naquele lugar. Pouco importa o nome, a forma”. Portanto, animei Viret a aceitar. Encaminharam-se os devidos documentos e, dentro em breve, aquela Casa foi reconhecida e aprovada pelas autoridades, com o nome de Pensionnat Saint Ambroise. Há cinco anos aquela pequenina nau voga, se não de vento em popa, pelo menos sem novas procelas e sem

chocar em recifes. Nosso Colégio da Lombardia e da Ligúria, atualmente, funciona sob regime particular. Em Chambéry, se aquele Pensionnat tivesse sido aberto em nome de uma francesa e sob forma privada, como na Itália, teríamos evitado a dolorosa expulsão. O fato prova que o que não se fez antes, foi preciso fazê-lo depois. Daqui a necessidade de estudar as leis vigentes dos lugares em que temos Casas e aconselhar-se com pessoas entendidas, a fim de estar sempre dentro da legalidade.

CAPÍTULO XXV UMA FILIAL EM GÊNOVA

No ano de 1880, Deus quis nos provar com novas tribulações: a morte de três caríssimas coirmãs: a querida e simpática Superiora Gerosa, a angélica Ir. Monfrini e aquela espécie de boa mãe, que era Ir. Emilia Penati. Era uma desolação ver desaparecer três membros tão queridos e beneméritos do Instituto. Mas eram três almas eleitas, maduras para o Céu. Nós as choramos com lágrimas de santa inveja.

Nomeada, pelo Capítulo, Superiora de Cernusco, a bondosa Ir. Emília Marcionni, em 1881, visitava a Casa de Gênova. Tudo bem em ordem. Tudo edificante! De todo o coração eu bendizia a Deus. Trinta e cinco religiosas. Cento e vinte alunas! Mas apinhadas demais.... Pensamos, portanto, numa ampliação. Os técnicos não achavam isto conveniente, por causa da estética e por outros motivos. Limitando com nosso jardim, havia a Vila Melzi que estava à venda. Quis adquiri-la. O proprietário, percebendo meu desejo, mantinha o preço muito alto. Não pensei mais nisso. Sua Alteza real, o Príncipe Centurione, homem todo dedicado às boas realizações, conhecendo a necessidade das Marcelinas, deu um jeito para que pudéssemos fazer a compra da Vila Melzi, no ano de 1882, por um terço a menos da oferta que nos haviam feito! Deus, na Economia de Sua Providência, veio-me sempre em socorro, para o bom êxito de meus ousados empreendimentos. Como é bom o Senhor! Repito-o uma vez mais. A aquisição de tal Vila era muito desejada pelo Emmo. Card. Protetor e ficou feliz.

O Tabelião Ambrósio Biraghi foi a Gênova para efetuar a transação, com as exigências de praxe, em nome de cinco Marcelinas. Este também se alegrava, pois muito se interessava por tudo o que era nosso. O Educandário velho, com os Cursos Inferiores; e os Cursos Superiores, na Vila “Olim” Melzi, atual Casa de Santa Marcelina. Os dois campos de trabalho, auxiliando-se mutuamente, procedem com verdadeira bênção do Céu.

CAPÍTULO XXVI

PROPOSTA E ACEITAÇÃO PARA DIRIGIR UM EDUCANDÁRIO MUNICIPAL E REGIONAL EM LECCE

Depois que Monsenhor faleceu, recebi o convite para abrir uma casa em Pisa. Bom Deus! Dei logo uma negativa. Minhas minguadas forças bastavam apenas para cuidar das Casas que tinha! Em seguida, o Prefeito de Lecce, pede um grupo de Marcelinas a quem quer confiar um Educandário naquela cidade. Pronta negativa também para aquele ilustre Prefeito! Depois dele, o Senhor Bispo de Cremona faz-me igual pedido. Humilde, sim, mas decidida recusa também ao ilustre Senhor Bispo. Meu Venerado Fundador não existia mais e eu, sozinha, não me sentia capaz de empreender novas fundações. Mas Deus nos queria em Lecce. Apesar das repulsas e dos “nãos” de três anos, minhas pobres filhas foram arrastadas até lá em baixo, no salto da bota da Itália! O Coordenador Brunetti, de Lecce, Presidente daquele Consórcio, cercou-nos em tal rede com suas articulações junto ao Bispo de Lecce, o qual nos pediu regularmente a nosso Arcebispo de Milão e, em Roma, junto ao nosso Cardeal Protetor Caetano Alimonda, e, um a um, a todos os amigos do Instituto, para que nos dobrassem às suas instâncias. Depois, cartas, ofertas, promessas e razões junto a um Padre da Igreja Santa, de maneira a nos comprometer sem quase o percebermos. O Arcebispo de Milão, embora contrário a que saíssemos de sua Diocese, nos impelia. Nosso muito amado e Emmo. Protetor, Card. Alimonda, duvidoso no começo, escreveu-me depois: - “Deus as quer em Lecce. Aceitem”. Obedecemos com prontidão. O Comendador Brunetti vem voando a Milão. Aqui se faz documentação hábil, segundo as quais as Marcelinas dirigirão aquele Educandário não sujeito a Comissões e nem a dependências externas, mas com a forma perfeitamente igual a nossos Educandários, sujeitos somente às leis Governativas e Escolares em vigor. Aquele Comendador que nos queria em Lecce a qualquer custo, alcançou-nos tudo e nos foi sempre afeiçoadíssimo.

Princípio de agosto de 1882. Aparelhos, material, mostruário de trabalhos, modelos de mobília didática, desenhos, roupa branca, arquivos.... Quanta coisa despachávamos para o extremo sul! Em seguida fizemos o Capítulo para eleição de uma Superiora. Isso, também, era uma preocupação grave! Era necessária uma Irmã madura, segura, quer por ser longe, quer pela aspereza da nova fundação! Após longa discussão, a eleita foi Ir. Emilia Marcionni. Piedosa, séria, boa administradora, mas a coitadinha era quase sexagenária! Recebeu a obediência como religiosa edificante. Demos-lhe o Corpo Docente jovem, ativo, de grande capacidade. Mais, uma ótima Ecônoma que a auxiliasse na manutenção da casa. Eu, com a bondosa Vigária Rogorini, fomos acompanhá-las na longa travessia até Lecce. Vinte e uma Marcelinas, seguidas de um doméstico, do ativo Tabelaio, Cav. Biraghi e do Egregio nosso Engenheiro Scotti que nos precedia para nos prover de alojamentos convenientes. Pernoitamos em Ancona. Pela manhã, fomos todas ao Santuário de Nossa Senhora de Loreto. Santa Missa e Comunhão. Lágrimas e preces. No dia seguinte, ao meio dia mais ou menos, chegamos às portas de Lecce. Era o dia 13 de setembro de 1882. Lá, uns vinte ou mais carros particulares. As mais distintas e nobres patricias de Lecce, roubaram, por assim dizer, as Marcelinas e a mim também. Levaram-nos em suas viaturas, para o distante Educandário, não me deixando nem o tempo de cumprimentar Mons. Vigário Geral que, com dois Cônegos, se encontravam na estação aguardando nossa chegada.

À porta do Colégio, descemos. Na bela Igreja, demos graças ao Senhor. Em seguida, o Prefeito, o Comendador Brunetti, as Autoridades Cíveis, os ilustres esposos daquelas piedosas senhoras, foram nos visitar. Finalmente, deixaram-nos sós. Tudo estava pronto e bem preparado para a refeição, mas não nos sentíamos com apetite. Atordoadas, comovidas, parecíamos estar sonhando e, mesmo, temíamos que após o Hosana, viesse o Crucifixe! Porém, por misericórdia de Deus, já estamos no terceiro ano e não tivemos tribulações de espécie alguma, a não ser pequeninos males inevitáveis à vida humana.

Por que tanto nos festejaram aquelas pobres Senhoras?

Porque o Educandário denominado dos “Angiolilli” de Lecce, fora sempre dirigido por ótimas Religiosas, chamadas da Caridade. Todas aquelas senhoras haviam sido suas alunas. A mudança de Governo, a supressão e choques que elas tiveram com as Autoridades, fizeram com que as Irmãs deixassem Lecce. A Prefeitura e a Província fizeram dirigir aquele Educandário, por sete anos, por Leigos. Nesse lapso de tempo, a diretoria mudou quatro vezes, com resultados cada vez piores e terminaram por dar fim àquele Internato. Há três anos O Colégio Angiolilli estava fechado. Nenhuma das citadas senhoras quis confiar as próprias filhas a mãos leigas e tanto resistiram, a fim de que a Direção do Educandário voltasse a ser confiada a Religiosas. Pobrezinhas!

Não havendo outro em Lecce e nenhum meio de educar bem suas filhas, era preciso que as mandassem bem longe – Nápoles, Florença e outros lugares. Daí a festa, a alegria em acolher as Marcelinas. Oh! Quanto pode a sagacidade e a inteligência feminina, associada à verdadeira Fé e à firme piedade.

Detive-me em Lecce um mês, para as primeiras providências. Depois voltei ao meu Quadronno, com a bondosa Vigária Rogorini, dando graças ao Senhor.

CAPÍTULO XXVII

AUDIÊNCIA DE SUA SANTIDADE LEÃO XIII

Na sociedade atual, tão corrompida, em tempos tão tumultuados, nós nos admirávamos ao ver nossas oito nauzinhas vogarem lado a lado, sobre o mar bravio, e os velhos e espertos pilotos, atentos para evitar os recifes, enquanto no seu interior, todas estavam empenhadas no trabalho, para a glória de Deus e o bem das almas. Isto me fazia plenamente feliz? Ainda não. O homem criado para um bem infinito, tem aspirações muito grandes, e Deus só, em um mundo melhor, pode satisfazer-lhe os santos desejos. Almejava uma audiência com Sua Santidade Leão XIII... Há muito pensava nisso! É verdade que tive um Breve de Pio IX em 1863. Depois, uma audiência daquele Santo Pontífice em 1866 e ele mesmo me aconselhava a esperar pela aprovação do Instituto. Também Leão XIII me havia animado e consolado com um seu Breve de 1879, mas eu queria vê-lo, ouvi-lo, falar-lhe de nossas coisas e ser por ele abençoada. Na época eu não estava muito bem de saúde. Os anos, as lutas travadas, eu os sentia.... Todavia, a vontade forte sempre prevaleceu em mim, fazendo-me vencer qualquer dificuldade. Transporte-me, pois, a Gênova, com uma sobrinha e minha velha enfermeira e, após uma semana, ponho-me de novo em viagem com a bondosa Superiora Locatelli e uma jovem Noviça. Ao grupo uniu-se uma santa viúva, mãe de uma nossa Irmã: seis ao todo. Chegamos a Roma aos 14 de janeiro de 1883. Lá nosso Eminentíssimo Cardeal havia nos preparado modesta estadia junto de excelentes Religiosas Francesas. Veio logo visitar-nos e nos convidou para almoçar com ele naquele dia e mais outras quatro vezes em nossa breve estadia na Cidade Eterna. Procurava conseguir-nos uma audiência com Leão XIII. Mas eu queria que ele nos apresentasse a S. Santidade, para que não me acontecesse sentir-me toda acanhada como da outra vez, diante do Sumo Pontífice. O Cardeal queria dissuadir-me disso e eu, a insistir docemente...

A audiência foi marcada para o dia 20 de janeiro. Às 11h30min, estávamos no grande salão do Vaticano. Um

mundo de gente! Irmãs Dominicanas... umas vinte do Sagrado Coração... Padres... Frades... Bispos... Senhores... Senhoras... nós seis, pobrezinhas, humildes, no último lugar... Chega Mons. Macchi, Mestre de Cerimônias, e diz: “Entrem”. Todos se movem e nós quietinhas no mesmo lugar, quando aparece o Cardeal que nos conduz consigo e vai diretamente à Sala do Trono, atravessando amplas salas e salões, no meio de uma multidão de gente assentada em volta e muita em pé. Todos os olhares voltam-se para nós. Naquele momento, o Papa sobe ao Trono e, o Mestre de Cerimônia sai, dizendo em voz alta: “O Santo Padre concede a primeira audiência e, particular, às Irmãs Marcelinas de Milão”. Que maravilha! Entramos todas. O Santo Padre, com dois olhos cintilantes e uma bondade de velho Simeão, dirigindo-se a nós, diz: “Venham, minhas filhas... Venham receber a bênção de seu pai”. Todas de joelhos diante dele. Eu lhe beijo o pé, depois a mão. O mesmo fazem as Irmãs. Nosso Cardeal estava ao lado do Trono. Tomou a palavra e lhe narrou a história do Instituto. Sua prodigiosa expansão. O bem que estava fazendo a tanta juventude. O Santo Padre, tomando-me pela mão, disse: “Congratulo-me, minha boa Madre. Continue a fazer o bem. Sua família é abençoada!”, e por quinze minutos nos fez perguntas. E eu, a dizer-lhe que nosso Instituto ainda não está aprovado. E ele: “Confiem no meu Cardeal Alimonda. Ele é um Santo. Estão em boas mãos. Ele saberá o momento propício para completar a obra. Abençoo-a e a todas as Irmãs! ” Ouvindo que éramos quase 300, exclamou: “Quantas! Trezentas! Que bênção! Trabalhem, trabalhem pelo seu Instituto e ganhem o Paraíso! ” Depois acrescentou: “Onde é a Casa Madre? ” “Em Milão”, respondi, e lhe apresentei os cumprimentos de nosso Arcebispo, pedindo-lhe uma bênção para ele. Assim fez Ir. Locatelli para o seu Arcebispo de Gênova. Em seguida S. Santidade perguntou: “É esse o seu uniforme usual ou de viagem? ” E nós: “Diário, santidade...” E o Santo Padre: “Agrada-me ... Não dá na vista. Nesses tempos, é preciso agir assim... Tornaram-se tão antipáticas as túnicas e os peitilhos engomados! ”. Perguntou-me depois, de

Lecce, e se tínhamos vindo a Roma propositalmente para vê-lo e sermos abençoadas... “Bravas! ”, acrescentou, “para a frente, com coragem, para fazer o bem e muito! ”. Apresentei-lhe um tapete. A cena foi comovidíssima. O Cardeal narrou a S. Santidade que havia sido feito por nós. Trabalho de um ano, expressamente para o Sto. Padre! Olhou-o. Tornou a admirá-lo. Agradou-lhe muito e depois disse: “Pois bem, vou desfrutá-lo” e o pôs sobre os joelhos, estendido como uma manta de viagem e acrescentou ainda: “Quero gozar o dia inteiro o dom de minhas Marcelinas... “De novo o beijo do pé, da mão e da cruz. Abençoou-nos. Levantamo-nos. O Mestre de Cerimônias quis lhe tirar o tapete do colo e ele: “Não, não. Deixe-o... Esquenta-me gostoso! ”... Uma outra bênção e nós saímos. Estivemos aos pés do Sumo Pontífice uns 20 minutos, com a admiração das duzentas e mais pessoas que esperavam a audiência, que terão tido, depois, em comum, porque se fosse como a nossa, certamente o Santo Padre se teria sentido mal. Ele estava bem de saúde, mas tinha aspecto tão frágil que me fazia lembrar nossa pobre Superiora Gerosa. Voltamos, atravessando as muitas salas, precedidas pelo nosso Emmo. Cardeal, revestido de seus hábitos cardinalícios. Descemos a escadaria. Ele tomou seu carro e nós o nosso e voltamos para casa, felizes, bem-aventuradas e mesmo inebriadas.

20 de janeiro de 1883 ficou em minha memória como um dos dias mais felizes de minha vida! O Cardeal queria deter-me ainda em Roma, mas o escopo havia sido alcançado. Minhas filhas já haviam visitado Basílicas e Catacumbas e urgia-me o desejo de rever minhas filhas distantes de Lecce. Dia 22, deixava Roma. Passei por Nápoles e dia 28 me encontrava no caríssimo Educandário Angiolilli de Lecce. Que alegria ao abraçar aquelas minhas caríssimas filhas! Contavam já com 50 alunas e via-se mesmo o dedo de Deus no feliz desenvolvimento daquele Colégio. Demorei-me lá uns quinze dias, animando-as no caminho empreendido.

Agora o Educandário conta com oitenta alunas e trinta Religiosas; e ainda que o andamento daquela Casa tenha dado sempre resultados consoladores, não devo calar

dois desgostos, qual advertência às Superiores presentes e futuras. Em 1884, aquela Casa sentia necessidade de um número maior de pessoal. Aquela bondosa Superiora, não dando muita importância à Regra que não permite exceções quanto à idade das aspirantes, admitiu uma jovem de trinta anos, para um período de prova, na qualidade de cozinheira e não pediu as exigidas e tão necessárias informações prévias. Era ela inapta! Alguns meses após, foi despedida, mas quantos aborrecimentos tiveram depois a Superiora e as Irmãs. Bom para nós foi que o ótimo Vigário Sforza, tão afeiçoado às Marcelinas, as tirou de um grande vespeiro! Os tempos são maus... não deixem de pedir informações e atendam sempre à nossa S. Regra, na admissão das Noviças.

Outro desgosto foi de gênero diferente. É natural o desejo de ter em Casa domésticos espertos, asseados, ativos, inteligentes, prontos a todas as necessidades. Parecia-lhes tê-lo encontrado! Com vinte e cinco anos e com os requisitos desejados. Em menos de dois anos, a Superiora teve que despedi-lo, sabendo que fora, o jovem tinha uma conduta que desabonava o Colégio. Para o serviço, sejam bons cristãos, homens maduros, sempre ocupados, pais de família. Se for preciso, ajudá-los e fazer-lhes benefícios. Assim, teremos domésticos fiéis, afeiçoados ao Instituto, como por graça de Deus, sempre os tivemos, em todas as nossas Casas.

CAPÍTULO XXVIII

CONCLUSÃO

Chegando quase ao final destas notas históricas, escritas assim, simplesmente, cuidando sobretudo da verdade e da caridade, fui tomada de arrependimento. Para que escrever? Para que serve? Que ensinamento tirar delas? É a santidade da vida, do falar, do meu agir que poderá deixar bom exemplo, santas impressões e doces memórias às minhas filhas!... Caí em um mundo de interrogações. Apareceram inquietações de toda a espécie; assim passei uma noite... e foi quase insone... Saindo da Igreja pela manhã, com as Irmãs, chamo minhas assistentes no escritório e digo: “Sabem? Resolvi”. “O que? ” “Fazer uma fogueira dos fascículos que escrevi nestes dias”. “Por que, Madre? ” Exclamaram elas a uma só voz. Todas já as tinham lido, mas eu quis que fossem também censoras e revisoras do meu pobre trabalho. Opuseram-se, lamentando-se respeitosamente.

Desisti, mas só naquele momento, compreende-se.

Nos tempos determinados, ora uma, ora outra das Superiores locais, vinham a Milão. Liam-no e eu lhes pedia seu parecer, pois que minhas dúvidas não haviam desvanecido ainda. “Absolutamente, não o queime! ”, dizia-me a primeira. “Está muito bom! Ótimo! Vai servir e muito! Mas, sabe Madre? Seria útil um artigozinho de advertência às Superiores futuras, para que não deixem que se introduza em suas Casas, aquele não sei que de particularismo, em roupa, em dinheiro e outras coisas mais. Agora, continuava, tudo vai bem, porque há as velhas que seguram os freios, mas com o tempo... recusar-se-ão a uma mudança de pessoas, ou porque lhes convém, ou porque não é de seu gosto, desejarão ajuntar dinheiro, por exemplo, para algum enfeite para a Igreja ou para a sua comodidade, etc. etc....”. Tinha bem razão aquela Superiora! É tão natural criar necessidade! “Bem! Respondi, farei um apêndice e nele colocarei suas reflexões tão justas e sensatas”.

Havia passado pouco tempo, quando chegou uma outra caríssima entre as Superiores, inteligente, experimentada.

Pergunta pelo meu pobre trabalho. Depois de lê-lo com atenção me diz: “Madre, eu lhe agradeço. Como é interessante! Mas, se permite, há uma lacuna. Agora nossos Confessores, Catequistas, Professores, vão e vêm para o seu trabalho. Não dirigem a palavra a ninguém a não ser às suas Superiores e suas assistentes. Não conhecem as outras. Mas, será sempre assim? Somos mulheres! Por isso, de acordo com meu fraco parecer, acharia oportuno que inculcasse também às Irmãs esse ponto de tanta importância”. “Justíssimo”, respondi. “A senhora lembrou-se de algo que não me ocorrera. Será meu dever fazer um acréscimo”.

Eis uma terceira bondosa Superiora local. Muito critério e consciência delicada. Ela também, já se sabe, quer ler o manuscrito e demorou a manifestar o seu parecer. Já o havia lido duas vezes. Finalmente, vem a mim e diz: “E a senhora queria queimar este livro? Que loucura! Todos os Institutos têm sua história e somente nós, não?! Agradou-me tanto que lhe peço colocar um adendo que fale do bem, das vantagens, da santa edificação que sempre tivemos de nossas velhas e valentes Marcelinas. Desde quando éramos alunas, não se distinguia a rica da pobre, dentre as Irmãs. Nenhuma delas fazia alarde de seu próprio saber. Havia uma representação? Uma festa? Ninguém prevalecia. Tudo era feito em comum. Interrogadas: Quem escreveu isto? Quem compôs aquilo? Respondíamos: as Marcelinas. Dali, a grande edificação. Oh Madre, inculque-o. Será um grande bem!”..... Agradeço. Aperto-lhe a mão e prometo fazê-lo.

Não tardou muito a chegar a quarta, desejosa de ler o pobre trabalhinho. Esta era mulher de extraordinário sentimento e de muita perspicácia. Não quis me dar seu parecer, senão após uma semana. Era tão ponderada em tudo! Finalmente, diz-me: “Lindas! Instrutivas! Edificantes essas notas! Muito bem, Madre! Acharia, porém, isto: No nosso Instituto fizeram-se poucas transferências de Superiores, enquanto nas outras Ordens, três, seis, nove anos, quando muito, e a Superiora é deposta”. Ao que eu respondi: “Nossa Regra, minha cara, aponta todas as dificuldades de encontrar cabeças aptas no

governo e os danos que podem advir ao Educandário com a mudança frequente da Diretora”. Replicou: “É verdade que as atuais Superiores das Casas das Marcelinas são todas ou fundadoras ou mulheres de alto gabarito sob todos os pontos de vista, mas, depois delas, onde encontrar no Instituto mulheres dessa qualidade?! A senhora não sabe, respondia eu, que há a graça do ofício e que é Deus que a dá”? E a teimosa: “Suponha, Madre, que a Superiora eleita, no ato prático não demonstre capacidade, ou então, ainda que tendo qualidades, seja um perfil um pouco rígido, pouco mãe. Que peso para aquelas pobres Irmãs da Casa”? “Então se recorre às transferências”, respondi, como já é previsto pela Regra e pelas normas. Portanto, é inútil repetir. De resto, prosseguia eu, todas as coisas humanas nascem, crescem, morrem. Mas, se nosso pobre Instituto, menor entre todos, viver humilde, observante da Regra, procurando assimilar-lhe o espírito, irá para frente melhor do que antes. Eu o confio a Deus com Sua Santa Bênção.

Estávamos em férias. Todas reunidas e empenhadas nas contas de nossa Administração, e uma quinta Superiora, com doce insistência, quer o livro para ler. Esta era o melhor caráter do mundo: ativa, simples, sempre de bom humor. Nos seus primeiros anos de noviciado fora enfermeira. Terminada a leitura, ei-la também com suas reflexões. Com aquele seu modo bonachão, modesto e piedoso, diz: “Estão ótimas as notas históricas! Relatam como o Instituto teve início e como foi progredindo até aqui. Com as constituições físicas de então, faziam-se tantas belas coisas! Mas com a juventude de hoje, necessitada de mil fortificantes, frágil e estressada, oh. Madre, é preciso inculcar nas Superiores a necessidade de alimentá-las e ocupá-las e de não condescender demais com sua debilidade; caso contrário, nossas atuais Casas, florescentes pela graça de Deus, tornar-se-ão outros tantos ambulatórios de doenças imaginárias. Aos 30 anos, põem os óculos. Aos 40, quererão exonerar-se de seus ofícios e viver quais aposentadas. E que será aos 50 anos?! Com sua inteligência – desculpe, sabe? – Procure a maneira de inserir uma recomendação às Superiores, que sejam bondosas, caridosas, mães, mas um pouco de têmpera

antiga; e às Irmãs, que não se preocupem com tantos pequeninos males que, quanto mais acariciados, mais se sentem. Quem não padece de alguma mazela? Oh viva as nossas velhas! ”

Também esta acertou o alvo, pensei. Sugestões acertadas. Compreendo! Fala pela prática! “Tranquilize-se, disse-lhe, escrevi também sobre seu argumento. Todavia, é preciso convir, que as atuais constituições físicas estão bem mais enfraquecidas. Mas, repito, terei presentes seus pensamentos”. E, bondosa como sempre, aquela querida Irmã retirou-se contente como um Santo.

Confesso que os pareceres, reflexões, sugestões expressas pelas minhas cinco Superiores, haviam me embaraçado muito, torturando meu pobre cérebro. Que fazer para contentar a todas? Pensei, refleti... e concluí: “São tão justas, tão sensatas, tão evidentes! Para que acrescentar palavras minhas?! E voltei às minhas contas. Completamente tranquila? Ainda não. A misericórdia, as graças por mim recebidas foram imensas! Que prestação de contas pedirá o Senhor à velha Madre?!

CAPÍTULO XXIX

FALECIMENTO DA VENERADA FUNDADORA

O ano letivo 1890/91 inaugurava-se com bons auspícios para o Instituto. No outono de 1890 a Madre Fundadora mandara um grupo de Religiosas a Gênova para prestar os Exames que se faziam em caráter extraordinário naquela Universidade. Foram felizes, e a Congregação se enriquecia com 10 Diplomas: cinco de História e Geografia e cinco de Pedagogia e Moral.

Na aproximação das Festas Natalícias (1890), a Venerada Madre Geral havia consolado todas as Superiores e as Filhas de cada Casa, com cartas de conselho. De exortação, transbordantes de afeto maternal, que comoviam até às lágrimas. Mas, ai! um pressentimento nasceu nas Marcelinas: tanta ternura seria seu testamento, a última manifestação de seu coração maternal... Será que ela pressentia que bem depressa as teria deixado órfãs no exílio, para voar à Pátria Celestial?!

Os fatos, infelizmente, vieram confirmar os tristes pressentimentos. Na metade de janeiro, mais ou menos, foi tomada de um mal-estar geral que lhe provocava frequentes desmaios. Por isso, teve que ficar resguardada, no quarto. Tendo se restabelecido um pouquinho, retomou suas habituais ocupações, mas, em março, recaiu com pneumonia e complicações cardíacas. Foi para ela, uma alternância de melhoras e de pioras, de ânsias e temores para suas filhas que rezavam e suplicavam a Deus que lhe conservasse vida tão preciosa. Ninguém pode imaginar quantos sacrifícios a venerada nossa Madre Fundadora soube se impor, para dissimular o mal que a consumia, a fim de não afligir as filhas amadas.

Possuidora de fé robusta e de ânimo forte, sofria corajosa, resignada à Santa Vontade de Deus. Quando sentiu o aproximar-se da morte, mandou chamar as Irmãs Superiores, às quais deu sábios conselhos, exortando-as a se conservarem sempre unidas de mente, de coração e a conservar intacto o espírito da Congregação, já tão abençoada por Deus. Quis também saudar, pela última vez, as Irmãs

que se encontravam em Milão. Despediu-se de todas com alguma palavra de santa lembrança. Em seguida, deixou todo pensamento terreno. Recebeu os Santos Sacramentos com verdadeira edificação de quantos a assistiam. Foi visitada por muitos dignos Prelados e Sacerdotes que lhe deram bênçãos especiais. Pobre Madre! Como se consolou quando recebeu a Bênção Papal e a do Exmo. Cardeal Protetor Alimonda.

Mas a hora do sacrifício havia soado. A Virgem Prudente, com a lâmpada acesa, ia ao encontro do Esposo, serena e tranquila, na plenitude de sua inteligência. E exclamando às filhas chorosas: “Coragem! ”, cerrava para sempre os olhos à luz terrena. Era o dia 10 de abril de 1891, às 2 horas da manhã. Ela os reabrirá lá onde resplandece a luz da Sabedoria Infinita.

Por conselho do Sr. Arcebispo de Milão, foram-lhe feitos funerais mais do que decorosos, tornados esplêndidos pelo testemunho de afeição de milhares de pessoas, das quais havia sabido ganhar o coração, como Madre e como benfeitora.

Seus despojos foram transportados para Cernusco, onde repousam na Capela, perto dos restos mortais de nosso Venerado Fundador.

NORMAS

DAS

IRMÃS MARCELINAS

Diletíssimas Irmãs e queridas Filhas em Cristo!

Solicitada pelas suas doces e reiteradas instâncias e auxiliada, constantemente, por todas, satisfaço seu vivo desejo, permitindo que sejam impressos os poucos avisos e as normas que, em trinta e seis anos, achei oportuno escrever em circunstâncias diversas, para animar a todas a se desincumbirem bem de seu próprio ofício. Da Superiora Geral, Madre da Congregação, à Irmã auxiliar na cozinha há, nestas breves notas, a maneira como nos portamos até aqui em família, com a bênção de Deus e santa afeição em Cristo.

Todas as Superiores e chefes de ofícios sejam firmes em observá-las fielmente. Mas de que valem as ordens e os preceitos, ainda os mais sábios, se na família não há o bom espírito? Oh! o Senhor Deus as conserve sempre em Sua Santa Graça e as faça progredir de bem para melhor! A vontade de uma, seja a vontade da outra! Na união está a força, minhas queridas! Amem sua Congregação. Prefiram-na sempre a qualquer interesse particular e até a si mesmas. Recebam, pois, estes breves avisos como o Testamento de sua Primeira e já velha Madre, que se recomenda às suas orações.

Irmã Marina Videmari

NORMAS E AVISOS À SUPERIORA GERAL E MADRE DA CONGREGAÇÃO

Seu cargo, ó Irmã, é de tal natureza, que é necessária graça especial de Deus para desempenhá-lo bem. Os dons da inteligência e do coração não bastam. Os auxílios externos dos Superiores e internos das Irmãs podem servir muito. Mas, se Deus não lhe conceder, diariamente, Suas Santas e abundantes Luzes, tudo irá mal. Reze, pois, querida. Viva em grande humildade e tema.

Bem unida às suas Irmãs sensatas, conte-lhes suas angústias do ofício. Tome em consideração suas reflexões. Anime com moderação. Gentil para com todas, sem preferências para com nenhuma. Ai se a Superiora Geral cede por fraqueza ou se deixa enredar por quem possui pouco critério! As bondosas, as ajuizadas sofrem; as superficiais, as menos sensatas, sobrepujam-nas e a Congregação irá à ruína. Todas devem ter livre acesso, pois que as filhas têm o direito de aproximar-se da própria Madre, mas esta deve ter tal comportamento, que as filhas fiquem persuadidas de que a Madre conhece os dons, as tendências e os defeitos das filhas, e por isso, sabe dar valor e peso aos pedidos, às referências e às necessidades de cada uma. Assim, evitará todas as intrigas, e nossa Congregação será um verdadeiro abrigo de caridade e de paz. Tome em consideração toda notificação, especialmente se reconsidere bem os prós e os contras ferir ao andamento de uma das Casas. Então, ore. Faça orar, mas não seja precipitada no agir, nunca! Aconselhe-se com o Superior. Fale com as Irmãs mais sensatas. Considere bem os prós e os contras de todo conflito que possa surgir e, depois, com caridade, prudência, decoro e santa firmeza, decida e execute, livremente, o que deve, para o bem daquela Casa ou de qualquer pessoa.

O bom andamento da nossa Congregação não a torne vaidosa. Pense em tantas outras Casas Religiosas que foram célebres e agora se acham deprimidas, reduzidas! Não permita luxo, nem no mobiliário, nem nas construções. Baste-lhes o necessário. Providencie o de que precisam

as Irmãs e as Casas, mas faz-se mister que todas as suas filhas sintam que são pobres de Cristo e que por toda parte, haja decente pobreza. Ame as escolas paroquiais, os Oratórios se quiser que Deus continue a abençoá-la.

Nossa Congregação nasceu no meio de grande pobreza financeira e de membros, de maneira simples e em localidade obscura, daí a assistência e a proteção divina. Mantenha sempre um porte humilde, considerando-se, e às suas filhas, as menores entre as Religiosas. Guarde-se da mania de acumular dinheiro e mercadoria. Tendo suas casas e boa vontade de trabalhar, nunca lhes faltará o pão. Conserve alguma coisa para suprir às necessidades, caso sobreviesse um ano de penúria, mas nada mais do que isso. Se tiver pessoal e meios suficientes, abra uma outra Casa e dilate a Congregação, como fizemos até aqui. Assim conquistará almas para o céu, verdadeiro e duradouro patrimônio com que fará verdadeiramente felizes, a senhora e suas filhas Marcelinas.

A Superiora Geral seja firme com as Superiores locais para que não introduzam abusos em suas casas, por diversidade de ritos ou demasiadas exigências dos lugares. O mesmo espírito deve reinar em todas as Casas da Congregação, a mesma instrução para as alunas. Mudar de nação ou de Diocese, poderá fazer trocar o idioma e as cerimônias da Igreja, mas não o espírito da Congregação a que pertence. Com as Superiores e as Irmãs seja verdadeira Mãe, interessando-se muito por suas almas e não esqueça as necessidades de seu corpo. Prever e prover a tempo e lugar, a todas, esquecendo muitas vezes a si mesma, torná-la-á querida à Congregação e lhe atrairá muitas bênçãos de Deus. Interesse-se pelas educandas de sua e das demais Casas, qual Madre sábia e piedosa. A Superiora Geral, de acordo com o representante Episcopal, cuidará que as Casas da Congregação sejam bem providas de Confessores Ordinários e Extraordinários, de Catequistas e Capelães. Não se esqueça de inculcar às Superiores locais que os honrem, mas saibam, igualmente, conservá-los em seu próprio lugar.

A Superiora Geral, de quando em quando, deverá visitar, com uma sua conselheira, cada Casa da Congregação e

ali se deter o tempo que achar oportuno. Ouvidas, da Superiora local, as necessidades da Casa, conferenciará com as Irmãs sensatas daquela Casa. Verificada alguma carência, procurará os meios de remediá-la. Seja sempre animada pela Caridade, mas não perca jamais de vista a justiça, o decoro, o bem espiritual da Casa que visita. Anime a todas a proceder bem e, notando algo que desvie do espírito da Congregação, avise a Superiora, as Irmãs e, se não for ouvida, use todos os meios para corrigi-la e, se for preciso, recorra também às transferências.

O governar bem exige previdência, discernimento das coisas e dos indivíduos. Às vezes uma pessoa não tem êxito num ofício e num outro se sairia muito bem. Cuide, pois, a Superiora Geral, de encontrar o próprio nicho para cada uma de suas filhas.

Quando a Superiora Geral não pode ir pessoalmente visitar as Casas da Congregação, encarregue disso a sua Vigária ou uma outra Conselheira, com mandato especial, e esta, feita a visita, dê referências à Superiora Geral, para que tome as necessárias providências.

A senhora, Superiora Geral, deve pensar frequentemente que não é a dona, mas a serva de toda a Congregação. Por isso, tenha um comportamento humilde e gentil para com todas. Cabe-lhe receber as pessoas distintas que vêm à sua Casa. Não desdenhe, porém, de acolher os pobres. Visite, com frequência, as suas enfermas, as Superiores locais, as Superintendentes, as professoras, a ecônoma, as porteiras, as costureiras, as encarregadas da rouparia, enfim, todas as chefes de ofício e estas devem dirigir-se à senhora em suas necessidades. De acordo com estas Irmãs, providencie tudo o que pode ser necessário para a Casa, não permitindo jamais que alguma desempenhe seu ofício por conta própria, sem depender da senhora. Quando se tem bom coração e o espírito de Deus, notam-se melhor, com os próprios olhos, as carências a prover e os males a remediar.

Pense, enfim, ó Superiora Geral, que é a Mãe e Mestra da Congregação, e por isso lembre a prestação de contas que deverá dar a Deus da maneira como tiver governado e edificado sua família.

Reze e confie em Deus. Ele jamais lhe deixará faltar o
Seu valioso auxílio.

NORMAS E AVISOS PARA A ELEIÇÃO DA SUPERIORA GERAL E DAS SUPERIORAS LOCAIS

Amem o Instituto. Prefiram-no a qualquer novidade, a seus interesses próprios e até à sua vida.

Se amarem seu Instituto de preferência a qualquer outro bem, suas propostas estarão de acordo com o coração de Deus.

Não se deixem influenciar por recomendações, por rogos de quem quer que seja, nem por qualquer conveniência. Tenham em vista somente a glória de Deus, o bem das almas, as vantagens de sua Congregação Religiosa.

Informem-se bem sobre o passado, o presente dos membros que querem propor ao governo. Se têm aptidões, se são piedosas, sensatas, de bom caráter, criteriosas, se têm coração de Mãe.

É preciso possuir bastante cultura para desempenhar bem o próprio ofício com decoro. Mas, geralmente, quem ama demais os livros, tem mais aptidões para instruir do que para governar. Rezem em tais eleições, a fim de que Deus as ilumine e a escolha seja tal que não se prejudique a Sua obra.

As Superiores recém-eleitas recebam o cargo com temor; pensem nas contas que deverão prestar a Deus e na necessidade de viver humildes e em santa dependência da Superiora Geral, em grande união com as Superiores locais experimentadas, a fim de receberem luzes, conselhos e direção em seu novo ofício. Tal comportamento, minhas queridas Irmãs, fá-las-á caminhar bem e cometer menores despropósitos. Sirva tal norma para a eleição de qualquer encarregada, em qualquer ofício.

NORMAS E AVISOS PARA AS SUPERIORAS LOCAIS

As normas para as Superiores locais são muitas e graves, sendo seu ofício difícil e de grande responsabilidade diante de Deus, dos próprios Superiores, das Irmãs, da Sociedade.

Uma Superiora local dá a fisionomia à Casa que preside. Uma Superiora humilde, reservada, piedosa, ativa, vigilante, bem unida à Superiora Geral, é um modelo da Casa que dirige. Todas se encontrarão bem ali; não haverá teimosias, desafios, murmurações, censuras por transferências ou mudanças de ofício. Toda ordem será recebida com bondade. Nenhuma resistirá. Nenhuma terá comparações ou queixas a fazer, porque, em todas, haverá a persuasão de que, ainda que recorrendo à Madre, não encontraria apoio. Se as Superiores locais - não o permita Deus! - se sentem auto-suficientes pelo bom andamento da Casa que representam, pouco a pouco vão se afastando, quase sem se aperceberem, das Casas irmãs e da Madre Superiora e as Irmãs de sua Casa dividir-se-ão logo, formando partidos: umas em favor da Superiora e outras contra. Daí, censuras, murmurações e pior ainda!

Guarde Deus todas as Casas de tais Superiores! E se isto acontecer, que sejam depostas. Será uma graça para a pobre encarregada e uma verdadeira bênção para a Comunidade inteira. Vejam, pois, as Superiores locais, quão grave é seu ofício!

Porte-se, em tudo, como prescreve a Santa Regra! Não faça inovações por próprio arbítrio! Ame a Casa que recebeu para reger. É um dever, mas guarde-se de dizer: MINHA Casa, MINHAS Irmãs, MINHAS Educandas! Pertencem à Congregação. É o corpo e não as partes que devem ter a preferência. É o corpo que a deve interessar. Pense sempre que não sabe se no próximo ano estará na mesma Casa.

Guarde-se da mania dos móveis, dos tapetes de luxo! Do aumento dos locais e do que quer que seja mundano. Deve-nos bastar o exclusivamente necessário.

Por isso, é proibido às Superiores locais procurarem objetos ou outras coisas fora do que foi sempre usado, sem

licença da Madre. Assim, também, sem sua permissão, é proibido empreender melhorias, embelezamentos e outras grandes reparações. Tudo o de que precisar, peça-o. Se a distância não o permitir de viva voz, faça-o por escrito.

No fim de cada ano, na época do Capítulo, as Superiores locais apresentarão uma relação dos reparos, construções que lhes parecerem oportunas para o bom andamento da Casa.

A Madre Geral, com a própria Vigária, ouvido o parecer das Conselheiras, examinará os pedidos das Superiores locais e estas, disponham-se, pelo sim e pelo não, em tudo ou em parte, do que pedem, certas, com tais disposições, de caminhar com o espírito de Deus.

As Superiores locais não poderão se afastar, para as cerimônias Religiosas, do prescrito na Casa Madre. São, pois, proibidas as Missas cantadas, as Missas noturnas. Se por acaso os Ritos diferentes de alguma outra Diocese exigissem funções especiais, perguntarão à Madre Geral o que deverão fazer. Com suas Irmãs, portem-se quais mães, pensando em suas necessidades particulares. Agrados, nunca; avareza, jamais. A saúde das Irmãs é patrimônio da Congregação. Cuidem dela, mas, sobretudo, interessem-se pela sua santificação. O encontro espiritual de cada sábado far-lhes-á conhecer suas necessidades espirituais e corporais. Em tal circunstância, interroguem as anciãs, as sensatas, se notam algum abuso na Casa que preside ou algo que se diferencie da Casa Madre.

Se lhes parecer necessária a transferência ou a correção grave a alguma Irmã, fale, livremente, a respeito, à Madre Geral.

A maneira de se portar com as alunas será aquela por Deus abençoada até aqui, de mãe doce e afetuosa, mas um tanto reservada. Será bom que as Superiores locais conheçam suas alunas, suas tendências, seus defeitos. Portanto, a ela cabe adverti-las e corrigi-las, mas é reprovável que a Superiora esteja sempre a falar. Isto faz perder a autoridade e cansa as jovens. Seja mãe e lembre-se do que ensina S. Francisco de Sales: “Apanham-se mais moscas

com uma colher de mel do que com um barril de vinagre”.

Não tenha predileções nem por recomendação, nem por outro motivo. Não mude o método usado até o presente com tanto êxito, nem por diversidade de País, nem de nação.

Com referência às recreações outonais, carnavalescas e excursões, sejam sempre moderadas e conformes às que foram praticadas até hoje e sempre de pleno acordo com a Madre Geral.

Os exames poderão ser públicos ou privados, segundo as circunstâncias e as exigências. Não devem, porém, ir além de dois dias, isto é, um para as séries inferiores e outro para as séries mais adiantadas.

Os horários, o ensino, os uniformes, os móveis, a alimentação, tudo seja igual à Casa Madre. Uma deve ser a família e, portanto, o andamento seja igual em todas as Casas.

Não introduza refeições e nem merendas para pessoas de fora a não ser as que foram praticadas até aqui, isto é: aos sacerdotes que pregam o Retiro; aos Confessores extraordinários, se vêm de longe; aos examinadores no dia do Exame. Mas estas refeições sejam simples, frugais. Sejam servidas na parte reservada aos visitantes e, os comensais, sejam servidos pelos domésticos do Colégio.

Tenha interesse pela instrução religiosa de suas Irmãs. Aos domingos, das 15h30min às 16h30min, uma Religiosa idônea explique o Catecismo às Irmãs reunidas em lugar conveniente. Inculque nas Irmãs a reciprocidade do bom exemplo.

A Superiora Geral tem a obrigação de visitar, com uma sua Conselheira, as Casas da própria Congregação, de tempos em tempos. Isso será de grande vantagem para cada Casa e para a Superiora local. Nestas visitas, a Superiora Geral poderá notar se o espírito da Casa é ainda o primitivo ou se, por abusos introduzidos, mesmo com a finalidade de bem, o espírito da Casa tenha mudado de fisionomia, de maneira a se verificar algum corpo estranho. Conhecerá melhor as necessidades e, percebendo defeitos, fará justas advertências e dará as providências necessárias. Conferenciará com as Irmãs da Casa que visita, a fim de animá-las a proceder

bem. Quando a Madre Geral não puder ir, poderá mandar a Vigária ou uma sua Conselheira, com o devido mandato.

As Superiores locais devem receber a própria Madre ou as suas procuradoras, como enviadas por Deus. Ao chegar a Madre, será acolhida com afeto, de coração aberto, ouvindo tudo o que diz respeito à Casa que assim receberá conforto, conselho e auxílio. A Superiora local seja-lhe submissa como a última da Casa. Tal conduta edificará as Irmãs. Também as delegadas da Madre sejam alvo de atenções delicadas. As Irmãs que vão à Casa que preside, quer para férias, quer para tratamento, quer para auxiliá-la, a Superiora local deve recebê-las fraternalmente, tratá-las com carinho. Elas têm a obrigação de Regra de lhe obedecerem como se fosse a sua própria Superiora. Igualmente, deverão ser tratadas como filhas. Se, por acaso, a Superiora não tem condições de recebê-las todas, deve ter delas cuidado e responsabilidade como com as da própria Casa com plena inteligência de quem chefia o grupo.

As pobrezinhas vêm de longe. Faltam-lhes muitas coisas! Assista-as com grande cordialidade. Como seria desagradável se houvesse frieza, afastamentos entre as da Casa e as que chegam! A caridade, a edificação do próximo, o bom nome sofreriam! Informada de tais falhas, a Superiora Geral faça correções especiais e gerais.

A hospitalidade foi sempre sagrada para nossos pais, até para com os estranhos, e que dizer para nós, que nos chamamos Irmãs?

Para qualquer tratamento termal ou mineral prescrito pelos médicos para alguma Irmã, pelo qual deveria sair de Casa, as Superiores locais deverão falar à Madre Geral e esta decidirá se é o caso e se convém. Depois, disporá de maneira que tudo proceda com decoro e que a Irmã seja acompanhada por uma ou duas outras Religiosas.

Também aos banhos de mar é proibido ir uma ou duas Irmãs sós. Deverão ir sempre com um grupo de alunas. Assim, será mais fácil evitar maus encontros. Não introduza peregrinações a Santuários distantes. Podem crê-lo: é superficialidade, é curiosidade e, às vezes, podem se

encontrar perigos para as Irmãs e para as alunas. Entretanto, se alguma o desejar, peça a devida licença à Madre Geral.

Quando alguém recorre à senhora para recomendações, obras a empreender, contratos etc., que a possam empenhar demais, diga logo claramente que a senhora não é a dona da Casa, mas que é preciso recorrer à administração geral, que agora se encontra em Milão. Tal proceder franco, livrá-la-á de muitos embaraços.

Recomenda-se às Superiores locais moderação nas despesas, sem avareza. Grande cuidado da saúde espiritual e corporal das Irmãs. Boa conservação dos livros da administração. Pensem frequentemente que as Superiores locais são espelhos em que as Irmãs têm o direito de se mirar. Sejam-lhes, pois, de exemplo, observando escrupulosamente a Regra e não se descuidem de ter sempre uma religiosa presente quando falam com os parentes, com os funcionários e com todos os que vêm ao Colégio.

CONDUTA QUE DEVEM TER AS SUPERIORAS LOCAIS COM O PESSOAL DA CASA QUE PRESIDEM

Já foi bem explicado, na nossa Regra, o que diz respeito aos Confessores. Aqui é bom acrescentar algumas normas com referência aos outros Sacerdotes. A experiência de muitos anos fez conhecer que o bom andamento da Casa é devido, em grande parte, ao saber conservar cada um no próprio lugar. O Catequista, o Capelão, terminado o próprio ofício, deve ir embora: nada de conversas, nada de confidências... Guardem-se as Superiores, de dar, aos mesmos, incumbências alheias a seu mandato. Aos passeios, às excursões, não permitam que as acompanhem. Imponham-se qualquer sacrifício, para não dar motivo a censuras ou a facilitar que procedam quais senhores na Casa. É ponto de grande importância e difícil, manter o pessoal afeiçoado à Casa e mantê-lo no devido lugar. As Superiores locais peçam, todos os dias, essa graça a Deus e, se for preciso, aconselhem-se com a Madre Geral. O mesmo devem fazer com os médicos, engenheiros, professores e com qualquer outra pessoa que frequente a Casa.

Uma palavra, também, sobre a maneira de se portar com os colaboradores. Com a graça de Deus, fomos sempre felizes na escolha de tais pessoas. Mas, antes que alguém seja introduzido em Casa, será conveniente pedir informações exatas. Admitido ao serviço, é conveniente não o perder de vista, prová-lo e, verificando ser ele possuidor de bons costumes, fiel, afeiçoado, ativo, conservá-lo qual tesouro.

Não lhe dê ordens em tom imperioso, mas com gentileza. Nas faltas, faça-lhe advertência caridosa. Se estiver em necessidades socorra-o na medida do possível, mas, confidências, nunca! Seria reprovável. Descuido, dureza, nunca! Se um empregado não corresponde, diga-o aos Superiores. Se acharem oportuno, eles o afastarão. Interesse-se também pela sua alma. Se se aproximam dos Sacramentos, se assistem à S. Missa. Dê-lhes bons livros, a fim de que se instruam na Doutrina Cristã; esse é também um seu dever.

Ao bom nome de uma Superiora, de uma Casa,

das Irmãs, muito influi a língua dos colaboradores. Defeitos, temo-los todos e será conveniente tolerá-los, compadecer-se deles e auxiliá-los do melhor modo possível. Será conveniente manter os colaboradores na devida distância. Porte-se assim, também, com os diaristas. Vindo um colaborador de outras Casas da Congregação, para algum pedido ou outras incumbências, receba-o bem em sua Casa. Cuide de atendê-lo e, quando partir, dê-lhe uma gorjeta.

NORMAS PARA A VICE SUPERIORA

Seu ofício é de assistente. Deverá, portanto, assistir e ajudar em tudo a Superiora que preside a Casa. Deve, pois, se ater às normas dadas pela Superiora local a respeito da Superiora Geral. Leia-as. Medite-as. Observe-as fielmente. Assim, será de bom exemplo às suas Irmãs menores de ofício e de grande conforto à mesma Superiora. Na ausência da Superiora, ou em caso de doença da mesma, fará o ofício de Superiora local.

Veja, portanto, a necessidade de não se afastar de tais normas. Contudo, a extensão de sua autoridade é mais restrita. Nada faça de seu próprio arbítrio nas ausências da Superiora. Peça tudo. Pergunte tudo. Procure andar sempre em grande acordo com ela.

Quão prejudicial seria se a repreensão feita pela Superiora fosse censurada pela Vice-Superiora; se lhe demonstrasse pouca estima; se fosse auto-suficiente, se demonstrasse indiferença às suas ordens! O bom andamento da Comunidade e a glória de Deus seriam prejudicados! Seja diligente no desempenho de seu ofício. Para com a Superiora, deve demonstrar-se filha humilde e afeiçoada. Deve partilhar de suas ideias, de suas providências e receios e, especialmente, diante das Irmãs e dos estranhos. Para com as Irmãs seja vigilante e afetuosa! Quantas angústias, quantos dissabores poderá poupar à pobre Superiora já tão onerada de trabalhos e de preocupações! Uma palavra de animação a esta; um aviso àquela; estar sempre pronta aqui e ali para ver se tudo está bem e se todas cuidam do próprio ofício, evita à Superiora muitos aborrecimentos.

Não é fácil desempenhar tal ofício e não extrapolar o próprio mandato. Por isso, a Vice-Superiora ou Assistente, reze mais do que as outras. Seja aberta de coração com a própria Superiora, narrando-lhe tudo o que acontece. Ocultar-lhe algo por temor de desgostá-la, não é bom. A pequeninos males, fácil é o remédio; a grandes, nem sempre se pode reparar. Tenha cuidado com a honra, a saúde de sua Superiora. Se ouvir alguma queixa na Comunidade ou de pessoas de fora ou de

dentro, com humildade e prudência deve comunicar-lhe. Se esta não fizer caso, dirija-se com toda confiança à Superiora Geral e deixe a ela toda a responsabilidade.

A experiência demonstrou que as faltas de uma Casa foram conhecidas pelas Religiosas de uma outra e por estas levadas ao conhecimento da Madre Geral, a quem cabe remediar.

Esteja bem atenta, pois, e quando alguma Irmã de outra Casa se lhe dirige, não se mostre desconfiada e misteriosa. Isto deixa má impressão em quem a visita. Lembre-se de que nossas Casas devem ser palácios de cristal e as senhoras devem ser humildes, sinceras, bondosas, de bom coração, o que lhes atrairá a confiança e o afeto de todos.

Por último, guarde-se de se deixar tomar pelo ciúme por preferências que a Superiora possa ter por esta ou por aquela Irmã.

As Superiores devem cultivar, com grande consciência, os dons de que as próprias filhas são possuidoras.

NORMAS E AVISOS PARA A MESTRA DAS NOVIÇAS

No Noviciado da Casa Madre, além da Mestra das Noviças é bom que haja também uma assistente, a fim de que as Noviças não fiquem nunca entregues a si mesmas. Na nossa S. Regra há já as prescrições para tal ofício, tão detalhadas, que bem pouco há a acrescentar. Observe, pois, fielmente àquelas e a quanto aqui se expõe.

Ao chegar a noviça, conduza-a à Igreja. Coloque-a sob a proteção de Maria Santíssima, dando-lhe, além disso, um Santo protetor.

Em seguida, anotará o que ela trouxe consigo. A certidão de nascimento, o diploma de professora, se o tiver, e os demais documentos, entregue-os à Superiora. Em livro apropriado, anotará o dia em que entrou a postulante.

Se a Superiora a destinar à cozinha, à rouparia, à costura, aos trabalhos manuais, confie-a à chefe; se aos estudos, a quem dirige as estudantes.

Todos os sábados, a senhora, Mestra das Noviças, pedirá referências às chefes de ofício, da maneira como se comportam as suas noviças: as tendências, as capacidades, o temperamento de cada uma. Faça as anotações de tudo em livro apropriado a fim de que, no dia do Capítulo para a aceitação de suas postulantes, possa dar um juízo seguro das mesmas. Todos os domingos e em algum dia livre da semana, faça-lhes instruções sobre a Regra, sobre os compromissos que vão assumir, e a vida humilde e mortificada que deverão levar. Guarde-se das faladeiras, das superficiais e das covardes que mentem com facilidade. Não troque nenhuma de ofício. Quem foi destinada a um determinado setor e não se tiver acostumado, se a satisfizer, dará grandes incômodos à família religiosa. É este um ponto de grande importância que se deve observar fielmente.

Não perca jamais de vista as suas Noviças. Não deixe passar nem um dia sem ter feito uma observação a esta, sem ter dirigido uma palavra de animação àquela, ou estimulado uma terceira e, assim por diante.

Cabe-lhes, queridas Mestras, formá-las. Pensem quão grave seu ofício diante de Deus e diante de toda nossa família religiosa. Rezem, minhas queridas, e aconselhem-se com frequência com a Madre Geral sobre a maneira que devem se portar com esta ou com aquela.

Os tempos são críticos. O espírito de insubordinação é, mais do que nunca, geral. Daí a necessidade de vigiar sobre as Noviças e de se empenhar com toda a alma para formá-las humildes esposas de Cristo.

Se a noviça não corresponde, mas não há todos os motivos para despedi-la, não se deixem tomar de compaixão. É preferível não aprovar uma Noviça duvidosa do que aceitá-la. Se for realmente chamada por Deus à vida religiosa, Ele saberá abrir-lhe outras portas.

Se no seu Noviciado houver uma Noviça realmente distinta pela inteligência, ou pela piedade, ou por outros dons especiais, não dê muita importância a isso. Não lhe manifeste demasiada estima. Mantenha-a sempre em mansa humildade. Anime as tímidas. Encoraje as medrosas. Enfim, seja mãe vigilante e prudente.

NORMAS E AVISOS PARA IRMÃS QUE DEVEM MUDAR DE OFÍCIO OU DE CASA

É ponto de Regra renovar, cada três anos, a eleição das Superiores locais. Nas Casas que se acham fora da Diocese, então, será bom mudar a Superiora o mais possível, para conservar o espírito original da casa Madre.

Haveria vantagem de proceder assim, também, nas Casas da Diocese, para atos de humildade e para preparar as Religiosas maduras ao Governo de uma Casa. Entretanto, na prática, encontramos sempre dificuldade em achar Irmãs idôneas e cabeças maduras capazes de reger bem uma Comunidade. De todas as maneiras convirá fazer as trocas necessárias, de tempo em tempo. A Superiora Geral seja firme em executá-las, quando a caridade, o decoro, o bom andamento de uma Casa o exija. O Capítulo Geral tome tais providências em grande consideração.

E aqui me permitam, caríssimas Irmãs e Filhas em Cristo, algumas reflexões de Madre afetuosa e providente, a fim de que, como Irmãs sensatas e piedosas, Deus as auxilie na transferência, troca de ofício ou de cargo.

Poderão sentir muito vivamente, minhas diletíssimas, o desapego e a aparente humilhação de acordo com seu caráter e o amor próprio... Mas, procurem dominar-se! Roguem a Deus e à caridade de suas bondosas coirmãs, que as auxiliem a vencer e a não manifestar toda a fraqueza de sua pobre humanidade. Caso contrário, seriam de mau exemplo à Comunidade a que pertencem.

Que horror, se pronunciassem palavras de rancor contra os Superiores! Seria um modo de comprovar que seu agir foi justo. Quem resiste aos Superiores, resiste a Deus, de quem são os representantes na terra!

Se cobiçam o governo, é prova certa de que a responsabilidade não lhes pesa e, por isso mesmo, são totalmente indignas de ocupar um cargo. Sua pouca resignação provaria falta de humildade e sem esta, como obter os dons para governar bem?

Portaram-se dessa maneira todos os que não permaneceram na Vida Religiosa, conforme está registrado na História Eclesiástica. Não aceitaram a humilhação de ter sido tirados de um cargo. Daí o se debaterem, o gritar, o desejo de se subtraírem ao jugo da cruz. Saíram da Congregação e puseram em perigo a própria alma. Deus não permita que isto aconteça entre nós!

Pensem numa Madre de Chantal, fundadora da Ordem das Salesianas, que por mais de vinte e cinco anos, mais roga e suplica, de joelhos, diante do Capítulo para ser deposta. Finalmente o consegue. Que alegria para aquela Santa, poder cuidar somente da salvação da própria alma! Que edificação para as Irmãs ao vê-la no último lugar, tão serena, cuidando das enfermas e dos ofícios mais simples da Casa. Todas a amavam e estimavam mais do que antes.

Minhas caríssimas, mudar de Casa ou de ofício, seja para as senhoras, se não indiferente, pelo menos aceito com resignação. De boa vontade façam o sacrifício a Deus, assim estarão certas de promover a própria santificação.

Entramos na Congregação para nos santificar e às jovens que Deus nos confia, levando vida humilde, obediente, mortificada.

Este é o ponto, minhas filhas, que devem meditar seriamente todos os dias. Se tivermos a verdadeira humildade, amaremos qualquer ocupação na Casa de Deus. Seremos sempre honradas, estimadas e amadas até no ofício mais insignificante.

Foi sempre esta a conduta dos Santos, a exemplo de Jesus Cristo, nosso Divino Modelo.

NORMAS E AVISOS PARA AS IRMÃS AUXILIARES DA SUPERIORA NA ADMINISTRAÇÃO

Serão estas a Vice Superiora e outras Irmãs escolhidas pela Superiora que tenham especial habilidade nas contas e na administração. A cada uma delas a Superiora confiará diversos setores.

No fim de cada mês a Superiora e a Vice pedirão as contas exatas a cada uma para o registro em livro apropriado. A cada trimestre a Superiora transportará tudo para o Registro Geral.

A 15 de agosto de cada ano, a Superiora, com suas auxiliares, extrairá do registro as contas específicas das alunas. Será conveniente que cada uma delas, chamada no escritório da Superiora, verifique se recebeu tudo o que aí foi anotado.

Em seguida, a Superiora fará um resumo total das entradas e das despesas, para compará-las com as saídas das despesas das alunas, para verificar se houve desfalques.

No começo de setembro, cada uma das Irmãs auxiliares, apresentará os próprios livros do ano inteiro à Superiora, e esta, com suas ajudantes, formará o assim chamado livro dos Débitos. Depois de examinadas as entradas registrará os créditos sobre o mesmo livro que se chamará, como de praxe, Livro dos Débitos e dos Créditos. Antes de exigir e saldar aqueles, a Superiora, com suas auxiliares, fará o assim chamado balancete. Será necessário pôr no Registro Geral tanto os débitos como os créditos.

Faz-se o fechamento dos livros de cada administrador aos 30 de agosto e, a partir deste dia, será determinada, com exatidão, a soma que se encontra em Caixa, a dos Débitos, a dos Créditos.

Com estas bases, será fácil extrair o balancete do Registro Geral, como notamos nos balancetes até agora praticados. Em seguida far-se-á o balancete de costume seguido por um segundo, Social, e reduzido a tabelas com a própria demonstração, e que será assinado pelas sócias que compõem a Sociedade legal.

Cuide a Superiora local de ficar em dia com o registro para que, na época determinada, tudo possa estar pronto e dar contas

à Madre Geral, a quem cabe o balancete parcial, geral e social.

O fato de nunca termos tido nem guarda-livros, nem contador, foi de grande vantagem para a Congregação, treinando-nos em tais trabalhos, poupando três ou quatro mil libras por ano, administrando bem nossa parca renda e não fazendo despesas maiores do que se possuía.

O tédio, as penas, as fadigas causadas por tal administração foram sempre largamente compensadas. Pudemos até agora dar conta das volumosas despesas para compras, para construções, mesmo em tempos difíceis. Afastar-se de tal prática seria tolice. Procurem, pois, mantê-la e sempre se sairão bem.

NORMAS E AVISOS PARCIAIS E GERAIS EM RELAÇÃO AO PATRIMÔNIO DAS IRMÃS E DA CONGREGAÇÃO

Quando a Congregação era reconhecida pelo Governo, as Irmãs que traziam um dote pecuniário faziam uma declaração oficial, chamada protocolo, que era assinada pela Madre Geral, pelo Representante Episcopal e pelo Protetor leigo. Este ato, embora simples, tinha força em si. Morrendo a Religiosa, os herdeiros nada podiam reclamar.

Sobrevindo em 1866 a supressão geral, foi necessário garantir-se com testamentos particulares ou alvarás vitalícios, como até agora fazem as Irmãs que possuem haveres próprios ou recebidos dos parentes. Tais documentos encontram-se nos arquivos da Casa Mãe e pede-se às Superiores locais que não deixem estes costumes, a fim de se livrarem de dificuldades futuras e para não perderem os haveres das Irmãs.

Em 1867 foi possível salvar a Casa de Amedei, de propriedade da Congregação, formando uma sociedade de 11, como podem ver nos papeis do Arquivo. É preciso atenção para que quando estas falecerem, entrem outras por direito de herança.

A Casa de Gênova foi adquirida por cinco religiosas e estas, por testamento, deixam para outras, as quais a seu tempo, farão o mesmo.

A Casa de Quadronno e adjacências foram adquiridas por outra sociedade de Marcelinas, composta de cinco membros. Estas também, no seu testamento, têm o direito de, ao morrer alguma, poderem substituí-la por outra. Neste caso é preciso atenção para que a nova eleita faça logo seu testamento a favor das outras quatro. Assim também a quarta sociedade para a compra da Casa de Cernusco e Vimercate. E para as outras casas, se Deus quiser abrir, serão seguidas as mesmas normas.

Convém que a Superiora Geral tenha uma procuração geral de cada uma das proprietárias para o caso de qualquer eventualidade.

Caras Irmãs, caminhem sempre unidas entre vocês e,

com bom senso, prudência, legalidade, administrem o pouco que temos ajuntado com suor e a grande dificuldade dos tempos.

Aconselhem-se com quem sabe mais, renovem em tempo as hipotecas, os seguros contra incêndios, os contratos; paguem a tempo e exijam o mesmo. Guardem em ordem os arquivos.

Nisto não entre nem vaidade, nem interesses particulares, mas a paz de consciência e o bom andamento da família religiosa, toda consagrada ao bem das almas.

NORMAS E AVISOS SOBRE A INSTRUÇÃO A SER DADA ÀS ALUNAS

As Superiores locais terão cuidado de escolher, entre suas Irmãs, aquelas que têm aptidão para os estudos a fim de prepará-las por professores externos ou por professoras internas e, no momento oportuno, encaminhá-las a fazer os exames para a obtenção de títulos especiais e normais. Assim, cada Colégio terá seus Diplomas e estará na legalidade com os Inspectores. Tal prática salvou-nos até aqui nas fases mais difíceis. Por isso, não a percam jamais de vista. Interessem-se pelo francês, alemão, inglês, bem como pelo desenho e pela música. Deem sempre preferência aos trabalhos femininos e ao bom governo da família.

Para que a instrução das alunas seja uniforme quer nas Casas da Diocese de Milão, quer nas demais, as Irmãs Professoras deverão se ater ao Programa de estudos conhecido por Programa das Marcelinas.

Uma é a Congregação e um, também, deve ser o programa de instrução das Marcelinas.

NORMAS E AVISOS PARA AS SUPERINTENDENTES, VICE-SUPERINTENDENTES E IRMÃS DE VIGILÂNCIA SEMANAL

Por rodízio, uma das Superintendentes ou Vice, será a orientadora e supervisora das Irmãs de “Semana”, para a assistência às alunas durante o recreio. Terminados os cuidados de higiene nos dormitórios, três irmãs de vigilância conduzirão as alunas de seu grupo ao refeitório, descendo por uma das escadas e, outras três, acompanharão as outras alunas, descendo pela outra escada.

Cuidem para que as alunas estejam bem em ordem, asseadas e se dirijam ao refeitório em silêncio. Não permitam que se afastem da fila sem uma licença especial. Advirtam a quem eleva a voz ou faz brincadeiras de mãos, ou joga ao chão papel ou qualquer outra coisa. Conduzidas ao refeitório, cada qual vá tranquilamente ao próprio lugar. Terminada a refeição, as professoras deverão levar as alunas, em fila bem ordenada, à igreja. Aqui também se recomenda silêncio e decoro.

Terminada a S. Missa, as Irmãs de vigilância, com a Superintendente ou Vice, acompanharão as alunas aos diferentes dormitórios ou ao lugar determinado, para guardarem os livros e os véus. Em seguida, as encaminharão às próprias salas de aula.

Dando o sino para os trabalhos, as professoras acompanharão as alunas ao lavatório para lavar as mãos. As assistentes porão em ordem as salas.

Cada classe terá as próprias toalhas, trocadas todas as semanas. Terminando, em fila, voltarão às salas dos trabalhos.

Tocando o sino da Igreja, uma professora acompanhará as alunas, em ordem e uma outra ficará na sala com uma aluna, para guardar os trabalhos.

Tocando o sino do refeitório, as Irmãs para lá irão prontamente. É proibida qualquer demora sem uma licença especial. As alunas serão acompanhadas com ordem e decoroso silêncio.

Terminado o almoço, as Irmãs de semana com as

Superintendentes de rodízio, conduzirão as próprias turmas aos locais destinados ao recreio e não deixarão nunca as alunas, sem que haja outras substitutas, e isto, com a licença da Superintendente.

Ao toque do sino de Vésperas, as Irmãs conduzirão as meninas para lavar as mãos, enquanto uma outra, ficará na sala com uma aluna para guardar os trabalhos.

Ao toque do sino da aula, as Irmãs de semana acompanharão as próprias alunas às salas de aula.

Às 16h30min, intervalo. Liberdade para as Irmãs e alunas para a visita ao S.S. Sacramento, ou para um passeio nos corredores; mas não é permitido às Irmãs de vigilância se afastarem das alunas, a fim de que não haja desordem.

Ao sino do jantar, as Irmãs de vigilância conduzirão as alunas ao refeitório, com ordem e decoro e todas as Irmãs estarão prontas em seus próprios lugares.

Após a ação de graças, se o tempo estiver bom, conduzirão as alunas ao jardim, em quatro grupos distintos. Recomenda-se às Irmãs de vigilância dupla atenção, a fim de que as meninas não comam frutas verdes, não subam em lugares perigosos, não se aqueçam demasiadamente brincando, não façam brinquedos de mão e não falem o dialeto. As Irmãs inventem brinquedos honestos; façam-nas andar para cá e para lá, cantar, brincar, sentar, correr alegremente....

Ao som da campainha, reconduzi-las-ão sob os alpendres ou às salas de recreação. Não despenteadas, sempre em ordem.

Recitarão o terço, devagar e com devoção. Ao sino da Igreja, para lá irão, em silêncio, para as orações vespertinas e depois, com a mesma ordem, irão aos próprios dormitórios. E aqui recomendamos a todas as Irmãs dos dormitórios que assistam, supervisionem as alunas e não permitam que elevem a voz.

NORMAS E AVISOS PARA AS PROFESSORAS DE ESTUDO E DE TRABALHO

As Irmãs professoras que não vão à segunda Missa, terminada a primeira refeição, irão à própria sala para se prepararem às aulas. As professoras de trabalhos manuais também irão para lá, para dispô-los e prepará-los. Tanto a estas como àquelas, recomenda-se grande diligência e espírito de Deus. Não tenham preferências nem para esta nem para aquela; não sejam parciais, não sejam duras! Trabalhem para Deus! Ele abençoará suas fadigas e as premiará!...

A professora seja clara na exposição, paciente para repetir o exposto, complacente com quem pede explicações, mansa com as tímidas, séria com as superficiais, mas, dura e grosseira, com ninguém! A obra é de Deus; não a estraguemos! Se precisarem deixar a sala por qualquer necessidade, avisem a assistente, mas que essas ausências não sejam frequentes, pois seriam prejudiciais às alunas.

As professoras, de qualquer série, sigam o programa de instrução das Marcelinas. Esgotem-no sem ânsia, sem angústia, e não lhe acrescentem coisa alguma com a ideia de melhorá-lo.

Creiam-no, minhas filhas, ordinariamente o melhor é inimigo do bem. As professoras de trabalho cuidem de que cada aluna tenha o próprio e se faltar algo a esta ou àquela, falem à Superiora a fim de que providencie. Com paciente caridade ensinem e dirijam os trabalhos.

No começo do ano mandem fazer meias. Mais para o fim, os remendos, os cerzidos e diversos bordados.

NORMAS E AVISOS PARA AS ESTUDANTES DO CURSO DE MAGISTÉRIO

As Irmãs ou Noviças que forem escolhidas pela Superiora para cursar o Magistério, têm o grande dever de estudar com empenho, a fim de que Deus não tenha um dia que as repreender pelo tempo e dinheiro desperdiçados.

Devem manter-se em grande humildade, a fim de alcançar a graça de ter bom êxito nos estudos. Deus resiste aos soberbos. Ai! Se o orgulho fizer entrada em suas mentes, em seu coração! Nenhuma desanime se tem pouca facilidade para compreender. A boa vontade, a aplicação constante, conseguem muito.

Quando tiverem que se submeter aos exames, preparem-se bem, mas guardem-se da irritação, da ânsia, das angústias. Isto causa prejuízo ao corpo, confunde a mente e a maior parte das vezes, é a causa principal do mau êxito. Apresentem-se com santa indiferença, prontas a fazerem em tudo a Santa Vontade de Deus. Na Casa de Deus há lugar para todas.

De sua parte, empenhem-se para honrar a Congregação que é a causa de Deus.

Recomenda-se a maior distinção no hábito, decência dos modos e grande decoro com os professores. Fiquem comedidas em seus lugares. Interrogadas, respondam com franqueza e clareza. Não façam perguntas inúteis; seria uma perda de tempo na instrução que recebem.

Estão sempre, também, na presença das jovens. Cuidado, pois, para lhes dar sempre bom exemplo.

Amem-se como irmãs. Deus estará sempre no meio de vocês e coroará suas fadigas.

NORMAS E AVISOS PARA AS PROFESSORAS QUE ENSINAM CRAVO E DESENHO

No começo do ano, estas Irmãs tomarão nota de todas as alunas que quiserem dedicar-se a este estudo. Apresentarão, em seguida, a lista à Superiora e, com ela, combinarão o horário e a distribuição das alunas para cada professora.

A professora de cravo estudará para si das nove às onze. De treze às dezessete dará aula; no verão, das seis às vinte horas. No inverno, nas mesmas horas, se for necessário. Siga também as normas das Irmãs Professoras da Escola e de Trabalhos.

Falem sempre em italiano, sejam pacientes, prudentes, cheias de delicadeza, verdadeiras servas do Senhor.

Se alguma aluna faltar na hora marcada, procurem-na, chamem a atenção com delicadeza e usem a criatividade para tornar-lhe caro o próprio dever.

As professoras de desenho darão aula nos dias marcados, isto é, às quintas feiras, das 9h00 às 10h00 no inverno e, no verão, das 8h30min, às 10h00 e das 13h00 às 15h00. Aos domingos, também darão aula, das 10h00 ao meio dia e das 13h00 às 15h00.

Chegando os professores para as aulas, acolham-nos com decoro; tenham sempre junto uma companheira; assistam a aluna que recebe a lição e não permitam prosas inúteis; não peçam nem escutem novidades. Nunca deem aos professores incumbências de qualquer tipo. O que precisarem peçam-no aos Superiores.

NORMAS E AVISOS PARA A IRMÃ QUE FORNECE DIVERSOS OBJETOS ÀS ALUNAS

Anotará no livro próprio, com toda ordem, os fornecimentos feitos a cada aluna, sem ser larga demais para evitar aborrecimentos com os pais. Informe-se se convém dar ou não a esta ou àquela e não faça todas as vontades das alunas.

A distribuição do material escolar seja feita duas ou três vezes por ano e não mais. Para a distribuição dos outros objetos marque um dia por semana.

Anote, no mesmo dia, tudo o que forneceu, se não o registro não será completo. A memória trai muitas vezes e, com isso, o que não se anota, tira-se da Congregação.

Quando for preciso reabastecer, dirija-se à Vice Superiora; recebidas as encomendas, observe diligentemente o preço e se as notas fiscais estão corretas.

Quem desempenhar bem este ofício terá grande merecimento junto de Deus, pois é minucioso e aborrecido.

Procure contentar as Irmãs que pedem alguma coisa, mas se pedirem o supérfluo e o que não for realmente necessário, diga-lhes que o peçam à Superiora.

Não é ela que deverá mandar comprar seja o que for, mas dependerá sempre da Superiora ou da Vice.

NORMAS E AVISOS PARA AS IRMÃS DOS DORMITÓRIOS

Dado o sinal para o levantar das meninas, cada Irmã se apressará a ir ao próprio dormitório. Com bons modos e seriedade, quais verdadeiras mães, ajudem as alunas a arrumar a cama, a se pentear, a ordenar tudo no dormitório e no corredor.

Sejam de exemplo às alunas tratando-se mutuamente como irmãs, com a máxima concórdia, com recíprocos bons modos. Guardem-se de pronunciar palavras baixas e ferinas! Guardem-se por caridade! As meninas absorvem tudo. Avaliem o mal que poderão fazer!

Não castiguem nem esta nem aquela aluna. Façam alguma observação quando erram, a princípio com muita doçura. Se não forem atendidas, fiquem sérias e depois deem relação do ocorrido à Superintendente. Não é permitido aplicar nenhum castigo, sem que o caso seja referido à Superiora.

Os tempos são maus e a moleza dos pais, extrema. O ofício de educar, hoje, se tornou grave. Para nós, Religiosas, o é mais ainda!

A boa educação, os belos modos, o falar ao coração, a caridade de Cristo, vencem os corações mais endurecidos e as naturezas mais viciadas. Estas são as armas das Religiosas. Estes são os meios para se tornarem santas educadoras.

Que desabono seria para as senhoras, que prejuízo para a Congregação, se usassem para com as meninas que lhes são confiadas, modos rudes, ou se ousassem bater nelas! Deus as guarde disso! A que fosse levada a tal excesso, seria deposta imediatamente do próprio ofício.

E isso valha para todas as vezes que se encontrarem entre as alunas.

Tocado o sino da 1ª refeição, procurem estar todas prontas no refeitório. Uma só, por semana, fique para terminar de pôr em ordem, fechar as janelas, as portas e levar as chaves à Superiora. Cuidem que tenha sido tirado bem o pó das cômodas; que as gavetas estejam fechadas; as camas, arrumadas. Que nada haja fora de lugar. Enfim, tenham cuidado

dos pertences das alunas e do que é da Congregação. Procurem fazer tudo com presteza, a fim de poderem tomar a refeição em tempo, para estarem prontas e cuidarem dos outros ofícios.

NORMAS E AVISOS PARA AS PROFESSORAS DA ESCOLA EXTERNA E GRATUITA

É muito delicado e grave o ofício das Professoras das pobres! Delicado, porque têm o grande dever de conservar o máximo decoro e a maior prudência, tratando com meninas que vão e vêm cada dia das próprias famílias. Grave, porque, tratando-se de alunas pobres e rudes, o trabalho é duplo, mas duplo será também o prêmio que receberão de Deus. Instruam-nas, pois, por Cristo, vigiem-nas bem, a fim de que não tragam à escola livros maus ou outras coisas prejudiciais e não mantenham entre si conversas reprováveis.

Assumam o compromisso de ensinar a todas a Doutrina Cristã, o estudo, o trabalho. Também devem cuidar do porte gentil, que não façam brinquedos de mão! Guardem-se de dar a esta ou àquela qualquer incumbência de fora. Não lhes permitam jogos ou diversões sem uma licença especial da Superiora. Todas as manhãs, quando recebem estas pobres filhas, dos pais ou de quem as acompanha, façam depressa e não se detenham em conversas. Da mesma forma se portem quando as entregam à tarde.

Nas horas de recreio, isto é, das 11h30min às 12h30min reúnam-nas todas numa sala e uma professora irá para o almoço, enquanto a outra se deterá para a devida vigilância. Quando a primeira professora voltar, a outra irá fazer sua refeição.

Estas alunas, no inverno, virão à aula às 9h00 e, no verão, às 8h30min. Às 15h30min voltarão às próprias casas. E as senhoras, professoras das externas, assim que as meninas tenham saído, feito o asseio das salas, irão à sala de comunidade para cuidar dos outros ofícios que têm.

Recomenda-se-lhes que não deixem que as alunas debandem no jardim. Peçam-nas ficar no lugar determinado.

A porta seja bem fechada com a corrente e previnam desordens.

O dia de sábado é feriado. No último sábado de cada mês, há a Confissão. Os pais as acompanharão à Igreja Paroquial; no inverno, às 8h00 e no verão, às 7h00.

É proibido, absolutamente, às Irmãs das externas, aceitarem alunas, a não ser as determinadas pela Superiora.

Quanto aos trabalhos a executar, só se permitem camisas, meias e o bordado de algum lenço ou avental.

Os trabalhos executados, antes de serem entregues aos pais das alunas, devem ser levados à Superiora, em um cesto.

O Catecismo será explicado pelo Catequista no dia e na hora determinados pela Superiora.

Nas Casas onde houver externas contribuintes, maior deve ser o esforço das Irmãs e mais assídua a vigilância, tanto mais se elas assistem às aulas com as internas.

O recreio das externas seja sempre separado do das internas.

NORMAS PARA TRATAR COM OS PARENTES DAS ALUNAS

Em geral, não se demorem muito com os pais de suas alunas. Um modo cheio de dignidade, reservado, sem petulância, mas demonstrando sempre afeto para com as filhas que lhes confiaram e interesse pelo seu bom êxito, lhes atrairá a estima de todos.

Não prometam demais, se suas filhas são inteligentes; nem os desanimem muito, se encontram dificuldade. Muitas vezes acontecer-lhes-á ouvir dos mesmos, penas, aflições de família. Quanto bem lhes poderão fazer, dizendo-lhes alguma palavra de conforto, animando-os a ter paciência cristã, com exemplos dos Santos! Mas nisto, caras filhas, não se empenhem muito! Usem de grande prudência com todos.

Fiquem firmes para que as visitas às educandas que residem na cidade sejam às quintas-feiras e domingos, no horário determinado.

Para quem vem de longe e poucas vezes no ano, é preciso fazer alguma exceção; mas estas visitas deverão ser sempre nas salas determinadas para isso.

É terminantemente proibido permitir aos pais que conversem com as próprias filhas nos corredores, no jardim ou em outros lugares, fora das salas de visita.

É justo que quando alguém quiser colocar uma filha no Colégio o visite em todas as suas dependências, bem como nele entre nos dias de exames ou de festividades. Mas isto não é permitido em outras circunstâncias, a não ser em caso de doença. Pensem frequentemente, minhas caras Irmãs, que tem Noviças e tantas juvenzinhas para guardar. Os irmãos de umas não o são de outras e o demônio não dorme, nem nas Casas do Senhor.

Nas salas estarão sempre presentes três ou quatro Irmãs sensatas e experimentadas, além da Superiora local. Será bom que esta, de vez em quando, se deixe ver pelos pais.

Será conveniente, antes que as alunas entrem na sala, que as Irmãs, num quatinho apropriado, vejam se estão bem penteadas, com o calçado limpo e os vestidos em ordem.

Entrando a aluna na sala de visita, incline-se diante de quem lá se encontrar e se sente com garbo junto dos pais. As assistentes às salas, com decoro e santa desenvoltura se detenham um pouco com uma, um pouco com outra, não perdendo de vista a ninguém.

Dando o sino para o catecismo ou para a aula, com gentileza façam compreender que a hora da visita terminou.

Apenas uma menina é acometida por febre ou demonstra mal-estar que as preocupa, avisem logo os pais. É preferível incomodá-los por uma ninharia, antes que dar motivo para que eles pensem que mantiveram escondida a doença.

Se os pais mostram o desejo de levar para casa a filha indisposta, concedam-lho, é melhor. Se acaso tomar, de repente, uma feição de gravidade, não insistam muito que a levem, mas convidem a mãe, ou a tia, ou a avó, que permaneça no Colégio para compartilhar da responsabilidade da cura ou da evolução da doença.

A experiência de tantos anos tornou evidente que este é o melhor caminho a seguir em qualquer dolorosa emergência. É penoso ver morrer uma aluna no Colégio, mas isto faz bem para as alunas e para os pais que ficam edificados pelos cuidados que se prestam às suas filhas.

Sejam firmes em não permitir senão uma saída por mês, mais no onomástico dos pais e uma saída por prêmio para as alunas que foram pontuais na entrada ao Colégio no dia marcado, nas férias outonais.

Cuidado para que as alunas regressem cedo, à tarde. Não permitam o pernoite fora do Colégio, durante o ano, a não ser em caso de doença.

Com gentileza e santa firmeza façam compreender às alunas e aos pais das mesmas que, para dirigir bem um numeroso internato, é preciso que as professoras se imponham grandes sacrifícios e que os pais se atenham à disciplina do Colégio ao qual confiaram as próprias filhas.

NORMAS PARA A ECÔNOMA

A Ecônoma exerce o ofício de Superiora sobre as cozinheiras e sobre quem trabalha na cozinha. A Ecônoma, portanto, deverá ser esperta, decorosa e senhora de si mesma sobre tudo e sobre todas.

Pela manhã, ou na véspera, à tarde, receberá as ordens da Superiora para as provisões do dia e manifestará à mesma as necessidades para qualquer coisa. Receberá as ordens a respeito dos pratos que deverão ser apresentados nas refeições do dia, cuidando da verdura, da adega, a fim de dar as devidas providências em tempo e que tudo seja bem cozido. Provará os alimentos antes de serem servidos. Na distribuição das refeições, o papel da Ecônoma não será o de cozinheira, mas de Supervisora. Dará uma volta no refeitório, uma volta na cozinha, para ordenar a esta, mandar àquela, dispor e regular todas as coisas.

Observará quem não come, quem recusa e avisará a Superiora ou quem a substitui. Seja caridosa, gentil para com todas, mas não introduza abusos e não permita excessivas delicadezas.

Se alguma tem necessidades especiais, a Ecônoma as leve ao conhecimento da Superiora e dela receba ordens a respeito.

Com a licença da Superiora, dará às enfermeiras o que pedem.

Terminadas as refeições, mande retirar as sobras e as mande colocar em lugar fresco e observe que nada se estrague. Cuide para que as cozinheiras e quem faz o asseio do refeitório o façam com toda presteza. Disporá que as cozinheiras de rodízio para a lavanderia, estejam prontas, e as de permanência preparem a verdura. Observe que não tagarelem nem com os colaboradores.

Cumpridos os seus ofícios da manhã, a Ecônoma está livre para ir à aula ou para cuidar de outras coisas, fazendo, porém, frequentes visitas à cozinha para ver se todas cumprem o próprio dever. A Ecônoma deverá sempre tomar o

alimento com as cozinheiras, meia hora antes da Comunidade.

Duas cozinheiras ou assistentes servirão as que comem na primeira mesa. Em seguida, elas também comerão, e a Ecônoma observe que tudo proceda com ordem, sem ânsia, sem angústia e descontentamentos.

É a Ecônoma que deve conceder algo diferente às Irmãs ou às alunas, com a licença ou com a intenção de a pedir à Superiora. Portanto, as Irmãs, querendo alguma coisa, dirijam-se à Ecônoma e nunca à cozinheira. A Ecônoma anotará as pequenas despesas e, no fim de semana, prestará contas à Superiora, do dinheiro recebido e dos gastos feitos.

Cuide de que as cozinheiras tomem uma tigela de sopa quente no almoço ou no jantar, nunca da que é servida na segunda mesa. Antes, prepare-a, propositalmente, para elas.

É absolutamente proibido comer na copa ou em outro lugar. As cozinheiras e a Ecônoma tomarão o alimento na mesa que lhes for designada.

A Ecônoma fará a explicação da Doutrina Cristã às cozinheiras, num dia da semana. Explicará, também, a parte das Normas que lhes diz respeito. Recomenda-se que as forme asseadas, educadas e se, por acaso, ficam tagarelando com as alunas, avise a Superiora.

Tudo o que chega dos fornecedores, deverá verificá-lo ou mandá-lo pesar com exatidão. Conserve seus livros bem ordenados, a fim de que não haja enganos na época do pagamento.

Recomenda-se à Ecônoma grande cuidado com a limpeza dos objetos de cobre. Se preciso, faça-os consertar em tempo. Tudo seja bem ordenado. Tenha cuidado com os pratos, com as tigelas, que sejam bem lavadas e enxugadas. Inculque nas cozinheiras uma justa e bem regulada economia, especialmente da lenha, do carvão, das luzes.

O ofício da Ecônoma é bem pesado e de grande responsabilidade. Uma Ecônoma ativa, de bom coração, imparcial, pode contribuir muito para o bom andamento de uma família religiosa. Filha, peça a Deus que a ajude no seu grave ofício e um dia receberá dEle um grande prêmio.

NORMAS E AVISOS PARA AS PORTEIRAS

Tendo sido já bem explicadas em nossa Santa Regra, bem poucas normas temos a dar. Como as nossas Casas têm muitas alunas, será bom que em vez de uma porteira sejam duas e uma suplente em certas horas determinadas pela necessidade. Essa suplente será a Ecônoma de cada Casa.

Até o meio dia, irá à porta uma porteira. Do meio dia às 17h00, a segunda. No verão, após o almoço, irá de novo a da manhã. À tarde, ambas. Nas horas das refeições, uma semana almoçará primeiro uma e depois a outra. Na outra semana, trocar-se-ão. Cuidem para que ninguém tenha de tocar a campainha duas ou três vezes. Se isso acontecer, por alguma negligência, peçam desculpas, com garbo, a quem teve que esperar e, à Superiora, com humildade. Seja seu empenho acender e apagar as luzes que lhes são confiadas, com grande diligência. Conservem as salas asseadas e ordenadas; bem espanados os móveis e cada coisa em seu próprio lugar.

Malas, cestos, caixas, devem ser colocados no lugar apropriado. Vindo fornecedores com mercadorias para a cozinha, nenhum entre pela Casa adentro. Recebam a mercadoria, despeçam o fornecedor e avisem a Ecônoma. As porteiras, vivam em harmonia entre si, comunicando-se reciprocamente as ordens e os avisos, a fim de que não aconteçam desentendimentos. Onde falta uma, supra a outra e guardem-se de dizer: “Isto cabe a mim; aquilo cabe à outra”... Podem participar das funções da Igreja, mas coloquem-se em lugar em que possam ouvir a campainha.

Não se permita à porteira falar aos pais, entregar as alunas, recebê-las nos dias de férias, sem ordem expressa. Às 21h00 fechem as portas e façam uma visita geral para certificar-se de que todas estão bem fechadas.

Colocadas as chaves na bolsa destinada a esse fim, entreguem-nas à Superiora para as receber, na manhã seguinte, da Irmã encarregada.

A porta externa será fechada por um colaborador.

NORMAS E AVISOS PARA AS ENFERMEIRAS

As enfermeiras serão sempre não menos de duas e, ordinariamente, não mais de três. Nos casos extraordinários, todas aquelas que a Superiora julgar necessárias. Todas as manhãs farão um giro nos dormitórios para ver, para ouvir o estado de saúde das educandas e das Irmãs. Em seguida, avisarão a Superiora. Chegando o médico da Casa, se se tratar de pequena indisposição, conduzirão as pacientes à sala determinada para consulta. Se a indisposta estiver acamada, conduzi-la-ão ao dormitório.

Será bom que estejam presentes à visita as duas Enfermeiras, a Superiora ou a Vice Superiora, a fim de que quem tem responsabilidade, saiba e veja a natureza da doença para avisar a família e, sendo necessário, chamar um especialista.

As doentes serão assistidas pelas Enfermeiras, com grande caridade. Estas cuidarão para que não se introduzam abusos. Se for necessário, velarão a doente durante a noite, substituindo-se fraternalmente. As receitas, as dietas, serão entregues à Ecônoma, que tomará as necessárias providências para que as medicações sejam administradas a tempo. As Enfermeiras não se permitirão, jamais, mandar buscar isto ou aquilo.

Em cada Casa haverá a Enfermeira das alunas e a Enfermeira das Religiosas e um lugar à parte, no fundo do jardim, para doenças contagiosas. Entre estas não serão contadas nem a tuberculose nem as moléstias crônicas.

As Enfermeiras sejam prudentes com as Irmãs. Não lhes falem da gravidade do mal para não as assustar, se forem impressionáveis e, muito menos às alunas.

Mas como a morte vem em todos os internatos e em todas as famílias, será bom que as Enfermeiras, interrogadas, respondam religiosa e sensatamente, isto é: “que os Médicos e as Superiores fazem o que podem, se dedicando de todo o coração, mas que a vida das pessoas está nas mãos de Deus e ninguém pode alongá-la ou encurtá-la um dia sequer”.

Se a doente morre, as Enfermeiras narrem as virtudes,

a paciência, a edificação recebida a fim de que Irmãs e alunas recebam bom exemplo.

Tenham sempre prontas: faixas, gazes, algodão e aqueles instrumentos e objetos necessários para cada acontecimento. Procurem convencer as Irmãs que narrem à Superiora suas indisposições, sempre que a elas recorrem e se lembrem de que o bom andamento da Comunidade depende de que ninguém deixe o próprio trabalho. Cabe-lhes servir as refeições às convalescentes. Na estação oportuna, uma Enfermeira assistirá os banhos medicinais que forem indicados para as Irmãs ou para as alunas e se fará ajudar por quem for determinada pela Superiora. Recomenda-se a modéstia. Que as toalhas e a roupa branca quente estejam prontas quando as Irmãs e as alunas saírem do banho.

A Enfermeira evite usar a água de uma para a outra. Recomenda-se que tudo proceda com higiene, ordem e decoro.

NORMAS E AVISOS PARA AS IRMÃS QUE CUIDAM DA ROUPA

A chefe da rouparia terá duas auxiliares, conforme a necessidade, e com elas trabalhará do seguinte modo: todas as segundas feiras, após o café da manhã, no lugar apropriado, preparará, com as companheiras, a roupa branca usada para entregá-la à lavanderia, anotando, peça por peça, no livro, a roupa que entrega e o número das Irmãs e das alunas que mandam lavar a roupa no Colégio.

Entregue a roupa à lavanderia, as Irmãs irão, prontamente, para as salas da rouparia. Entregarão às Irmãs da cozinha as roupas de cor e, em seguida, dobrarão a roupa lavada.

Após o almoço, se tiverem acabado de dobrar e houver tempo de sobra, ponham-se a passar; se não houver, umedeçam a roupa para o dia seguinte; nas tardes de inverno, reunidas com as outras Irmãs, na sala própria, consertarão a roupa rasgada e, no verão, também se dedicarão nos consertos e remendos.

Às 3^{as}, 4^{as} e 5^{as}, também, durante o dia, passarão a roupa branca e, à tarde, como acima.

Às 6^{as}, após o almoço, uma professora de dormitório, com duas alunas, receberão, no dormitório, a roupa branca passada e a colocarão sobre a cômoda de cada aluna. Isto será sempre feito durante o recreio do meio dia, isto é, da uma às duas. Se, por qualquer circunstância, não tiver sido possível às Irmãs da rouparia desempenharem este dever na 6^a feira e na hora marcada, a chefe do ofício comunicará à Superiora a circunstância e o motivo que impediram tal desempenho. Após o recreio da 6^a feira, se a lavanderia foi pontual, as Irmãs receberão a roupa limpa ou consertarão a rasgada. Sábado de manhã, se tiverem recebido a roupa, a umedecerão e, à tarde, distribuirão a roupa às Irmãs.

Cada ano, em setembro, a roupeira chefe apresentará às Superiores a roupa estragada para ser substituída pela nova. Entregará também as camisas, as saias de verão, para serem revistas, e providenciará a roupa pessoal de inverno.

No fim de abril apresentará à Superiora a roupa branca pessoal de inverno, para que seja consertada; separará a gasta para o verão e fornecerá a nova para o inverno.

Recomenda-se à chefe de ofício que a roupa de mesa seja trocada duas vezes por semana, a de cama uma vez por mês e a pessoal quando for necessário.

Recomenda-se à chefe de rouparia e às auxiliares de não permitirem conversas inúteis e participação de alunas; firmeza, silêncio e oração são, também, pedidos pela Regra e muito necessários à salvação das almas e no exato cumprimento da missão que lhes é confiada.

Cuidem de tudo, não deixem estragar a roupa, não gastem inutilmente o carvão, pois o que sobra é dado aos pobres.

NORMAS E AVISOS PARA AS IRMÃS VESTIÁRIAS DAS ALUNAS

As Irmãs vestiárias deverão estar sempre prontas a dar o uniforme às alunas que devem sair e guardá-lo quando voltam.

Guardarão os uniformes e os chapéus, depois de tê-los escovado e verificado estarem em perfeita ordem. Avisarão as Irmãs da rouparia quando faltar alguma coisa para as alunas. Terão grande cuidado com os uniformes, com os colarinhos, com os chapéus, sem confusão, dando sempre a cada uma o seu. Às senhoras é confiada, às vezes, a honra, o bom nome do Colégio.

Não deixem que nenhuma saia de casa sem estar em perfeita ordem em toda a pessoa; recomenda-se isto encarecidamente.

Vejam, também, que a aluna esteja limpa no pescoço, nas mãos, nas orelhas e que esteja bem penteada.

Será grande a sua recompensa se fizerem tudo com amor e pelo Senhor!

NORMAS E AVISOS PARA AS IRMÃS QUE CONSERTAM AS MEIAS

As que consertam as meias das alunas, no inverno, ocupem-se disto à noite e, no verão, depois do almoço.

Nesta estação, poderão chamar as alunas das classes superiores para ensiná-las, com paciência, a consertar a roupa.

Recomenda-se a quem conserta as meias das Irmãs de deixar sempre prontas as meias de linha, para entregá-las todas no fim do mês de outubro à Irmã da rouparia, na presença da Superiora: prepare também as meias fora de uso para receber as novas.

No mês de maio, fará a mesma coisa com as meias de lã preta.

As duas Irmãs que se ocupam das meias das alunas, deverão ajudar a Irmã roupeira logo que tenham tempo.

NORMAS E AVISOS PARA AS SACRISTÃS

As Sacristãs serão duas, mais uma ajudante.

Todas as tardes prepararão o vinho, a água, o altar, tudo o que for necessário para a S. Missa.

Saindo da Sacristia, o Celebrante da Primeira Missa, uma das Sacristãs preparará a Segunda Missa.

Às 11h30min, uma das sacristãs, por turno, irá à Sacristia para ver se tudo está em ordem. O mesmo fará durante as Vésperas.

Fará limpeza na Igreja duas vezes por semana, isto é, às quartas-feiras e aos sábados. Espanará os bancos, os quadros e o altar, todos os dias.

Quando o tempo estiver bom, arejará a Igreja, bem como os armários, para conservar os paramentos e terá cuidado de tudo, como de objetos que servem para o Culto Divino. Em um livro apropriado anotarà a roupa branca, os paramentos e tudo o que lhe for entregue.

Durante as férias de outono, apresentará à Superiora uma relação da roupa que deverá ser substituída, os paramentos a consertar ou refazer e tudo o que for preciso.

Na novena de cada solenidade, apresentará à Superiora a relação das velas a serem adquiridas; nunca mais do que o necessário.

Cuide da economia. Ame o decoro, mas não esqueça a pobreza. Conserve tudo bem limpo, os candelabros polidos, eretas sejam as velas, os vasos em ordem, alva e bem passada a roupa branca, escovados, dobrados e bem cobertos os paramentos sacros e pense que as sacristãs fazem o ofício dos Anjos no Céu.

Chegando o Confessor, a Sacristã avise a Superiora. Faça o mesmo quando ele sair.

Guardem-se as Sacristãs de conversar com os Confessores, com os Capelães e com os coroinhas, sem uma licença especial da Superiora. Conseguida a permissão, estejam sempre duas presentes.

Quanto ao preparar as diversas solenidades e funções

sacras, atenha-se ao Ordo.

Cuide dos livros, dos ofícios. Distribua-os às Irmãs e retire-os oportunamente. Coloque-os em lugar fechado e peça que os mande encadernar, quando preciso.

NORMAS E AVISOS PARA AS COSTUREIRAS

Todos os sábados, as Costureiras darão conhecimento à Superiora das costuras executadas e procurarão novas para a semana seguinte, mostrando a necessidade de vestuário para as Irmãs e as alunas.

As costureiras, após a primeira e a segunda refeição, se reunirão em sua sala e farão os trabalhos que lhes foram determinados, dirigindo aquelas que lá costuram roupas brancas.

Após o almoço, tanto no inverno como no verão, reunir-se-ão, com seus trabalhos, na sala de recreio.

Terminados os uniformes das alunas, revistarão os hábitos das Irmãs, a fim de os consertar ou renovar, se for preciso. Durante o inverno, prepararão as capinhas e os hábitos para o verão; e durante o verão, examinarão os forros, as saias, os hábitos e as capinhas para o inverno. Depois de os terem escovado, colocá-los-ão nos armários, a fim de os preservar das traças.

Feito isto, darão relação de tudo à Superiora que, no livro apropriado, anotará os hábitos e as capinhas de que as Irmãs precisarão para cada estação.

Em abril, confeccionarão os hábitos novos de verão; em setembro e outubro, os de inverno.

Dever das costureiras é o de retirar os hábitos, os aventais e as capinhas que não servem mais e de ter cuidado de tudo: forros, panos, fitas, colchetes, botões, etc. Em uma casa bem organizada nunca falta o necessário. Até aqui o Bom Deus nunca nos faltou com seu auxílio. Mas se entrar a negligência, a desordem, as pretensões, tudo ruirá.

Cada Costureira cuide, de coração, do próprio ofício e será abençoada por Deus e pela Comunidade. Lembrem-se de ter um livro apropriado para nele anotar as peças que recebem da modista, dos fornecedores e conservem as faturas que entram, quer para as alunas, quer para as Irmãs.

Será cuidado das costureiras que as Irmãs, por turno de ofício, escovem e limpem os hábitos, as capinhas e os aventais, ao menos um dia por semana.

NORMAS E AVISOS PARA AS IRMÃS ASSISTENTES NO REFEITÓRIO

Duas Irmãs designadas pela Superiora farão a distribuição do pão no refeitório. Recomenda-se-lhes o asseio pessoal, a prontidão em servir e o cuidado para não estragar o pão.

A todas as Irmãs recomenda-se fazer com que as alunas estejam à mesa com decoro, comam devagar, comedidas, que lhes seja dado o necessário e sejam servidas com prontidão.

A Ecônoma, ou a Superiora ou a Vice Superiora, ou a Superintendente, estará no refeitório, a fim de que tudo proceda com ordem.

Cada Irmã de mesa tenha grande cuidado com os talheres e os guardanapos, para que cada aluna tenha o próprio. Ocupe-se das xícaras, das jarras, das garrafas da própria mesa. Se se quebrar a louça, avise a Ecônoma para que a encomende ou renove.

Esteja atenta para que as toalhas e os guardanapos, bem dobrados, estejam na gaveta da própria mesa. O refeitório deve ser bem conservado, tanto nas horas das refeições como nos outros tempos.

Enquanto varrem, as janelas estejam abertas. Fechadas no inverno, abertas no verão, com as venezianas fechadas e abertas em tempo oportuno, de maneira que o refeitório fique bem ventilado.

Não joguem muita água no chão que deve ser lavado de dois em dois meses, no verão e, mais raramente, no inverno.

NORMAS PARA AS COZINHEIRAS

Todas as cozinheiras terão por turno a semana para preparar, dispor os alimentos com a Chefe Cozinheira, ambas sob a vigilância da Ecônoma e as ordens da Superiora. A Cozinheira da semana será responsável por tudo. Esteja bem atenta às ordens. Todas aprendam a cozinhar bem.

As Cozinheiras levantar-se-ão pela manhã com as outras Irmãs e com elas irão à Igreja para as orações da manhã e a Santa Missa. Duas, porém, por turno, feitas breves preces, irão à cozinha para preparar o café. Levarão as tigelas ao refeitório. Prepararão a refeição da Comunidade. Reunirão as sobras de carne ou de outros alimentos na mesa apropriada.

Meia hora antes da chegada das alunas, todas, com a Ecônoma, tomarão a primeira refeição. Nenhuma se afaste por qualquer motivo. Terminada a refeição, limpem a mesa, preparem-na para as alunas e disponham a refeição para quem come alimentos sólidos.

Ao toque da campainha para a refeição, duas por vez, sejam pontuais no refeitório com a panela e sirvam com presteza a cada uma; uma outra cozinheira, com uma panelinha, sirva as alunas e as Irmãs que estiverem no refeitório.

Uma quarta cozinheira sirva aquelas que tomam uma refeição diferente; uma quinta sirva as Irmãs e duas ocupem-se com o preparo dos alimentos.

A Irmã enfermeira ajudante pedirá à Ecônoma o que lhe for necessário para as Irmãs e alunas doentes ou convalescentes e irá servi-lo às mesmas.

Outra funcionária, depois de ter tomado a refeição, limpa os candeeiros.

Quem não tiver participado da primeira missa, irá à segunda, mas depois de ter colocado em ordem o refeitório com as Noviças. Em seguida, cada uma atenderá ao próprio ofício. Segunda, terça e quarta-feira, duas por vez, menos a cozinheira chefe, irão para a lavanderia e as outras ocupar-se-ão com o preparo das verduras. Lavam a louça e cozinham os alimentos.

Às 11h30min, segunda refeição para todas as

cozinheiras, para as auxiliares da rouparia e para a Ecônoma. A Ecônoma tenha cuidado de, no inverno, preparar algo quente para esta primeira mesa e que tudo proceda com ordem a fim de que tudo esteja terminado para a hora da refeição da Comunidade.

Com a mesma ordem, serão servidas as alunas no refeitório. Depois da sopa, quatro Irmãs colocarão, sobre a mesa, travessas com os alimentos e outras servirão, com elegância e prontidão, as Irmãs e alunas.

Enquanto isso, outras retirarão da mesa, usando tabuleiros, tigelas e pratos vazios, que serão levados à copa. Terminada a distribuição e retiradas as sobras, quatro cozinheiras, com as Irmãs destinadas para esse trabalho, colocarão em ordem o refeitório.

Uma Irmã fará a limpeza da cozinha e outras lavarão os pratos e as panelas; em seguida, almoçarão.

As cozinheiras não irão às Vésperas, mas, mais tarde, poderão fazer a Visita ao Santíssimo Sacramento uma, duas ou três de cada vez, como for mais cômodo.

Às 16h30min, primeira mesa; as cozinheiras, as auxiliares, a Ecônoma, na segunda refeição. Terminado o jantar, retiradas as sobras, duas Irmãs auxiliares reordenarão o refeitório com as outras Irmãs para isso designadas.

Estando tudo em ordem, no inverno, as cozinheiras irão à sala de recreação com as outras Irmãs; no verão, algumas Irmãs cozinheiras, poderão ficar na cozinha para preparar a verdura ou ir à horta para a colher. Após o jantar, uma cozinheira por turno ficará de plantão na cozinha para qualquer necessidade da Comunidade. Farão a meditação com as Irmãs, exceto a que está de plantão de manhã ou à tarde.

Recomenda-se a todas ordem, exatidão e obediência.

Dentre as cozinheiras, haverá a que se ocupará do galinheiro, a do vinho e a da despensa.

Que todas se mantenham asseadas, com os hábitos limpos, os cabelos em ordem. Mudem o avental de cozinha duas vezes na semana. É-lhes proibido usar tamancos, chinelos na cozinha e no refeitório. Podem usá-lo na lavanderia e quando

lavam o chão. Fora disso, devem usar calçados engraxados e bem amarrados.

Lembrem-se de que o decoro do Colégio exige das senhoras ordem, asseio e exatidão em tudo.

Não se detenha nunca a falar com as alunas ou com as empregadas. Devendo ir ao jardim, por qualquer motivo, nunca irá uma só, mas duas ou três juntas. Observem o silêncio e o meio-silêncio nas horas determinadas pela Regra.

Sejam gentis para com todos. Respeitem as Irmãs. Procurem ter bons modos, educação no trato e maneiras civis no falar.

É proibido dar as sobras da comida a quem quer que seja. Essas sobras devem ser reunidas e a Ecônoma avisará a Superiora a fim de que faça delas o uso que quiser.

CARISSIMAS FILHAS MARCELINAS

Pela experiência destes trinta e seis anos, a Madre Superiora recolheu e compilou este Habbitudinário, a fim de que sirva de norma a bem observar a Santa Regra e a bem desempenhar os deveres dos vários ofícios. Examinei-o. Achei-o ditado pela justa prudência, claro e adaptado às suas necessidades. Deixei-o na sua forma original e o proponho à sua observância exata. Assim, caminharão como um corpo só, em um só espírito, para a santificação de suas almas e das dos outros.

Considerem os avisos de São Paulo (II Tim, 2) “Em uma grande casa há vasos de ouro e vasos de prata, de madeira e de barro. Uns servem para fins nobres; outros para fins baixos. Mas, quando estes são conservados bem asseados e em ordem, eles também poderão ser muito úteis no serviço do Senhor”. Assim diz o mesmo Apóstolo (I Cor 12) “O corpo é um, mas tem muitos membros. Os pés, os ouvidos, os olhos... Deus colocou cada um dos membros no corpo; muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: ‘Não preciso de você’. A cabeça não pode dizer aos pés: ‘Não preciso de vocês’. Ao contrário, os membros que parecem ser os mais fracos, são os mais necessários. Se um membro sofre, todos os membros padecem também, e se um membro é honrado, todos os demais participam de sua alegria”. Com este espírito gozarão de paz, serão edificantes e garantirão a vida eterna.

Pe. Luigi Biraghi

Milão, 25 de fevereiro de 1875.

FINALIDADES E REGULAMENTO DO PEQUENO SEMINÁRIO FEMININO ORGANIZADO PELO INSTITUTO DAS IRMÃS MARCELINAS

Pela falta de fé e de firmes e santos princípios nas famílias cristãs (por causa também da maldade dos tempos), as jovens não se formam, por certo, a princípios sadios, na fé inabalável e, menos ainda, nos deveres religiosos e na verdadeira piedade, coisas que todos lamentam e detestam por suas tristes consequências. O mundo foi sempre mundo, mas há momentos em que a maldade humana e os princípios maléficos, estão em efervescência. Parece-me que, atualmente, seja assim. Em meio, porém, a tanta loucura e hedonismo, sem pensar na eternidade, verdadeira chaga do século XIX, Deus ainda olha com benignidade para a humanidade tão pervertida. Jamais se viram tantas obras boas, jamais tantas ordens religiosas femininas suscitadas aqui e ali para assistirem a idosos pobres, para cuidar dos enfermos, para recolher as transviadas, para ministrar a instrução. Em nosso século, vemos milhares de Institutos de fundação recente. Ordens pouco numerosas e não por certo como os Beneditinos, os Dominicanos, os Capuchinhos; nem como as Teresianas, as Salesianas e outras dos séculos passados. Mas, quem poderá negar o bem e as vantagens que oferecem à sociedade os recentes pequenos Institutos monásticos? Por tudo seja Deus louvado. Ele conceda a todas as atuais Casas religiosas a graça de progredirem sempre para o melhor, no desempenho sagrado dos próprios deveres, na santidade da vida e em servir, para melhorar a pobre humanidade.

Entre estas Ordens, há a nossa das Irmãs Marcelinas, que conta já mais de meio século de vida. A direção de tantos anos, os pensamentos graves, as fadigas suportadas, as angústias sofridas, impelem continuamente a quem se encontra na chefia de qualquer empresa, quer humana, quer santa, que tente tudo e colha toda circunstância própria para melhorar a obra pela qual se empenha. Ao olhar perscrutador, não passa despercebido que as dificuldades dos tempos, a demasiada

familiaridade entre filhos e pais, a forte tendência à insubordinação, os jornais e a liberdade da imprensa, poluíram, por assim dizer, a atmosfera do mundo. Influxo maligno que penetra até no seio das famílias mais cristãs, não ficando isentos nem os Santuários! Há, ainda, jovens, tocadas pela graça de Deus, reservadas e piedosas. Sentindo-se chamadas à vida religiosa, provadas, martirizadas inclusive pelos pais para consagrar-se ao Senhor, são, finalmente, aceitas e entram nos recentes Institutos. Mas que êxito conseguem estas moças? Não direi de todas; há exceções, mas permitam que lhes mostre qual é a chaga e o estrago que se podem dar nestes novos Institutos. Nunca vi, como de 20 anos a estes dias, saírem Irmãs de um Mosteiro para entrar num outro, por espírito de maior perfeição, mas que causaram grande tribulação ao Instituto que deixaram! Demitir-se da Casa Religiosa para viver independentes, se possuem dinheiro, ou voltar à família, por motivos de saúde. Casos não frequentes em Milão, mas em Gênova e alhures, são de todos os dias! As Irmãs de muitas Ordens recentes, não há ano que não sofram diminuição; algumas, deixando-as por vontade própria; outras, despedidas para o sossego da Instituição. Bom para nós que, em 50 anos, só contamos 5 destes casos e nada mais! Assistamos Deus, sempre! Bom Deus! Será que nessas novas Ordens não há espírito, não há obediência, não há piedade?! Não, minhas queridas. São edificantes, podem crê-lo. Há grande observância da pobreza (todos têm tão pouco dinheiro!). Nada há a dizer sobre os bons costumes. Vida perfeitamente comum: não há mais panelas e panelinhas e níveis sociais como nos séculos passados! Mas, então, por que muitas se enfadaram do Convento e o abandonam ou são despedidas? Porque aquele bendito EU não foi educado na infância. Por causa daquele Tu e Ti com os pais. Pela influência nefanda dos ares maléficos do século. Pela empáfia literário-científica. Pela meada confusa da instrução que receberam nas escolas públicas. Pelo demasiado apego ao próprio físico. Por isso tudo, tornam-se pouco submissas, orgulhosas e insofridas nos pequeninos incômodos inerentes à nossa condição

humana. Intolerantes a qualquer peso ou submissão. A vida de obediência é para elas um jugo demasiado duro. Passados os primeiros fervores, as pobrezinhas almejam o poder. Daí, seus males e sua ruína. As nossas cinco, eu as vi todas virem bater à porta para serem readmitidas. Outras, com cartas dolorosas, pedindo ajuda. Mas a determinação tomada foi longamente meditada e justa; todas receberam resposta negativa. Uma morreu no Hospital, por nós socorrida na medida do possível. As outras, vivem de maneira não má, mas paupérrima.

Em 1879, tendo ficado só no leme, pela morte de nosso Venerado Superior, rezava, torturava-me o cérebro a fim de descobrir um modo de conduzir as Noviças a ter bom espírito, a levar vida de obediência, de humildade, amantes do sofrimento, de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo, nosso Salvador. E, para melhor alcançar o fim desejado, pensei em formar um Semináriozinho feminino, aceitando, na ocasião, 6 meninas dos 13 aos 15 anos, de famílias direitas, que mo pediam, estando os pais dispostos a declarar, que as cediam, renunciando ao direito sobre as mesmas (sendo elas menores) e prontos a retirá-las caso não fossem achadas idôneas para o Instituto ou caso as mesmas não quisessem ficar conosco. Deus abençoou a obra. O pequeno Seminário, dentro em breve, recebeu 12 meninas, com bom resultado: 2 para o trabalho, 2 pianistas e 8 para os estudos. Isto me animou a continuar a obra de caridade. Em 12 anos o meu Semináriozinho recebeu 40 jovens. Entre estas, 3 foram despedidas e 4 não quiseram continuar no Instituto. Mas as 32 restantes, compensam o trabalho e animam a obra. Muitas destas fizeram os exames de Magistério e duas, até conseguiram diplomas Universitários. O novo ano de 1891, que conta 15 jovens, promete bem. Encontrando-se entre elas algumas muito inteligentes, organizamos um Ginásio em que aprendem latim e fazem estudos clássicos sob a direção de ótimos professores. Tendo tempo, poderão submeter-se aos exames de Magistério. Assim formaremos professoras bem instruídas. Mas não é só este o escopo de minha nova, dispendiosa e árdua empresa. Mas sim, tirar do mundo corações jovens não estragados pela peste dos tempos. É o desejo

de as tornar cultas, mas também virtuosas, com o sacrifício próprio, como verdadeiras esposas de um Deus Crucificado.

Meu coração se dilata ao ver estas minhas primeiras jovens, saídas do citado Semináriozinho Marcelino, humildes, bondosas, ativas, todas empenhadas para o bem das almas. Zelasas nas aulas. Claras na exposição. Pacientes em repetir, jamais cansadas de trabalhar. Submissas às anciãs. Humildes com suas iguais. Sem pretensões. Fervorosas na Igreja. No recreio, jamais põem em relevo o seu saber. Têm em si o germe da disciplina e a sabem manter! Todas as Casas as desejam e as coirmãs são felizes de tê-las. Criadas, por assim dizer, à sombra do Santuário, o Senhor Deus, antes que eu feche os olhos, deus-me a grande recompensa de poder ver estas queridas jovens, que competem no espírito, minhas primeiras companheiras do Instituto.

Caríssimas Irmãs Marcelinas e diletíssimas filhas, não deixem cair esta obra! Fechariam a fonte de que jorra tanto bem, Irmãs bondosas, piedosas, observantes, distintas professoras, para receber, em seu lugar, indivíduos mal preparados, orgulhosos pelo próprio saber, insubordinados e pior ainda!

Não quero ofender a ninguém. Há exceções. Entre os protestantes também há bons, retos, piedosos. Mas minha asserção é verdadeira. Compreendo, minhas diletíssimas. Uma Superiora Administradora deve ponderar e calcular tudo: a despesa para tal obra é verdadeiramente grande para nós! A despesa com os Professores de um Curso de Magistério e Universitário, chega a 5.000 francos por ano! Outro tanto, para a manutenção das jovens seminaristas, que, em geral, não são ricas. Dez mil francos por ano, para nós, pobrezinhas, que não possuímos senão as casas e os nossos braços, é uma despesa que faz pensar! Mas, viva Deus, sempre fiel em Suas promessas! Há 12 anos que continuo a despesa. Será que nosso Instituto se tornou mais pobre? Sustentamos o ônus de dois novos Educandários e ampliamos os velhos. De que serve ajuntar dinheiro, adquirir terrenos e títulos? Virá o verme de um novo revés político, que nos usurpará tudo, ou o verme moral na família que, sabendo que somos ricas, não quererão

mais trabalhar, nem dar aulas, nem se prestar para tantas obras de caridade, como, nós, pobres velhas, sempre fizemos. É este verme e não a despesa que conduzirá à ruína este nosso pobre Instituto!...

Portanto, minhas diletíssimas, continuem a nossa obra. Não recusem a juvenzinha, filha de pais cristãos, que procura vir convosco, a fim de que não se perca no ar pestífero do mundo! Apresentadas as condições aos pais e à filha, tendo feito a prova, se não for encontrada idônea para nosso Instituto, despeçam-na livremente, mas ROGO e INCULCO A TODAS que conservem, no meu Semináriozinho, ao menos 15 jovens, se querem que Deus abençoe e propague o Instituto. Acrescento aqui o REGULAMENTO PARA AS MESMAS:

VESTIDO: Não de Religiosa nem de Educanda.

ALIMENTAÇÃO: como a Comunidade, em mesa à parte. Não haja comunicação alguma com as alunas.

DORMIR E INSTRUÇÃO: separadas das alunas.

LEVANTAR: quando dá o sino para as alunas. Arrumar o próprio quarto. Fazer os serviços determinados.

RECREIO: entre elas e não com as educandas.

ESTUDO: tarefas, lições, sempre na sala que foi determinada. Grande atenção ao desempenho dos trabalhos escolares. A Mestra das Noviças não as perderá de vista e a Mestra assistente dos estudos não poupe os avisos e advertências e dê conhecimento à Superiora de toda falta que notar. Asseadas e bem ordenadas na pessoa, a Mestra as repreenda e as forme à virtude, à piedade, ao saber. Pensem que Deus pedirá contas destes tesouros que lhes foram confiados e de que deverão cuidar para Ele.

DEVERES DE PIEDADE: rezem as orações no próprio quarto. Após a primeira refeição, participem da S. Missa e façam a meditação com as alunas. Às 11h45min, se não tiverem aula, permite-se que vão à Igreja, com as Irmãs. Isto vale também para as Vésperas, às 14 horas. A visita será feita em um tempo livre de 12 minutos. À tarde, participam com as Irmãs da meditação e recitação do ofício. Confessar-se-ão no sábado, à tarde. A S. Comunhão, aos domingos, nas

solenidades e nas primeiras sextas-feiras de cada mês, para lucrar a indulgência Plenária. Não se permite maior frequência, a não ser por prêmio especial por elas merecido.

A juventude e a contínua aplicação aos estudos necessitam de muitos cuidados, e o primeiro é de deixá-las dormir alguma hora a mais, tão necessário aos nervos fracos. Também o fervor juvenil deverá ser refreado, caso contrário, atingidos os 16 anos de idade, vê-las-emos enfadadas no bem e privadas de virtude. Certa parcimônia na alimentação excita o apetite, assim, é preciso retê-las no bem, a fim de que tenham a sede de conquistá-lo. Tenham o cuidado, pois, de conservar a ordem traçada aqui. À medida que a jovem seminarista se adiantar na virtude, a Mestra das noviças, atendendo às ordens da Superiora, concederá algo mais na piedade a fim de, pouco a pouco, formá-las boas e fervorosas religiosas. E vocês, minhas diletíssimas Seminaristas, façam tudo para se tornarem tais, não só com as Comunhões, pregações e preces, mas sendo obedientes, amantes do sacrifício, exemplares no cumprimento dos deveres, de bom exemplo em tudo. O Senhor as abençoe e lhes conceda muitas graças!

É absolutamente proibido que as jovens deste Seminário saiam com os pais e, muito menos, nas férias. Estas saídas concedem-se às alunas; caso contrário, nos tempos atuais, nossos Educandários estariam vazios. Mas, para as jovens que educamos para nós, são absolutamente proibidas. Um só dia destruiria o bem de tantos anos em seu favor e para a sua vantagem. A quem não quer se ater a tais regulamentos, abram a porta e acolham outras que o Senhor lhes mandará sempre. Permite-se que os pais visitem suas filhas uma vez por mês e esses encontros sejam sempre assistidos pela Mestra das Noviças.

Afeiçoadíssima

Marina Videmari

Quadronno, 15 de janeiro de 1891.

INDICE

CAPITULO I –

Retiro espiritual – indecisões – decisão 09

CAPITULO II -

Permanência em Monza – Preparação para os
exames para a obtenção do Diploma – Projeto
de Fundação de um novo Instituto Religioso 12

CAPITULO III -

Estágio em Milão para a Pedagogia-
Exame para obtenção do Diploma 16

CAPITULO IV

Duras provas – Insegurança –
Desânimo – Um pouco de luz 19

CAPITULO V

22 de setembro de 1838 – Início do Instituto
das Marcellinas em Casa alugada, em Cernusco 21

CAPITULO VI

Mudança para o novo Edifício – Autorização Escolar –
Desânimo do Superior 25

CAPITULO VII

Aquisição e fundação da Casa em Vimercate 32

CAPITULO VIII

Auxílios – Duras provas no desempenho
do Magistério – Resultados consoladores 36

CAPITULO IX

Ardente desejo de aprovação eclesiástica -
Tentativas feitas - Contratempo político 39

CAPITULO X

Desgostos – Novas providências para obter
a aprovação civil e Eclesiástica – Êxito feliz 43

CAPITULO XI

Preparativos – Festa Religiosa – Entrega da Regra 46

CAPITULO XII

Protetor Leigo do Instituto – Projeto –
Fundação de uma nova Casa Em Milão 49

CAPITULO XIII

Censuras – Grave desgosto – Oferta – Fundação de
Nova Casa em Via Amedei 51

CAPITULO XIV

Incerteza do andamento de Amedei –
Assistência ao Hospital dos Feridos em S. Lucas –
Preocupação pelo Patrimônio do Instituto 54

CAPITULO XV

Providências inesperadas – Hipoteca Legal dos dotes –
Renovação dos Exames 58

CAPITULO XVI

Viagem a Roma – Supressão das Ordens Religiosas 61

CAPITULO XVII

Sociedade privada – Aquisições – Propriedade Biraghi 65

CAPITULO XVIII

Impulso para abrir uma Casa em Gênova – Desgostos 67

CAPITULO XIX

Transferência de uma Superiora – Grande ensinamento 70

CAPITULO XX	
Aquisição de um Chalet em Chambery	74
CAPITULO XXI	
Últimos dias e morte do Venerado Monsenhor Biraghi 1879.....	77
CAPITULO XXII	
Angústias e temores	84
CAPITULO XXIII	
O Cardeal Alimonda Protetor do Instituto	85
CAPITULO XXIV	
Expulsão das Marcelinas de Chambery	88
CAPITULO XXV	
Uma filial em Gênova	91
CAPITULO XXVI	
Proposta e Aceitação para dirigir um Educandário Municipal e Regional em Lecce	92
CAPITULO XXVII	
Audiência de Sua Santidade Leão XIII	95
CAPITULO XXVIII	
Conclusão	99
CAPÍTULO XXIX	
Falecimento da Venerada Fundadora	103
NORMAS DAS IRMÃS MARCELINAS	105
Normas e Avisos à Superiora Geral e Mãre da Congregação	108
Normas e avisos para a eleição da Superiora Geral e das Superiores Locais	112

Normas e avisos para a Superiores Locais	113
Conduta que devem ter as Superiores locais com o pessoal da Casa que presidem	118
Normas para a Vice-Superiora	120
Normas e avisos para a Mestra das Noviças	122
Normas e avisos para Irmãs que devem mudar de ofício ou de Casa	124
Normas e avisos para as Irmãs Auxiliares da Superiora na Administração	126
Normas e avisos parciais e gerais em relação ao patrimônio das Irmãs e da Congregação	128
Normas e avisos sobre a Instrução a ser dada às alunas	130
Normas e avisos para as Superintendentes, Vice-Superintendentes e Irmãs de vigilância semanal	131
Normas e avisos para as Professoras de estudo e de trabalho	133
Normas e avisos para as estudantes do Curso de Magistério	134
Normas e avisos para as Professoras que ensinam cravo e desenho	135
Normas e avisos para a Irmã que fornece diversos objetos às alunas	136
Normas e avisos para as Irmãs dos dormitórios	137
Normas e avisos para as Professoras da Escola Externa e gratuita	139
Normas para tratar com os parentes das alunas	141
Normas para a Econômica	143
Normas e avisos para as Porteiras	145
Normas e avisos para as Enfermeiras	146
Normas e avisos para as Irmãs que cuidam da roupa	148
Normas e avisos para as Irmãs vestiárias das alunas	150
Normas e avisos para as Irmãs que concertam as meias	151
Normas e avisos para as Sacristãs	152
Normas e avisos para as costureiras	154
Normas e avisos para as Irmãs assistentes no refeitório	155
Normas para as cozinheiras	156
Caríssimas Filhas Marcelinas	159

Finalidades e Regulamento do pequeno Seminário Feminino organizado pelo Instituto das Irmãs Marcelinas	160
--	------------

Impressão terminada em setembro de 2019
Por: Efetiva Soluções Gráficas
São Paulo, SP